



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO  
DA SAFRA BRASILEIRA**

**grãos**

V. 5 - SAFRA 2017/18- N. 4 - Quarto levantamento | **JANEIRO 2018**



**Presidente da República**

Michel Temer

**Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)**

Blairo Maggi

**Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)**

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

**Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)**

Jorge Luiz Andrade da Silva

**Diretoria de Gestão de Pessoas (Digepe)**

Marcus Luis Hartmann

**Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)**

Danilo Borges dos Santos

**Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)**

Cleide Edvirges Santos Laia

**Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)**

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

**Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)**

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

**Gerência de Geotecnologias (Geote)**

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

**Equipe Técnica da Geasa**

Bernardo Nogueira Schlemper

Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

**Equipe Técnica da Geote**

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Mayanne Silva (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

Jade Oliveira Ramos (estagiária)

Kelvin Andres Reis (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

**Superintendências Regionais**

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO  
DA SAFRA BRASILEIRA**

**grãos**

V. 5 - SAFRA 2017/18 - N. 4 - Quarto levantamento | **JANEIRO 2018**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 5 Safra 2017/18 - Quarto levantamento, Brasília, p. 1-132  
janeiro 2018.

Copyright © 2017 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)  
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.  
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>  
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro  
Publicação integrante do Observatório Agrícola  
ISSN: 2318-6852

#### Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)  
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)  
Mozar <sup>d</sup> Araújo Salvador (†ime†)  
Candice Mello Romero Santos (Suinf)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)  
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)  
Bruno Pereira Nogueira(Gefab- algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)  
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)  
Artur de Albuquerque (Gerpa - milho)

#### Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jactã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszyński, Rafael Arruda (MT) Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valentim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Luiz Vissoci (PR); Hélcio Freitas, Thiago Miranda, Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niecio Ribeiro (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano IUIS gRARDI (rs); Cezar Rubin, Ricardo Oliveira, Ricardo Paschoal, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzenaide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO)

#### Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri) ; Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Faeb); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretária Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

#### Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)  
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)  
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

#### Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

#### Fotos

Superintendência Regional do Piauí

#### Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

#### Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)  
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013- ) – Brasília : Conab, 2013-  
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007- ).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

# SUMÁRIO



**1. Resumo executivo** ..... 8



**2. Introdução** ..... 10



**3. Estimativa de área plantada** ..... 12



**4. Estimativa de produtividade** ..... 16



**5. Estimativa de produção** ..... 20



**6. Crédito rural** ..... 23



**7. Análise climática - Inmet** .....30



**8. Análise das culturas** ..... 35

8.1. Culturas de verão ..... 35

8.1.1. Algodão ..... 35

8.1.2. Amendoim ..... 40

8.1.3. Arroz ..... 45

8.1.4. Feijão -----	52
8.1.5. Girassol -----	69
8.1.6. Mamona -----	70
8.1.7. Milho-----	72
8.1.8. Soja -----	81
8.1.9. Sorgo -----	88
8.2. Culturas de inverno -----	89
8.2.1. Aveia-----	90
8.2.2. Canola -----	93
8.2.3. Centeio -----	95
8.2.4. Cevada -----	97
8.2.5. Trigo -----	100
8.2.6. Triticale -----	108



## **9. Receita bruta ----- 110**



## **10. Balanço de oferta e demanda ----- 117**

11.1. Algodão -----	111
11.2. Arroz -----	118
11.3. Feijão -----	118
11.4. Milho -----	119
11.5. Soja -----	119
11.6. Trigo -----	120





## 1. RESUMO EXECUTIVO

### SAFRA 2017/18

A produção total de grãos está estimada em 227,95 milhões de toneladas, para a safra 2017/18, redução de 4,1% em relação à safra anterior e 1,1% superior ao levantamento anterior.

A área plantada está prevista em 61,53 milhões de hectares, ou seja, crescimento de 1,1% se comparada com a safra 2016/17.

**Algodão:** permanece a estimativa de aumento na produção (1.703,4 mil toneladas de pluma), com o plantio se intensificando nos próximos dias nas principais regiões produtoras.

**Amendoim primeira safra:** a produção está estimada em 452,2 mil toneladas, concentrada em São Paulo.

**Arroz:** a produção, estimada em 11,6 milhões de toneladas, não sofreu alterações significativas neste levantamento.

**Feijão primeira safra:** a forte redução na área plantada reflete em produção de 1,24 milhão de toneladas, sendo 787,6 mil toneladas de feijão-comum cores, 320 mil toneladas de feijão-comum preto e 127,9 mil toneladas de feijão-caupi.

**Milho primeira safra:** produção de 25,18 milhões de toneladas, que deverá ser 17,3% inferior à safra passada.

**Soja:** as boas condições climáticas têm favorecido a elevação da produção de soja, estimada em 110,44 milhões de toneladas, mas ainda inferior à safra passada, mesmo com o crescimento previsto na área de 3,2%.

## Safra inverno 2017

A finalização da colheita das culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale) refletiram as condições meteorológicas adversas, tais como, geadas em setembro, estiagem entre julho e setembro, chuvas intensas em outubro e novembro, o

que causou perdas significativas às lavouras. O trigo, principal cultura de inverno, sofreu redução de 29,9% na produtividade, com produção estimada em 4.263,5 mil toneladas.





## 2. INTRODUÇÃO

Visando fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país, a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), tem dentre os primordiais objetivos, há de citar o Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos.

É bom ressaltar que no citado processo de acompanhamento de safras, gera-se um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desse serviço, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se nesse quarto levantamento de grãos, o resultado das pesquisas da safra de verão para as culturas de algodão, amendoim primeira safra, arroz, feijão primeira safra, mamona, milho primeira safra e soja. São informações de área plantada e/ou a ser plantada, produtividade, produção, monitoramento agrícola e análise de mercado. Consta também os números finais da safra de inverno 2017 (aveia, canola,

centeio, cevada, trigo e triticale) que finalizaram a colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de

safras de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Dessa maneira, os resultados, quando divulgados, devem ter ali registrados a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A Conab registra especial agradecimento a todos que, quando instados a colaborar, o fizeram com empenho e dedicação profissional.

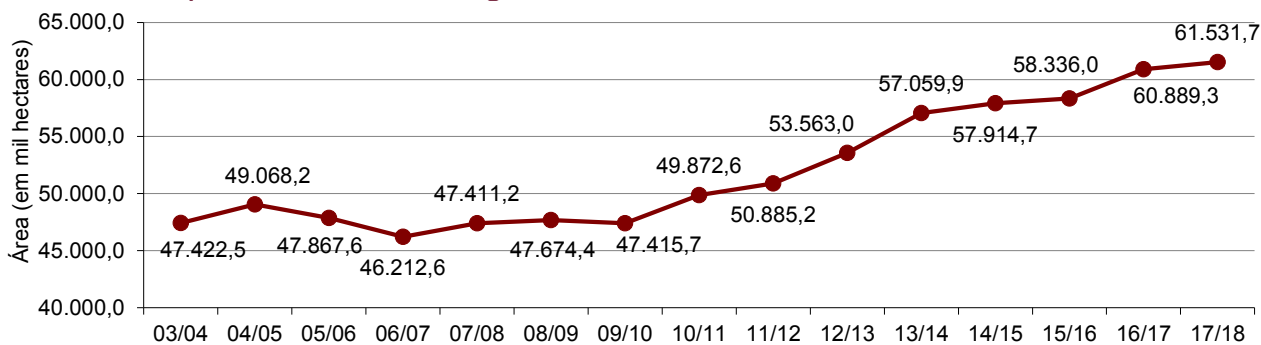




### 3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

**A**s estimativas indicam para um incremento de 1,1% na área, para o plantio da safra 2017/18, atingindo 61,5 milhões de hectares. Culturas com maior rentabilidade e liquidez, como soja e algodão, são as responsáveis pelo aumento na área.

**Gráfico 1 – Comportamento da área de grãos**



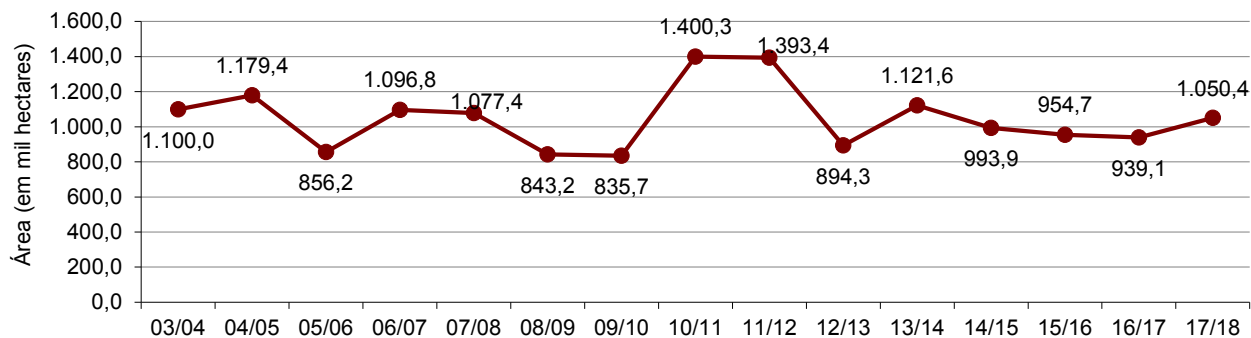
Fonte: Conab.

### 3.1. ALGODÃO

As perspectivas futuras de mercado permanecem responsáveis pelo forte aumento de área nas principais regiões produtoras. A estimativa atual é que a área

atinga 1.050,4 mil hectares, 11,9% maior do que a safra anterior, equivalente a 111,3 mil hectares.

**Gráfico 2 – Comportamento da área de algodão**



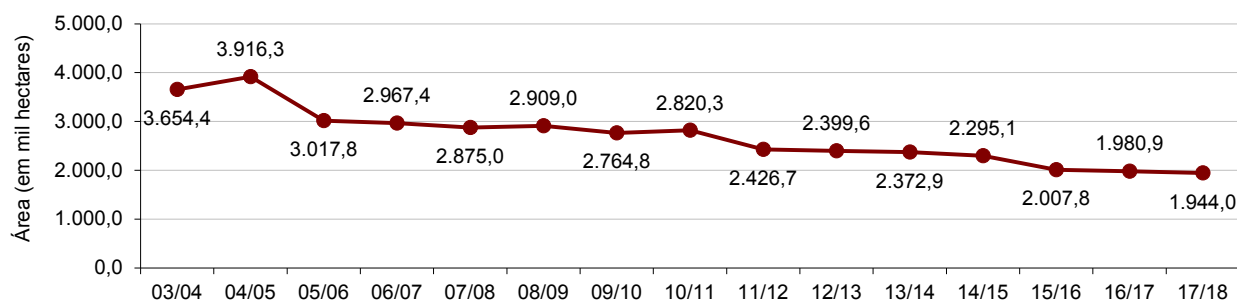
Fonte: Conab.

### 3.2. ARROZ

Permanece a estimativa de redução de área nos principais estados produtores. A expectativa é que a área brasileira de arroz totalize 1.944 mil hectares, representando redução de 1,9% em relação à área da safra 2016/17. A tendência de redução em áreas de sequeiro

permanece nessa safra, sendo substituída por culturas mais rentáveis como soja e milho. A área de irrigado reduz em virtude da rotação de áreas plantadas realizadas pelos produtores.

**Gráfico 3 – Comportamento da área de arroz**



Fonte: Conab.

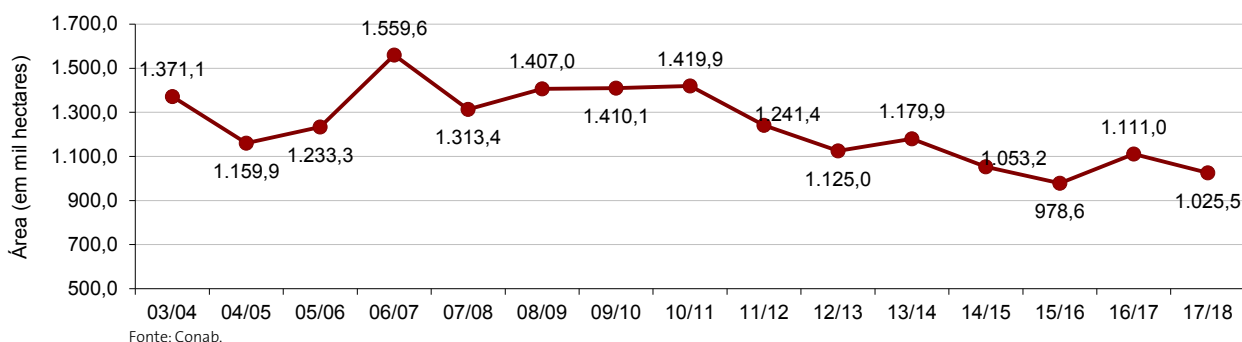


### 3.3. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

As peculiaridades que envolvem a cultura do feijão, sobretudo em relação às dificuldades de manejo, os problemas sanitários, à possibilidade de clima chuvoso na época da colheita e dos problemas de comercialização, vinculados às exigências de qualidade, estabelecem pressão sobre o produto, particularmente o produzido na primeira safra, onde compete com

outras lavouras mais rentáveis e seguras, do ponto de vista da garantia da produção, aliados aos preços recebido pelos produtores, desestimularam o aumento da área semeada. Os dados levantados pela Conab apontam para uma redução na área de primeira safra em relação à safra anterior.

Gráfico 4 – Comportamento da área de feijão primeira safra

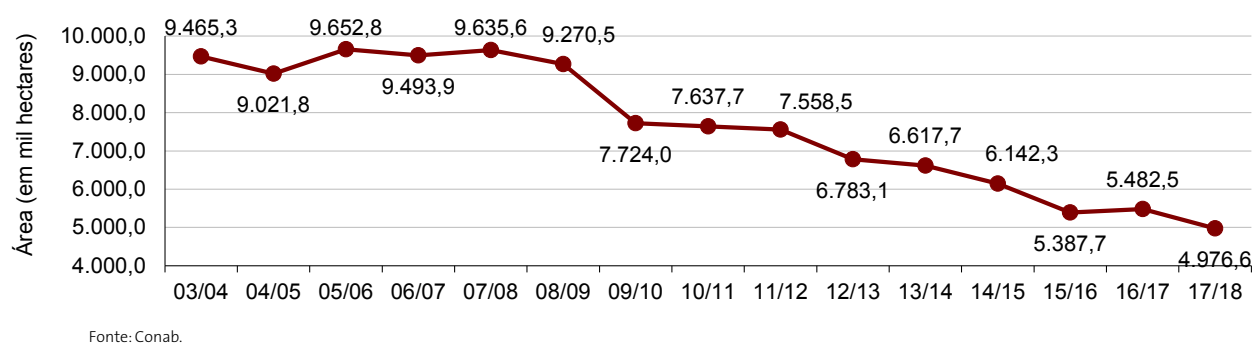


### 3.4. MILHO

Os impactos nos preços, e a consequente comercialização da safra anterior, provocados pela grande produção da safra passada, trouxeram reflexos na área plantada da safra 2017/18. Com o plantio próximo do fim, permanece a perspectiva de redução na área

plantada, estimada em 2,9%, comparada com a safra anterior. Uma tendência ocorrida em safras passadas é a transferência do plantio desse cereal para a segunda safra, após a colheita da soja. O tamanho da área a ser semeada vai depender da janela climática para o milho.

Gráfico 5 – Comportamento da área de milho primeira safra



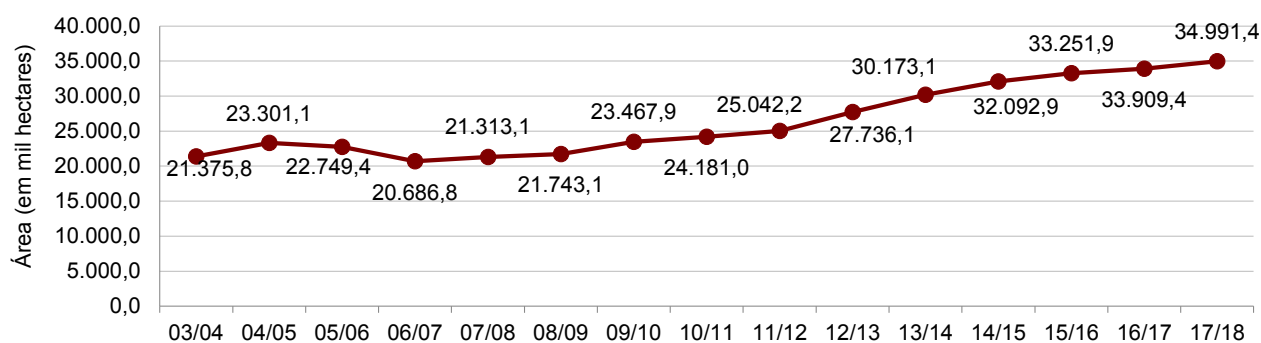
### 3.5. SOJA

A lavoura de soja tem sido a protagonista no aumento da área e produção de grãos no país. Sua maior liquidez e a possibilidade de melhor rentabilidade em relação a outras culturas fazem com que os produtores

se sintam estimulados a continuar apostando na cultura. Neste levantamento o crescimento da área está sendo estimado em 3,2% em relação ao ano passado, atingindo 34.991,4 mil hectares.



Gráfico 6 - Comportamento da área de soja



Fonte: Conab.

Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	16/17 (a)	17/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Dez/2017 (b)	Jan/2018 (c)		
ALGODÃO	939,1	1.042,4	1.050,4	11,9	111,3
AMENDOIM TOTAL	129,3	131,1	138,7	7,3	9,4
AMENDOIM 1ª SAFRA	118,3	120,1	127,7	7,9	9,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,0	11,0	11,0	-	-
ARROZ	1.980,9	1.946,2	1.944,0	(1,9)	(36,9)
ARROZ SEQUEIRO	524,4	513,2	510,7	(2,6)	(13,7)
ARROZ IRRIGADO	1.456,5	1.433,0	1.433,3	(1,6)	(23,2)
FEIJÃO TOTAL	3.180,3	3.142,3	3.154,8	(0,8)	(25,5)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.447,3	1.408,6	1.420,2	(1,9)	(27,1)
FEIJÃO TOTAL PRETO	323,7	330,0	332,0	2,6	8,3
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.409,3	1.403,7	1.402,6	(0,5)	(6,7)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.111,0	1.013,0	1.025,5	(7,7)	(85,5)
CORES	478,2	429,5	441,1	(7,8)	(37,1)
PRETO	174,7	181,0	183,0	4,8	8,3
CAUPI	458,1	402,5	401,4	(12,4)	(56,7)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.426,9	1.486,9	1.486,9	4,2	60,0
CORES	430,3	440,3	440,3	2,3	10,0
PRETO	134,7	134,7	134,7	-	-
CAUPI	861,9	911,9	911,9	5,8	50,0
FEIJÃO 3ª SAFRA	642,4	642,4	642,4	-	-
CORES	538,8	538,8	538,8	-	-
PRETO	14,3	14,3	14,3	-	-
CAUPI	89,3	89,3	89,3	-	-
GIRASSOL	62,7	62,7	62,7	-	-
MAMONA	28,0	32,3	33,9	21,1	5,9
MILHO TOTAL	17.591,7	17.063,6	17.085,8	(2,9)	(505,9)
MILHO 1ª SAFRA	5.482,5	4.954,4	4.976,6	(9,2)	(505,9)
MILHO 2ª SAFRA	12.109,2	12.109,2	12.109,2	-	-
SOJA	33.909,4	34.964,5	34.991,4	3,2	1.082,0
SORGO	628,5	632,2	630,6	0,3	2,1
<b>SUBTOTAL</b>	<b>58.449,9</b>	<b>59.017,3</b>	<b>59.092,3</b>	<b>1,1</b>	<b>642,4</b>
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Dez/2017 (b)	Jan/2018 (c)		
AVEIA	340,3	340,1	340,3	-	-
CANOLA	48,1	48,1	48,1	-	-
CENTEIO	3,6	3,6	3,6	-	-
CEVADA	108,4	109,2	108,4	-	-
TRIGO	1.916,0	1.917,1	1.916,0	-	-
TRITICALE	23,0	22,7	23,0	-	-
<b>SUBTOTAL</b>	<b>2.439,4</b>	<b>2.440,8</b>	<b>2.439,4</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL</b>	<b>60.889,3</b>	<b>61.458,1</b>	<b>61.531,7</b>	<b>1,1</b>	<b>642,4</b>

Fonte: Conab.  
Nota: Estimativa em janeiro/2018



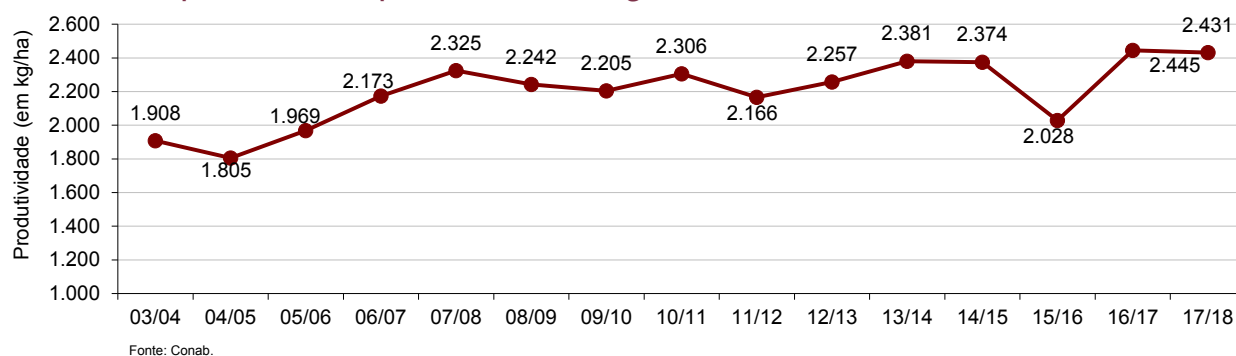


## 4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

### 4.1. ALGODÃO

Para ter resultados positivos, a semeadura exige alto padrão tecnológico e gestão profissional, o que resulta em alta produtividade. O método estatístico, utilizado pela Conab, nesse momento, traduz essa característica e tem as penalidades climáticas das últimas safras observadas nos resultados. A estimativa é de produtividade próxima da safra passada. Na Região Centro-Oeste, onde concentra 72% da produção brasileira, a estimativa é de melhores produtividades na atual safra, isso ocorre porque, nos estados dessa região, o algodão é uma cultura de custo de produção maior do que as outras culturas e, por isso, é cultivado nas melhores áreas das fazendas, além da melhor tecnologia disponível, isso possibilita uma estabilidade de produtividade melhor do que em outras regiões do país.

**Gráfico 7 - Comportamento da produtividade de algodão**

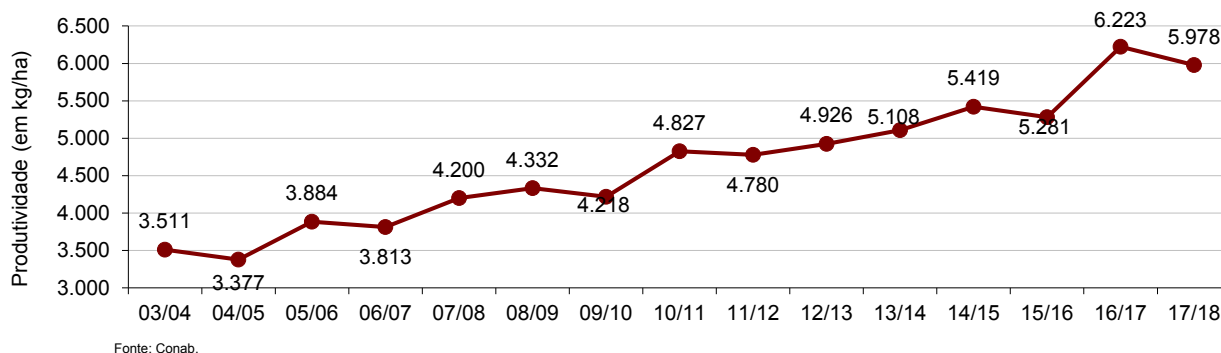


## 4.2. ARROZ

No cômputo geral, a estimativa de produtividade é de redução em relação à safra anterior, que teve um excelente comportamento. Porém, há de se destacar que a estimativa de produtividade é compatível com

os pacotes tecnológicos utilizados pelos produtores e tem se mantido estável em relação ao levantamento passado frente às condições climáticas até o momento.

**Gráfico 8 - Comportamento da produtividade de arroz**

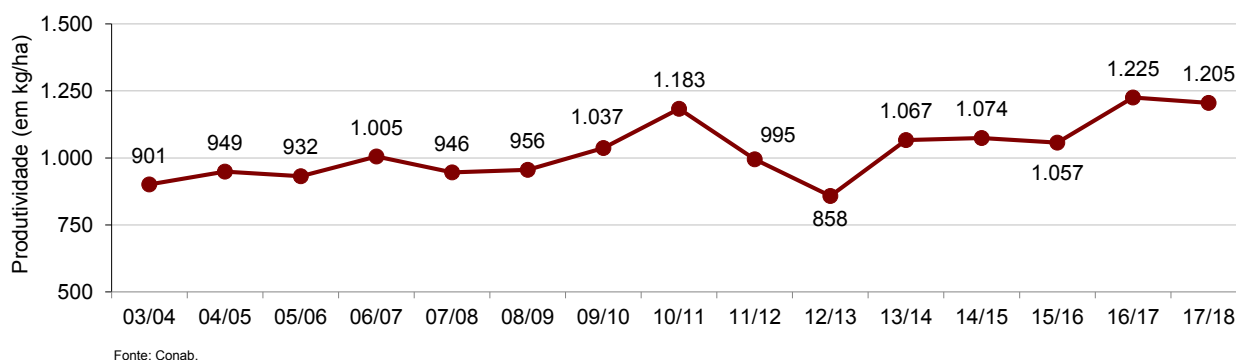


## 4.3. FEIJÃO

O cultivo é considerado de risco pela baixa tecnologia, além dos problemas climáticos e sanitários. A estimativa é de estabilidade na produtividade do feijão-comum cores (aumento de 0,4%) e redução do feijão-comum preto (4,3%). No caso do feijão-caupi a estimativa é de redução de produtividade, dada às

condições de plantio e de baixa tecnologia utilizada para o seu plantio. Nos principais estados produtores se pode observar que a produtividade da primeira safra de feijão aumenta apenas em São Paulo e Minas Gerais, que apresentam condições melhores de plantio.

**Gráfico 9 - Comportamento da produtividade de feijão primeira safra**

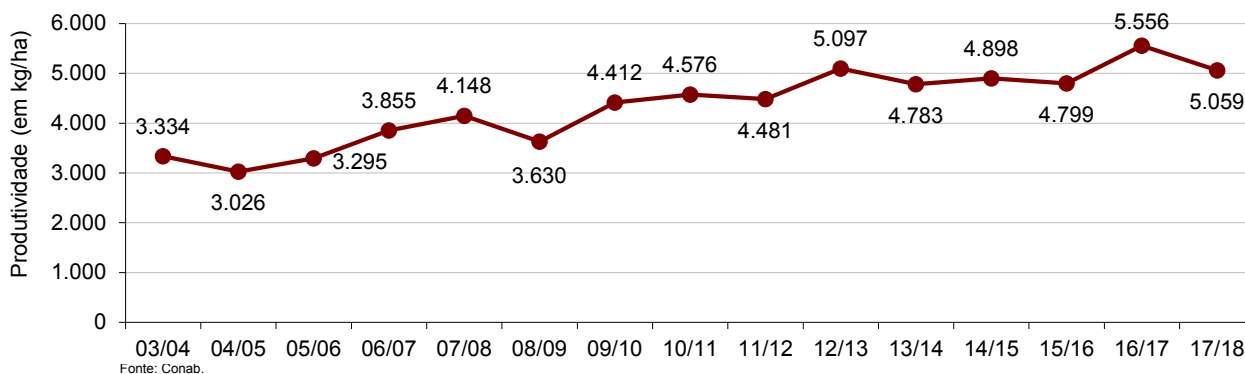


## 4.4. MILHO

A estimativa é de redução de 8,2% na produtividade do milho. Mesmo assim, a produtividade esperada é a segunda melhor no período entre 2003/04 a 2017/18. Nos estados da Região Sul, a estimativa da produtivi-

dade pode ser considerada normal, uma vez que na safra anterior o rendimento pode ser considerado excepcional.

Gráfico 10 - Comportamento da produtividade de milho primeira safra



## 4.5. SOJA

Excluindo os resultados da safra 2016/17, a produtividade média nacional esteve entre 2.629 e 3.115 kg/ha, nos últimos dez anos. A estimativa do rendimento para a safra 2017/18 está de acordo com o pacote tecnológico utilizado e com o rendimento médio comentado e, se confirmada, será a segunda melhor

produtividade do país. Observando a estimativa de produtividade dos principais estados produtores, percebe-se que todos estão próximos ou acima da média nacional, resultado da estabilidade de produção da cultura no país.

Gráfico 11 - Comportamento da produtividade de soja

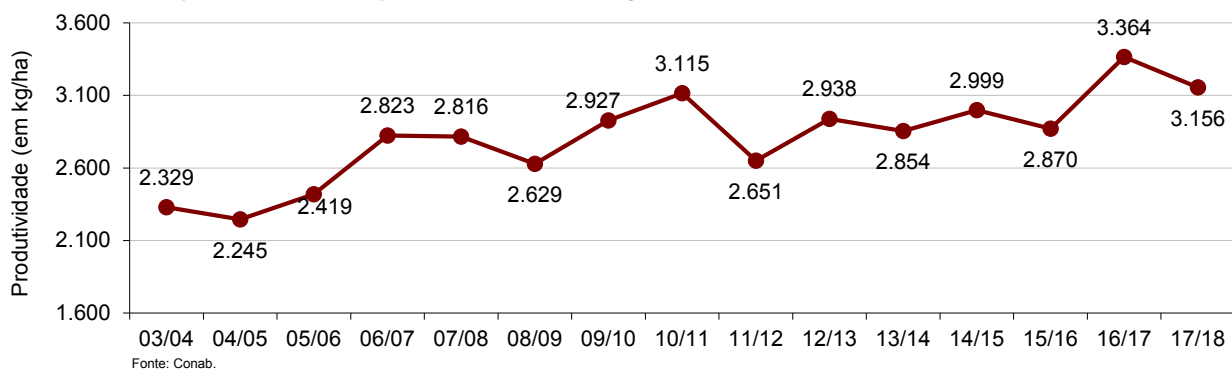


Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	16/17 (a)	17/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Dez/2017 (b)	Jan/2018 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO <sup>(1)</sup>	2.445	2.430	2.431	(0,6)	(14,3)
ALGODÃO EM PLUMA	1.629	1.622	1.622	(0,4)	(7,1)
AMENDOIM TOTAL	3.606	3.493	3.452	(4,3)	(154,0)
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.709	3.592	3.541	(4,5)	(167,8)
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.494	2.413	2.413	(3,3)	(81,5)
ARROZ	6.223	5.966	5.978	(3,9)	(245,0)
ARROZ SEQUEIRO	2.347	2.169	2.166	(7,7)	(181,0)
ARROZ IRRIGADO	7.619	7.326	7.337	(3,7)	(282,3)
FEIJÃO TOTAL	1.069	1.044	1.048	(1,9)	(20,6)
CORES	1.505	1.490	1.495	(0,7)	(10,5)
PRETO	1.568	1.578	1.581	0,8	12,9
CAUPI	506	470	470	(7,1)	(36,0)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.225	1.193	1.205	(1,6)	(20,0)
CORES	1.779	1.779	1.785	0,4	6,5
PRETO	1.829	1.746	1.749	(4,3)	(79,3)
CAUPI	416	320	319	(23,5)	(97,7)
FEIJÃO 2ª SAFRA	842	847	847	0,6	5,4
CORES	1.338	1.356	1.356	1,4	18,3
PRETO	1.338	1.448	1.448	8,2	109,4
CAUPI	516	512	512	(0,8)	(3,9)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.304	1.264	1.264	(3,1)	(39,8)
CORES	1.396	1.370	1.370	(1,9)	(26,1)
PRETO	554	687	687	23,9	132,3
CAUPI	869	719	719	(17,2)	(149,8)
GIRASSOL	1.653	1.564	1.567	(5,2)	(86,3)
MAMONA	470	477	478	1,8	8,4
MILHO TOTAL	5.562	5.405	5.405	(2,8)	(156,9)
MILHO 1ª SAFRA	5.556	5.056	5.059	(8,9)	(497,1)
MILHO 2ª SAFRA	5.564	5.547	5.547	(0,3)	(17,3)
SOJA	3.364	3.123	3.156	(6,2)	(208,0)
SORGO	2.967	2.858	2.863	(3,5)	(104,1)
<b>SUBTOTAL</b>	<b>3.976</b>	<b>3.748</b>	<b>3.768</b>	<b>(5,2)</b>	<b>(208,0)</b>
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Dez/2017 (b)	Jan/2018 (c)		
AVEIA	1.862	1.868	1.862	-	-
CANOLA	848	840	848	-	-
CENTEIO	1.722	1.806	1.722	-	-
CEVADA	2.602	2.648	2.602	-	-
TRIGO	2.225	2.243	2.225	-	-
TRITICALE	2.326	2.361	2.326	-	-
<b>SUBTOTAL</b>	<b>2.164</b>	<b>2.181</b>	<b>2.164</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL (2)</b>	<b>3.903</b>	<b>3.686</b>	<b>3.705</b>	<b>(5,1)</b>	<b>(198,5)</b>

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.  
 Fonte: Conab.  
 Nota: Estimativa em janeiro/2018





## 5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

A produção, estimada para a safra 2017/18, indica um volume de 227,95 milhões de toneladas. Apesar desse resultado ser 4,1% menor que na última safra, a expectativa é que a produção expresse o comportamento normal de safras anteriores. A redução de produção é, sobretudo, em virtude da última safra ter sido excepcional.

A soja e o milho permanecem como principais culturas produzidas no país. A produção da soja está estimada em 110,4 milhões de toneladas, enquanto o milho deverá ter uma produção de 92,3 milhões de toneladas, distribuídas entre primeira e segunda safras. Estima-se que a primeira safra de milho seja 17,3% menor em relação à safra 2016/17 e alcançar 25 milhões de toneladas.

Para a atual safra, destaca-se também a estimativa de aumento da produção de algodão em pluma, estimada em 1,7 milhão de toneladas, aumento de 11,4% em relação à safra passada.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	16/17(a)	17/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		Dez/2017 (b)	Jan/2018 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.298,3	2.533,5	2.553,6	11,1	255,3
ALGODÃO - PLUMA	1.529,5	1.690,1	1.703,4	11,4	173,9
AMENDOIM TOTAL	466,2	457,9	478,7	2,7	12,5
AMENDOIM 1ª SAFRA	438,8	431,4	452,2	3,1	13,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,4	26,5	26,5	(3,3)	(0,9)
ARROZ	12.327,8	11.612,0	11.622,0	(5,7)	(705,8)
ARROZ SEQUEIRO	1.230,7	1.113,5	1.106,3	(10,1)	(124,4)
ARROZ IRRIGADO	11.097,1	10.498,5	10.515,7	(5,2)	(581,4)
FEIJÃO TOTAL	3.399,5	3.280,4	3.307,3	(2,7)	(92,2)
FEIJÃO TOTAL CORES	2.178	2.100	2.123	(2,5)	(55,1)
FEIJÃO TOTAL PRETO	508	521	525	3,4	17,3
FEIJÃO TOTAL CAUPI	713	660	659	(7,6)	(53,9)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.360,6	1.208,4	1.235,4	(9,2)	(125,2)
CORES	850,4	764,1	787,6	(7,4)	(62,8)
PRETO	319,5	315,8	320,0	0,2	0,5
CAUPI	190,7	128,5	127,9	(32,9)	(62,8)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.200,9	1.259,6	1.259,6	4,9	58,7
CORES	575,8	597,4	597,4	3,8	21,6
PRETO	180,2	195,1	195,1	8,3	14,9
CAUPI	445,0	467,2	467,2	5,0	22,2
FEIJÃO 3ª SAFRA	837,7	812,4	812,4	(3,0)	(25,3)
CORES	752,1	738,2	738,2	(1,8)	(13,9)
PRETO	7,9	9,8	9,8	24,1	1,9
CAUPI	77,6	64,3	64,3	(17,1)	(13,3)
GIRASSOL	103,7	98,0	98,2	(5,3)	(5,5)
MAMONA	13,1	15,4	16,2	23,7	3,1
MILHO TOTAL	97.842,8	92.222,5	92.347,7	(5,6)	(5.495,1)
MILHO 1ª SAFRA	30.462,0	25.051,6	25.176,9	(17,3)	(5.285,1)
MILHO 2ª SAFRA	67.380,9	67.170,9	67.170,9	(0,3)	(210,0)
SOJA	114.075,3	109.183,4	110.437,9	(3,2)	(3.637,4)
SORGO	1.864,8	1.807,1	1.805,5	(3,2)	(59,3)
<b>SUBTOTAL</b>	<b>232.391,5</b>	<b>221.210,2</b>	<b>222.667,1</b>	<b>(4,2)</b>	<b>(9.724,4)</b>
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	16/17(a)	17/18		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		Dez/2017 (b)	Jan/2018 (c)		
AVEIA	633,8	635,2	633,8	-	-
CANOLA	40,8	40,4	40,8	-	-
CENTEIO	6,2	6,5	6,2	-	-
CEVADA	282,1	289,1	282,1	-	-
TRIGO	4.263,5	4.299,4	4.263,5	-	-
TRITICALE	53,5	53,6	53,5	-	-
<b>SUBTOTAL</b>	<b>5.279,9</b>	<b>5.324,2</b>	<b>5.279,9</b>	<b>-</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL (2)</b>	<b>237.671,4</b>	<b>226.534,4</b>	<b>227.947,0</b>	<b>(4,1)</b>	<b>(9.724,4)</b>

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



**Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (\*)**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>2.934,9</b>	<b>3.006,0</b>	<b>2,4</b>	<b>3.246</b>	<b>3.165</b>	<b>(2,5)</b>	<b>9.527,5</b>	<b>9.512,7</b>	<b>(0,2)</b>
RR	54,8	54,8	-	4.210	4.093	(2,8)	230,7	224,3	(2,8)
RO	553,0	560,2	1,3	3.371	3.437	2,0	1.864,0	1.925,4	3,3
AC	46,8	46,5	(0,6)	1.976	1.985	0,5	92,5	92,3	(0,2)
AM	19,2	19,2	-	2.214	2.214	-	42,5	42,5	-
AP	23,5	23,5	-	2.498	2.434	(2,6)	58,7	57,2	(2,6)
PA	861,5	899,7	4,4	3.129	2.971	(5,0)	2.696,0	2.673,3	(0,8)
TO	1.376,1	1.402,1	1,9	3.301	3.208	(2,8)	4.543,1	4.497,7	(1,0)
<b>NORDESTE</b>	<b>7.852,4</b>	<b>8.094,9</b>	<b>3,1</b>	<b>2.319</b>	<b>2.156</b>	<b>(7,0)</b>	<b>18.206,1</b>	<b>17.455,8</b>	<b>(4,1)</b>
MA	1.565,3	1.701,9	8,7	3.061	2.922	(4,5)	4.790,7	4.972,7	3,8
PI	1.476,8	1.495,1	1,2	2.469	2.121	(14,1)	3.645,5	3.171,0	(13,0)
CE	932,0	932,0	-	591	501	(15,2)	550,4	467,2	(15,1)
RN	67,6	67,6	-	426	454	6,6	28,8	30,7	6,6
PB	179,5	179,5	-	393	378	(3,7)	70,5	67,9	(3,7)
PE	344,3	344,3	-	329	382	16,2	113,4	131,6	16,0
AL	80,1	80,1	-	790	754	(4,5)	63,3	60,4	(4,6)
SE	193,0	193,0	-	4.468	3.325	(25,6)	862,4	641,7	(25,6)
BA	3.013,8	3.101,4	2,9	2.681	2.551	(4,8)	8.081,1	7.912,6	(2,1)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>24.963,6</b>	<b>25.361,9</b>	<b>1,6</b>	<b>4.144</b>	<b>4.024</b>	<b>(2,9)</b>	<b>103.449,8</b>	<b>102.047,2</b>	<b>(1,4)</b>
MT	15.119,1	15.340,1	1,5	4.100	3.962	(3,4)	61.986,5	60.778,3	(1,9)
MS	4.441,3	4.547,0	2,4	4.229	4.133	(2,3)	18.784,2	18.790,8	-
GO	5.241,5	5.312,4	1,4	4.173	4.071	(2,4)	21.873,1	21.627,2	(1,1)
DF	161,7	162,4	0,4	4.985	5.240	5,1	806,0	850,9	5,6
<b>SUDESTE</b>	<b>5.486,0</b>	<b>5.424,7</b>	<b>(1,1)</b>	<b>4.221</b>	<b>4.083</b>	<b>(3,3)</b>	<b>23.157,8</b>	<b>22.146,6</b>	<b>(4,4)</b>
MG	3.372,7	3.278,1	(2,8)	4.175	4.048	(3,0)	14.080,0	13.270,2	(5,8)
ES	24,0	24,0	-	2.058	1.942	(5,7)	49,4	46,6	(5,7)
RJ	4,8	4,5	(6,3)	1.938	1.933	(0,2)	9,3	8,7	(6,5)
SP	2.084,5	2.118,1	1,6	4.327	4.165	(3,8)	9.019,1	8.821,1	(2,2)
<b>SUL</b>	<b>19.652,4</b>	<b>19.644,2</b>	<b>-</b>	<b>4.240</b>	<b>3.909</b>	<b>(7,8)</b>	<b>83.330,2</b>	<b>76.784,7</b>	<b>(7,9)</b>
PR	9.732,7	9.765,6	0,3	4.197	3.879	(7,6)	40.851,4	37.881,3	(7,3)
SC	1.312,8	1.275,9	(2,8)	5.303	4.638	(12,5)	6.962,1	5.918,1	(15,0)
RS	8.606,9	8.602,7	-	4.127	3.834	(7,1)	35.516,6	32.985,2	(7,1)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>10.787,3</b>	<b>11.100,9</b>	<b>2,9</b>	<b>2.571</b>	<b>2.429</b>	<b>(5,5)</b>	<b>27.733,6</b>	<b>26.968,5</b>	<b>(2,8)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>50.102,0</b>	<b>50.430,8</b>	<b>0,7</b>	<b>4.190</b>	<b>3.985</b>	<b>(4,9)</b>	<b>209.937,8</b>	<b>200.978,5</b>	<b>(4,3)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>60.889,3</b>	<b>61.531,7</b>	<b>1,1</b>	<b>3.903</b>	<b>3.705</b>	<b>(5,1)</b>	<b>237.671,4</b>	<b>227.947,0</b>	<b>(4,1)</b>

Legenda: (\*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1º e 2º safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1º, 2º e 3º safras), girassol, mamona, milho (1º e 2º safras), soja, sorgo, trigo e triticale.  
 Fonte: Conab.  
 Nota: Estimativa em janeiro/2018





## 6. CRÉDITO RURAL

O entendimento e a compreensão dos movimentos financeiros realizados pelos produtores rurais para o custeio da atividade agrícola no Brasil são extremamente importantes para o melhor conhecimento a respeito da safra brasileira. Diversas são as fontes utilizadas nesse expediente, uma delas, aquela efetuada junto ao Banco Central, tem informações disponíveis ao público e pode ser utilizada como um ponto de partida para análises nesse escopo.

As informações a seguir têm origem no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) – que disponibiliza informações acerca de variados produtos, dentre eles os presentes nesse levantamento, como valores, quantidades, programas de custeio por região e Unidade da Federação. Nesse sentido, em 11 de dezembro de 2017, foram extraídas as informações atualizadas até novembro de 2017 no endereço eletrônico do Banco Central do Brasil na internet.

As informações utilizadas para esse documento são dos recursos oriundos do crédito ofertado do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), do Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) e na modalidade Sem Vínculo a Programa Específico.

No acumulado, de janeiro a novembro, o valor observado é de R\$ 53,5 bilhões e apenas para novembro o valor aportado foi de R\$ 4,39 bilhões.

A safra brasileira tem na produção de algodão, feijão, milho e soja a relação direta à disponibilização de insumos para a indústria têxtil, à fonte de alimentação, tanto humana como animal, e o atendimento ao

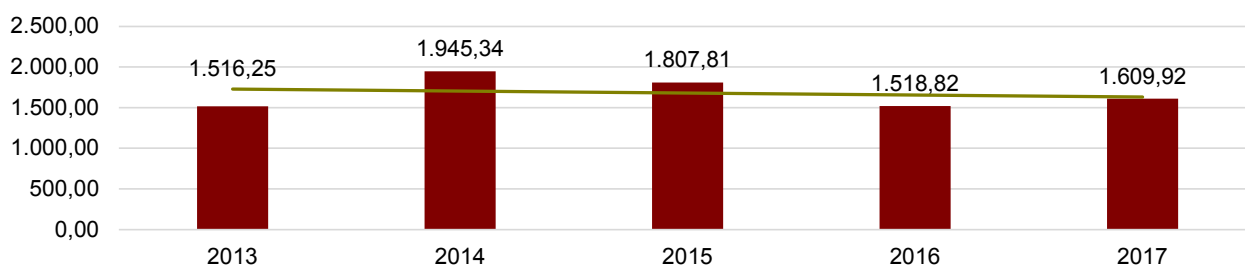
mercado externo. Nesse contexto, as análises a seguir serão focadas nessas culturas que possuem distintas características e impactos na sociedade brasileira.

## 6.1. A CULTURA DO ALGODÃO

O financiamento de custeio para a cultura do algodão ocorre, prioritariamente, via aporte Sem Vínculo a Programa Específico, o que indica o perfil dos produtores da cultura que exige alta tecnologia para sua produção.

Os valores acumulados, de janeiro a novembro, para o algodão, apresenta retomada de aporte entre 2016 e 2017, com variação observada de 6%. O crescimento pode ser explicado pela tendência de aumento na produção, principalmente pelo incremento de área a ser utilizada.

**Gráfico 12 - Total de aporte – Algodão – Janeiro a novembro**

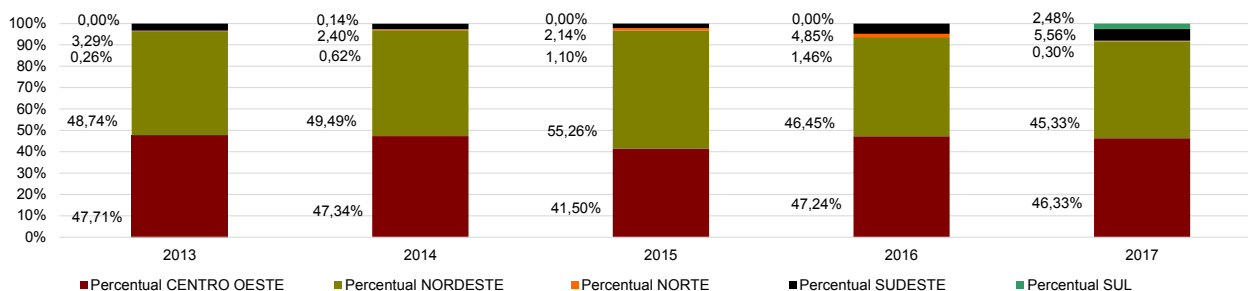


Fonte: Bacen.

A cultura da fibra está fortemente concentrada na Bahia e Mato Grosso, corroborando as informações analisadas, as quais apresentam as distribuições do aporte do algodão nas regiões brasileiras.

Cabe comentar que a estimativa da Conab é de aumento de área no Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste. Tanto o Nordeste como o Centro-Oeste apresentaram incrementos semelhantes, na ordem de 3,75%.

**Gráfico 13 - Distribuição do aporte – Algodão – Janeiro a novembro**



Fonte: Bacen.

## 6.2. A CULTURA DO MILHO

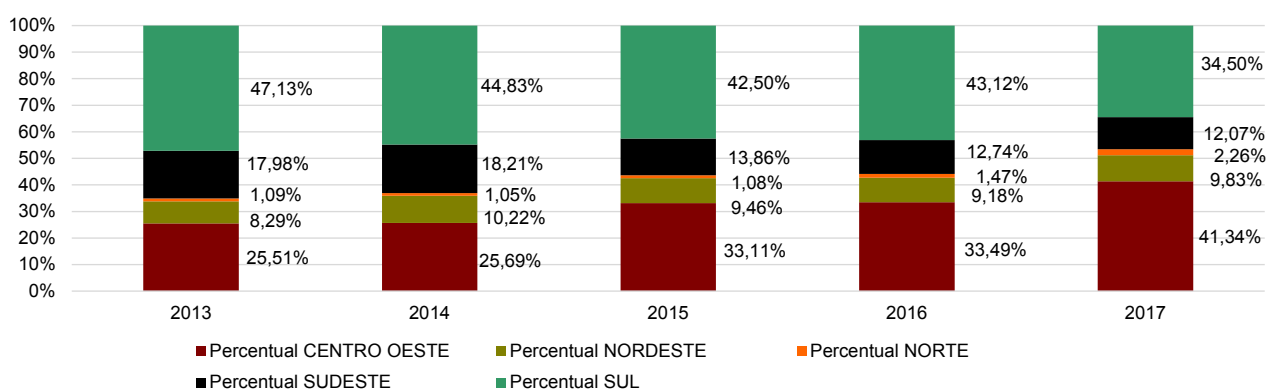
A produção de milho é realizada em duas safras, sendo a primeira mais centralizada na Região Centro-Sul. A segunda safra, que é maior que a primeira, é plantada, principalmente, no espaço da soja colhida e no verão.

A distribuição do crédito pelas regiões brasileiras en-

tre 2013 e 2017 (janeiro a novembro) apresenta forte participação das Regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste. O aumento do crédito na Região Centro-Oeste é compatível com a opção do produtor em plantar o milho em sequência à soja. No geral, é a maior região produtora de milho.



**Gráfico 14 - Distribuição do aporte – Milho - Regiões – Janeiro a novembro – 2013 a 2017**

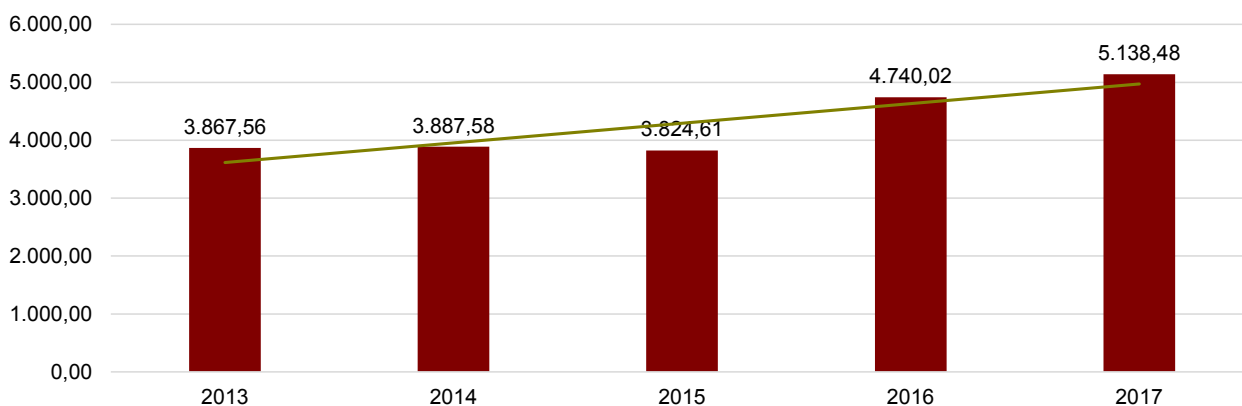


Fonte: Bacen.

No ano de 2017 – janeiro a novembro - os recursos utilizados no custeio de milho atingiram o montante de 7,74 bilhões de reais. O comportamento do crédito em 2017 é de redução, na ordem de 4% em relação ao mesmo período de 2016, o que tem relação, dentre outras justificativas, com a redução da área de milho na primeira safra.

Todavia, é salutar apresentar a manutenção da tendência de crescimento do aporte nos moldes Sem Vínculo Específico a Programa, com crescimento de 8,41% no período 2016/17. Deve-se ressaltar que a produção de milho vem sendo cada vez mais estimulada à utilização de melhores pacotes tecnológicos e com foco na melhoria da produtividade.

**Gráfico 15 - Sem Vínculo a Programa Específico – Milho – Janeiro a novembro – 2013 a 2017**



Fonte: Bacen.

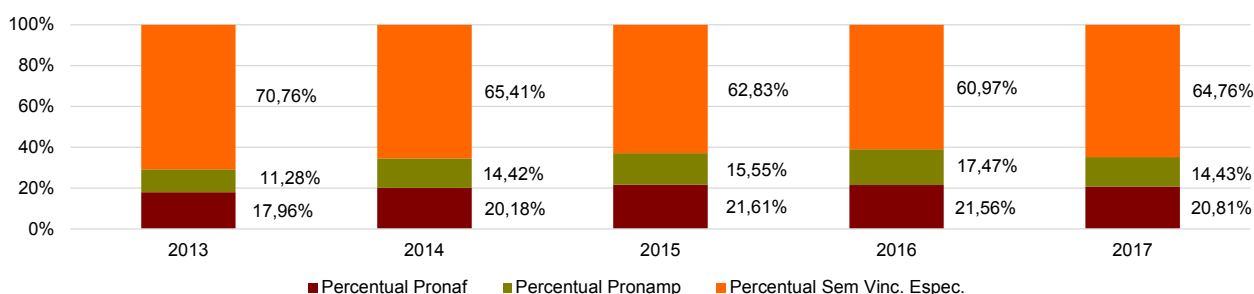
### 6.3. A CULTURA DO FEIJÃO

A cultura do feijão possui três distintas safras e ocorre em todas as regiões brasileiras. Entretanto, em distintos momentos do calendário, é possível encontrar

plantio e colheita de feijão. A distribuição do aporte para a cultura do feijão é prioritariamente realizada Sem Vínculo a Programa Específico.



**Gráfico 16 - Distribuição do aporte – Janeiro a novembro– 2013 a 2017**

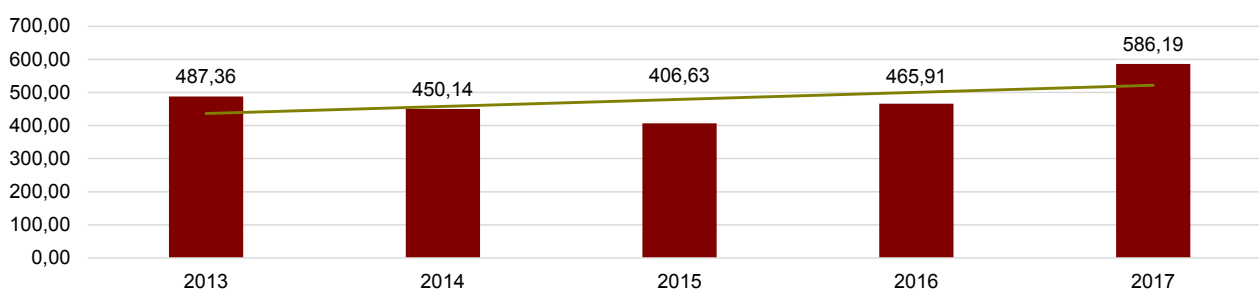


Fonte: Bacen..

Pode-se verificar, no valor agregado, de janeiro a novembro de 2017, um sensível crescimento no aporte para a cultura do feijão em todo o território nacional.

Entre 2016 e 2017, para os meses em análise, observa-se um incremento de 25,81%.

**Gráfico 17 - Total do aporte – Feijão – Janeiro a novembro – 2013 a 2017**



Fonte: Bacen..

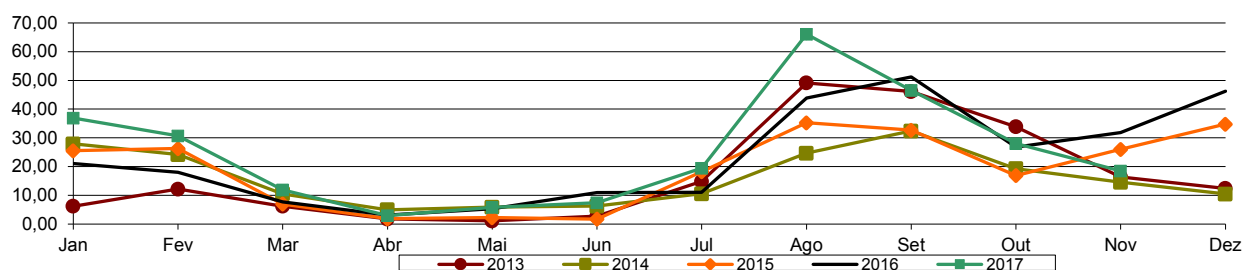
Fato importante consiste na verificação de o aumento acima apresentado persistir em todos os tipos de programa aqui analisados. Foram observados incrementos de 21,44%; 3,94% e 33,63% para o Pronaf, Pronamp e para o aporte Sem Vínculo a Programa Específico, respectivamente.

contra a maior produção da cultura.

Observam-se os valores aportados, mensalmente, para a Região Sul de 2013 até 2017. Verifica-se crescimento nas quantidades alocadas, nessa cultura, no ano de 2017. Além disso, ratifica-se esse comportamento com o valor acumulado de janeiro a novembro no valor de 274 milhões de reais, 19% maior que o mesmo valor observado em 2016.

Como supracitado, a produção de feijão está espalhada por todo o território nacional. Todavia, é salutar evidenciar a produção na Região Sul, na qual se en-

**Gráfico 18 - Total do aporte – Feijão – Região Sul– Janeiro a novembro – 2013 a 2017**



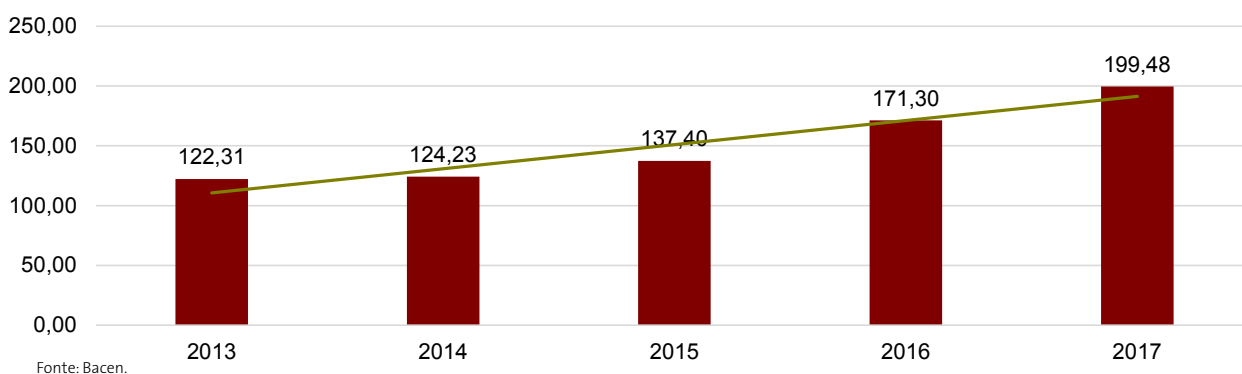
Fonte: Bacen.

Além disso, na Região Sul, uma das Unidades da Federação com maior representatividade na produção de feijão nacional é o Paraná. Nesse estado, observa-se

continua tendência de crescimento no valor aportado, com crescimento de 16,45% entre 2017 e 2016.



**Gráfico 19 - Total do aporte – Feijão - Paraná – Janeiro a novembro – 2013 a 2017**



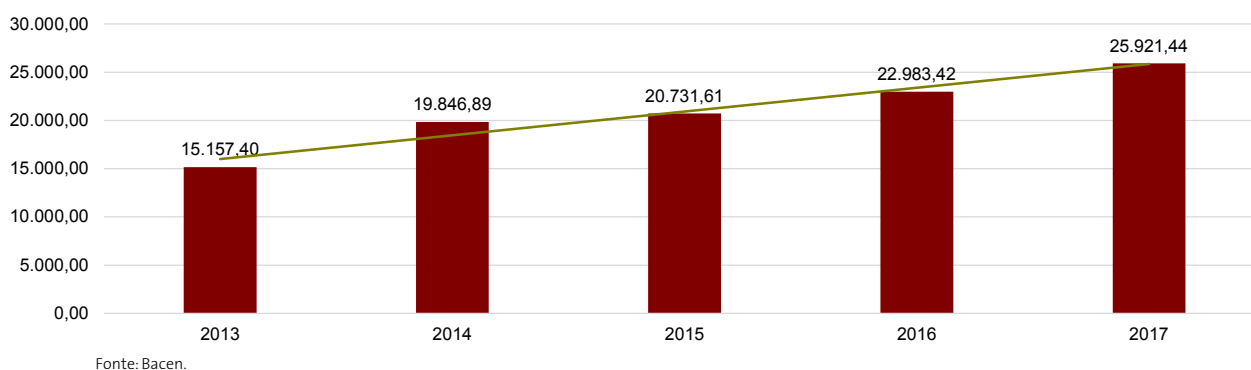
## 6.4. A CULTURA DA SOJA

A cultura da soja possui características no escopo de toda a produção de grãos. O complexo soja é um dos atores principais na balança comercial brasileira.

Isso posto, em paralelo com o aumento da demanda desse grão e seus produtos, observam-se consecutivos crescimentos na produção de soja e, consequentemente, incrementos nos valores aportados para essa cultura.

Os dados nos indicam o aumento no uso do crédito em 2017 para a cultura da soja. Deve-se ressaltar que o valor é o maior na série em análise. O incremento é de aproximadamente 12,78% em relação ao ano passado, o que tem relação com a estimativa de produção da Conab, que indica o aumento de área para a produção de soja.

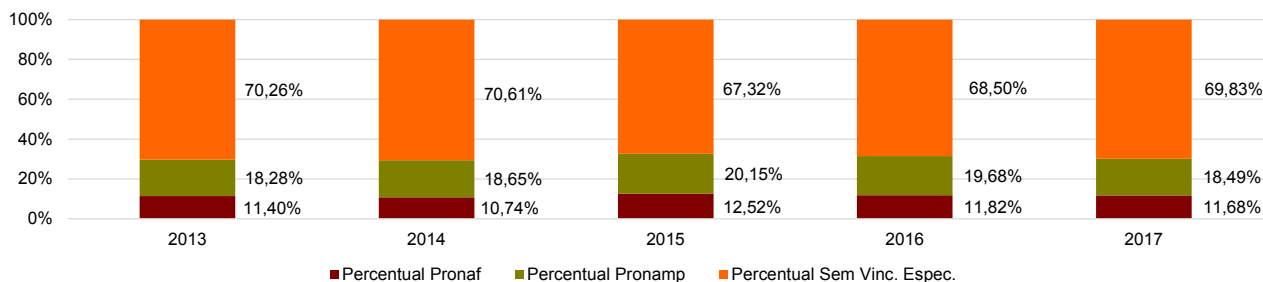
**Gráfico 20 - Total do aporte – Soja – Janeiro a novembro – 2013 a 2017**



O aporte para custeio da soja é, prioritariamente, efetuado sem vínculo a programa específico, evidencian-

do o perfil de produtores dessa oleaginosa.

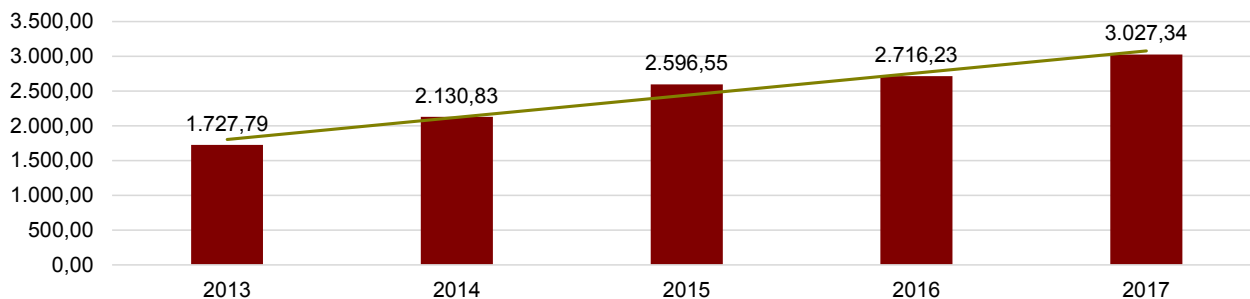
**Gráfico 21 - Distribuição do aporte – Soja – Janeiro a novembro – 2013 a 2017**



É importante destacar o fato do crescimento de 12,78% no total de aporte supracitado estar diluído em todos os tipos de financiamento. Conforme verificado, tanto no Pronaf, no Pronamp e na perspectiva Sem Vínculo

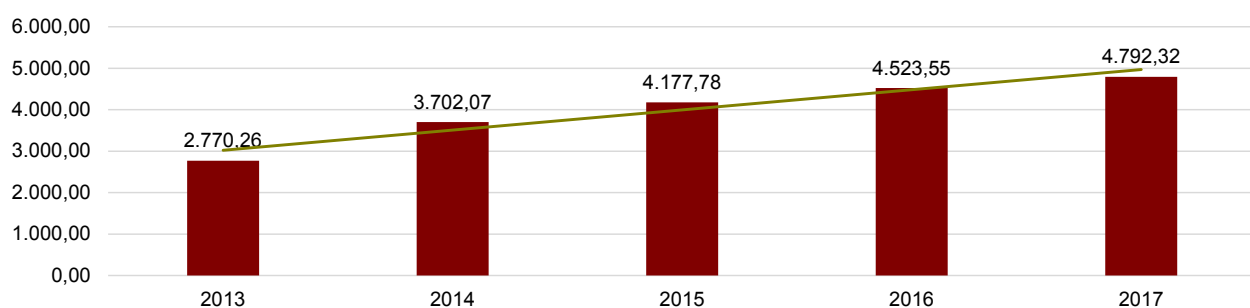
a Programa Específico, observam-se aumentos nos valores aportados, crescimento de aproximadamente 11,45%, 6% e 15%, respectivamente.

**Gráfico 22 - Total de Aporte – Soja – Pronaf - Janeiro a Novembro – 2013 a 2017**



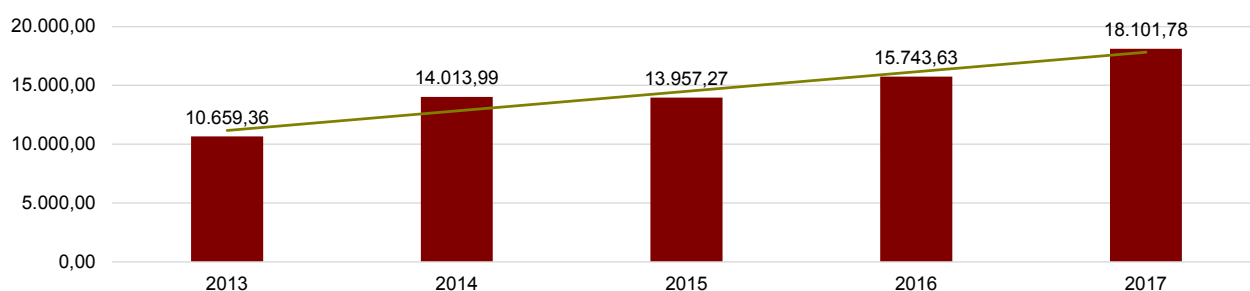
Fonte: Bacen.

**Gráfico 23 - Total de aporte – Soja – Pronamp - Janeiro a novembro – 2013 a 2017**



Fonte: Bacen.

**Gráfico 24 - Total de aporte – Soja – Sem Vínculo a Programa Específico - Janeiro a novembro – 2013 a 2017**



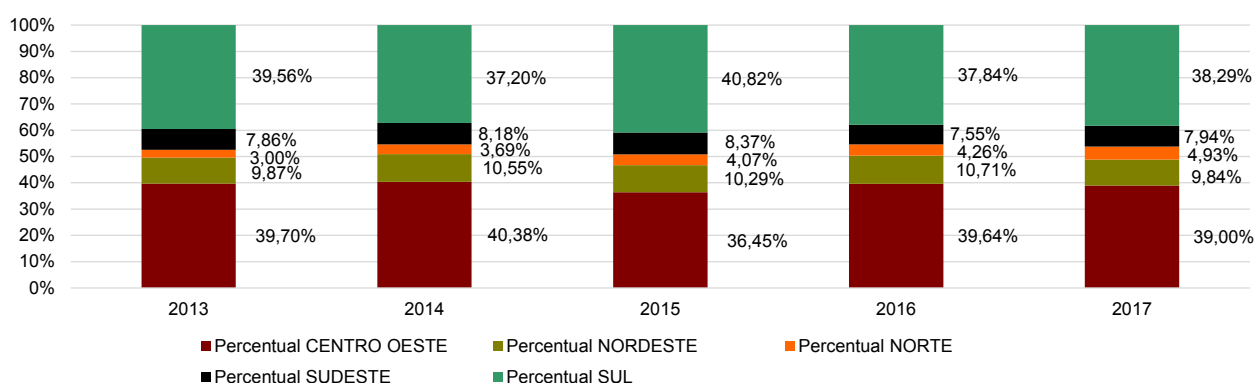
Fonte: Bacen.

Além disso, outro enfoque na análise dos valores aportados para a soja consiste nas visões das distintas regiões produtoras. As regiões do Centro-Oeste e do Sul

são as principais produtoras de soja no Brasil. Observa-se que, de fato, essas regiões são aquelas com os maiores percentuais de valores aportados no custeio.



**Gráfico 25 - Distribuição do aporte – Soja - Janeiro a novembro – 2013 a 2017**



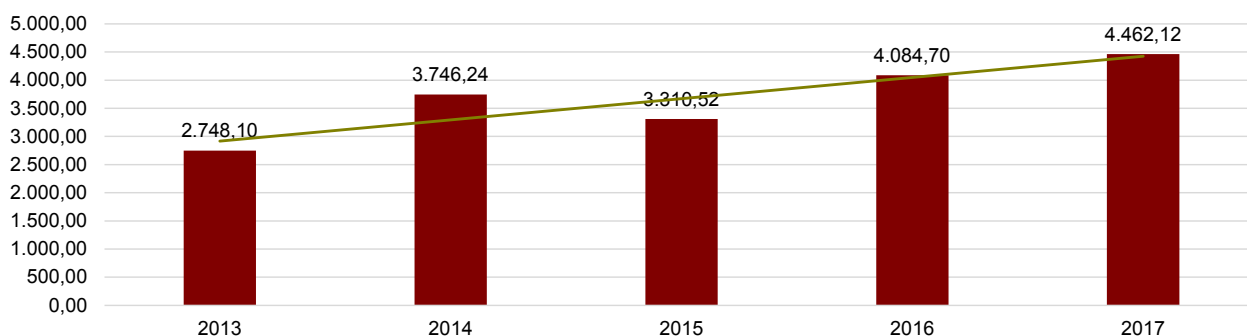
Fonte: Bacen.

Portanto, observa-se a grande participação do Centro-Oeste no contexto regional da produção da soja brasileira. Em virtude desse posicionamento estratégico vale ressaltar o crescimento observado no aporte dessa cultura em todas as Unidades da Federação presentes nessa região. Incrementos de 22,26%; 9,24%; 11,39% e 13,41% foram verificados no Distrito Federal,

Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, respectivamente.

O histórico de aportes, acumulado entre janeiro e novembro, para o Mato Grosso, Unidade da Federação que, em 2017, foi responsável por 44,14% do aporte realizado para a região.

**Gráfico 26 - Distribuição do aporte – Soja – Mato Grosso - Janeiro a novembro – 2013 a 2017**



Fonte: Bacen.





## 7. ANÁLISE CLIMÁTICA<sup>1</sup> - INMET

### 7.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE DEZEMBRO

**D**e forma semelhante ao mês anterior, em dezembro, praticamente todas as localidades das regiões Centro-Oeste e Sudeste registraram volumes de chuva satisfatórios, com totais dentro da faixa normal ou acima. Na maior parte dessas regiões, os volumes variaram entre 120 e 500 mm. Em Canarana, Mato Grosso, choveu em praticamente todos os dias, resultando em um volume de pouco mais de 450 mm. Em São Paulo, os volumes de chuva foram mais modestos e ficaram entre 120 e 300 mm, predominando totais dentro da faixa normal de dezembro, com algumas localidades um pouco abaixo da média.

Na Região do MATOPIBA, os maiores volumes ocorreram principalmente em Tocantins. Em Pedro Afonso, por exemplo, o volume total, com quase 400 mm, foi muito superior à média histórica de dezembro, que é de 270 mm. Contudo, algumas localidades, como em Correntina, no Oeste Baiano, os volumes em torno de 100 mm ficaram abaixo da média da região.

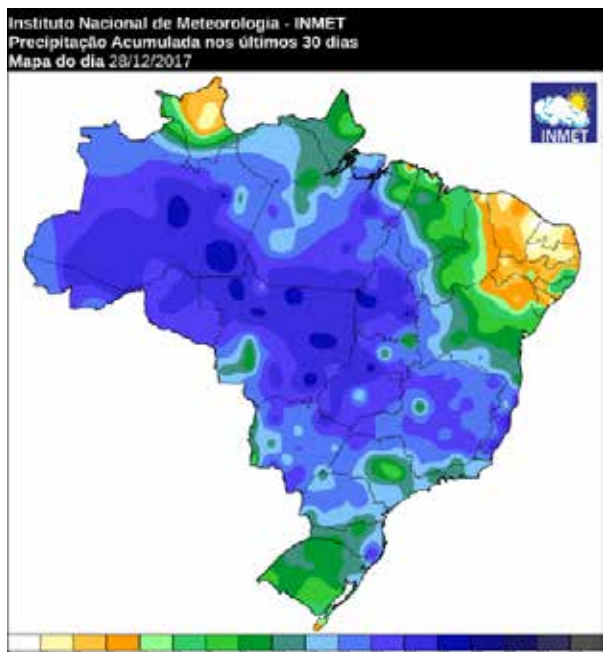
A Região Sul encerra o último mês de 2017 com expressivo contraste na distribuição espacial da precipitação pluviométrica. Enquanto em Santa Catarina e no Paraná os volumes variaram entre 150 e 350 mm, no centro-sul do Rio Grande do Sul a precipitação total foi bem mais modesta e variou entre 50 e 120 mm. Esse déficit pode ser explicado – ao menos em parte –

<sup>1</sup> Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília

pela conjunção de fatores oceânico-atmosféricos causados pela atuação simultânea do fenômeno La Niña

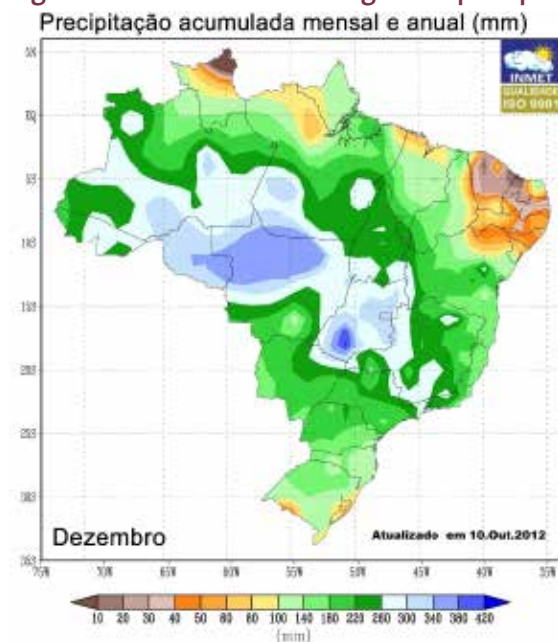
e das anomalias negativas na superfície do oceano próximo à costa da região.

**Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em novembro de 2017 no Brasil**



Fonte: Inmet.

**Figura 2 - Normal climatológica de precipitação em dezembro**



Fonte: Inmet.



## 7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da primeira quinzena de dezembro mostra o predomínio de áreas com anomalias negativas em torno de  $-1,5^{\circ}\text{C}$  no Oceano Pacífico Equatorial, principalmente na sua porção mais oeste. Nos últimos dois meses, essa região oceânica tem apresentado alguma oscilação, porém mantendo sempre valores de desvio em torno de  $-1^{\circ}\text{C}$ , como observado no gráfico de índice diário da região 3.4 do El Niño (entre  $170^{\circ}\text{W}$ - $120^{\circ}\text{W}$ ) até o dia 29 de dezembro. Tal persistência é característica de formação de La Niña, confirmando que há um episódio do fenômeno em curso desde outubro de 2017.

Para se considerar a atuação de um La Niña, o índice tem que persistir com valor negativo de pelo menos meio grau por alguns meses seguidos. A faixa de neutralidade está entre  $+0,5$  e  $-0,5^{\circ}\text{C}$ .

As anomalias negativas de TSM no Atlântico Sul próximo à costa do Rio Grande do Sul e do Uruguai ficaram mais intensas em dezembro, desfavorecendo o fluxo de umidade do oceano em direção ao continente e, conseqüentemente, contribuindo para uma redução no volume total de chuvas em relação à média do mês no sul do estado gaúcho.

Figura 3 - Mapa de anomalias da TSM no período 1º a 15 de dezembro de 2017

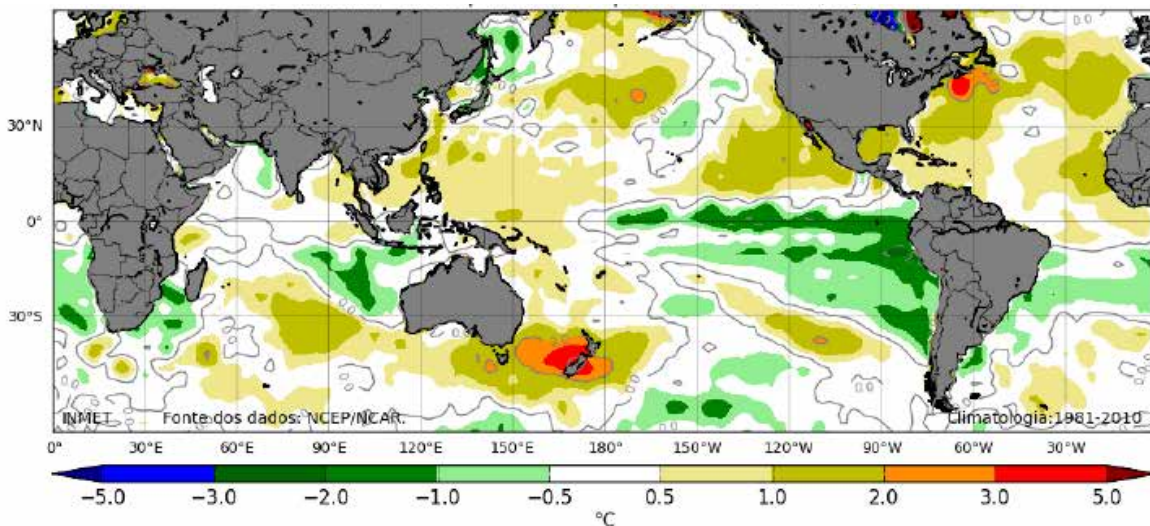


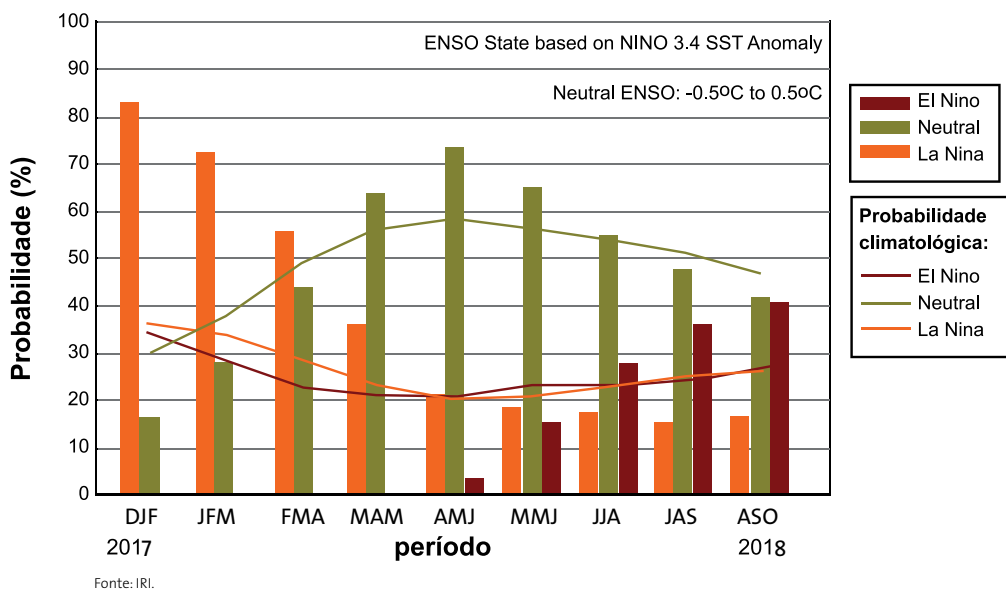
Gráfico 27 - Gráfico de monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4



A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta maior probabilidade de ocorrência de um La Niña até início de 2018. Com base nas saídas dos modelos e nas condições térmicas observadas no Oceano Pacífico, há significativa chance de que essa La Niña seja de intensidade moderada ou fraca e de

curta duração. Devido às oscilações das temperaturas na superfície do Pacífico Equatorial, esses prognósticos devem ser vistos com cautela, seguidos de acompanhamento constante das condições térmicas em outras áreas oceânicas, como no Atlântico, e das atualizações dos modelos de previsão de TSM.

**Gráfico 28 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña**



### 7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO JANEIRO-FEVEREIRO-MARÇO/2018

Os modelos de previsão climática indicam para a Região Sul maior probabilidade de que as chuvas ficarão dentro da faixa normal ou acima na maioria das localidades. Para o norte do Paraná, as probabilidades indicam chuvas dentro da faixa normal ou acima. Como ocorrido em dezembro, o início do trimestre deve apresentar baixa pluviometria no Rio Grande do Sul e em parte de Santa Catarina.

Nas regiões Centro-Oeste e Sudeste, o modelo do Inmet apresenta grande variabilidade espacial nas probabilidades. Há áreas com maior probabilidade de precipitação acima ou dentro da faixa normal nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Espírito Santo e norte de Minas Gerais. Há possibilidade de chuvas abaixo ou dentro da faixa normal em parte de Minas Gerais, Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro. Porém, os desvios (positivos ou negativos)

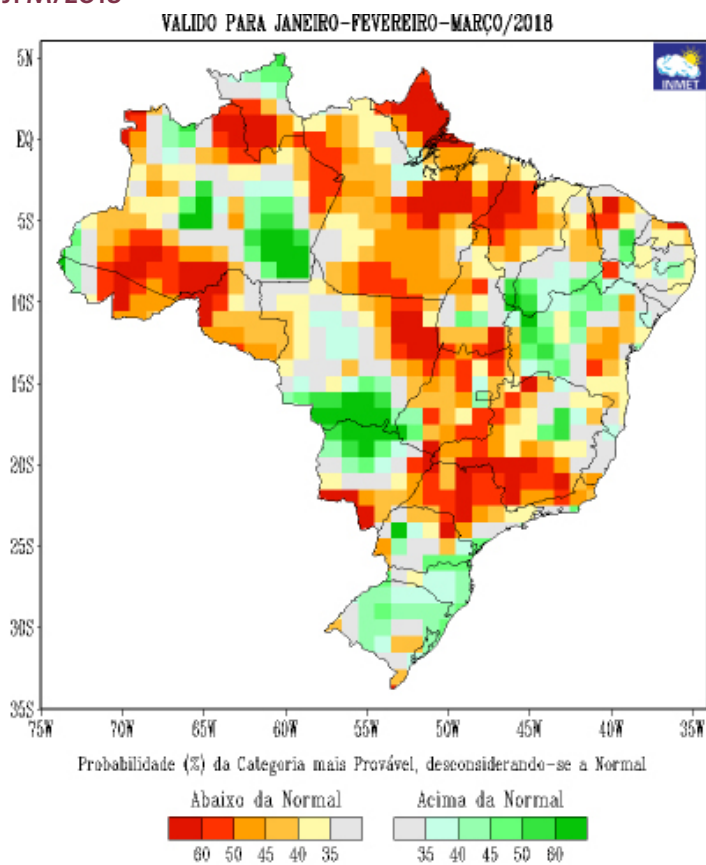
previstos pelo modelo não são muito acentuados, na maioria das localidades. Ressalta-se, ainda, que para este período a habilidade do modelo do Inmet é baixa nessas regiões.

Na Região Nordeste e no MATOPIBA, o prognóstico climático indica que pode haver considerável variação na distribuição espacial da precipitação, com maior probabilidade de chuvas dentro ou acima da faixa normal do trimestre chuvas em quase todo o Estado da Bahia e sul dos estados do Maranhão e Piauí. No norte do Nordeste, a probabilidade maior é de que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal ou abaixo.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet ([www.inmet.gov.br](http://www.inmet.gov.br)).



Figura 4 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre JFM/2018



Fonte: Inmet.





## 8. ANÁLISE DAS CULTURAS

### 8.1 CULTURAS DE VERÃO

#### 8.1.1. ALGODÃO

O quarto levantamento da lavoura de algodão aponta para crescimento na área plantada de 11,9% em relação ao exercício anterior, saindo de 939,1 mil hectares no ano passado, para 1.050,4 mil hectares na safra atual. A comercialização da safra 2016/17, aliada às boas perspectivas atuais de mercado, vêm gerando um ambiente de otimismo no setor produtivo.

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, está estimada apresentar crescimento na área plantada de 4,2%, quando comparada com o exercício anterior. Em Mato Grosso, maior produtor nacional, após a boa safra 2016/17, o algodão de primeira safra já começou a ser plantado na região sudeste do estado, ainda que em ritmo lento. Estima-se que até final de dezembro cerca de 15% do total já tinha sido semeada, representando 99 mil hectares plantados com a fibra. Na região, há relatos de áreas de cultivo de soja sendo incorporadas ao plantio da pluma devido ao atraso e impossibilidade da semeadura de alguns talhões da oleaginosa no atual ciclo.

O cultivo do algodão segunda safra ocorrerá, majoritariamente, entre janeiro e fevereiro, após a colheita da soja de ciclo precoce. A expectativa é que o relativo atraso na semeadura do grão possa estreitar a janela de plantio, contudo, os bons preços da pluma no mercado externo têm estimulado os produtores a aumentar a área de plantio da fibra em detrimento do milho

segunda safra, cuja cotação na paridade de exportação está baixa. Diante desse cenário, projeta-se cultivo de 549,5 mil hectares da cultura de segunda safra no ciclo 2017/18. Assim, a área total de algodão, primeira e segunda safras devem totalizar 648,5 mil hectares, incremento de 3,3% em relação aos 627,8 mil hectares da safra anterior.

Em Mato Grosso do Sul, as condições climáticas apresentam-se favoráveis à produção de algodão. As áreas onde são cultivadas as lavouras podem ser consideradas específicas, porque os preços regionais pagos pelo caroço e pluma não têm sido atrativos para investir no aumento de área de plantio. Mesmo assim, há uma expectativa de aumento de área de aproximadamente 5% em relação à safra anterior. No estado, a cultura é plantada em duas modalidades: na primeira e segunda safras. A área da primeira representa aproximadamente 80% de toda a área plantada, estimada em 30 mil hectares, com produtividade média de 4.200 kg/ha de algodão em caroço.

Aproximadamente 40% da área com algodão primeira safra já foi plantada na região norte do estado e a cultura se encontra nos estádios de germinação e início do desenvolvimento vegetativo. Nessa modalidade de cultivo, até o final de dezembro todo o algodão já tinha sido plantado, e em janeiro iniciará o plantio do algodão segunda safra. Nos municípios de Sidrolândia e Aral Moreira, onde o plantio ocorre mais cedo em relação às demais regiões, a lavoura se encontra no início da fase de reprodução, quando se intensificam as medidas de controle para o bicudo do algodoeiro.

Em Goiás, com o fim do vazio sanitário na região leste, os produtores estão plantando o algodão de verão. Na região de Goiatuba 60% das áreas já foram semeadas. Os plantios em janeiro correspondem à segunda safra. Na região sul, grande parte dos plantios serão realizadas em janeiro de 2018. Os preços da pluma, que se encontravam estáveis até novembro de 2017, apresentaram estimulantes incrementos a partir de dezembro, contribuindo para o aumento na área plantada, observado no plantio dessa temporada.

Na Região Sudeste, o cultivo de algodão apresentará forte crescimento, ora estimado em 50,5%, quando comparado com o do exercício passado. Em Minas Gerais, estima-se para a safra 2017/18, aumento de área de 36,5% em relação à safra anterior, o que reflete o otimismo dos cotonicultores diante dos bons preços alcançados ao longo de 2017, assim como as boas expectativas de mercado para a safra que se inicia. Espera-se um aumento do rendimento médio estadual em relação à safra anterior, tendo em vista que o aumento projetado ocorrerá em áreas de alta tecnologia, com emprego de irrigação e manejo adequado da cultura.

O plantio se iniciou em dezembro e deverá se estender até meados de fevereiro.

Em São Paulo, na região de concentração da produção, no município de Avaré e adjacências, as condições climáticas apresentam-se excelentes e as lavouras seguem apresentando ótima evolução. As atuais condições confirmam que cerca de 50% encontram-se em desenvolvimento vegetativo, 40% em início de florescimento e cerca de 10% já iniciam o processo de frutificação. A área de 6,4 mil hectares representa incremento de 128% em relação à safra anterior, e a retomada na importância do produto nesta safra foi reforçada pelo fato de que a produção dos cooperados se encontra totalmente comercializada, estimulando o aumento de área verificado. A expectativa é que a colheita ocorra em abril a junho em razão da antecipação do plantio, nessa temporada.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a tendência é de forte aumento na área plantada, atingindo no levantamento atual 32,4% em relação ao plantio passado. Com isso, os produtores irão recuperar as áreas que deixaram de ser cultivadas com algodão e cedidas para a soja, nas duas últimas safras.

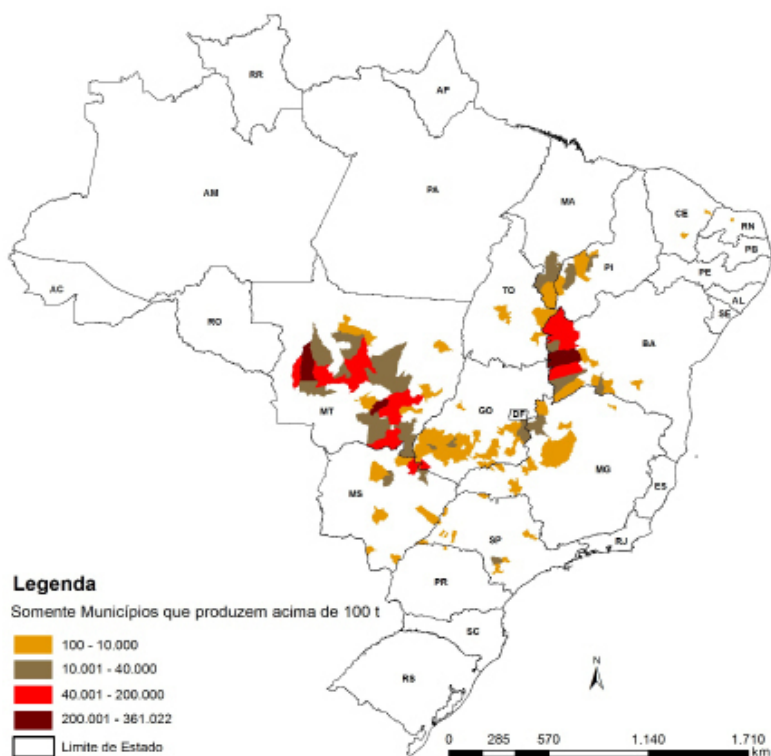
Na Bahia, a estimativa de área para a safra 2017/18 é de 271,8 mil hectares, com produtividade prevista de 3.957 Kg/ha de algodão em caroço, produzidas nas regiões do extremo-oeste e centro-sul. No extremo-oeste, a área para o algodão de sequeiro está estimada atingir 225 mil hectares, e havia a expectativa de finalizar o plantio dessas áreas em dezembro. O plantio das áreas irrigadas, estimada em 35 mil hectares, ocorrerá após a colheita da soja irrigada, em meados de fevereiro. Esse interesse verificado na lavoura de algodão se deve aos bons resultados da safra passada e às boas perspectivas climáticas para este ano agrícola. Por ser uma cultura de custo elevado, observa-se o crescimento da área cultivada pelos mesmos grupos agrícolas, não havendo aumento no número de produtores.

No Maranhão, os cultivos do algodão concentram-se nos municípios de Alto Parnaíba, Balsas e Tasso Fragoso, todos pertencentes ao bioma Cerrado. As lavouras de algodão já foram implantadas, auxiliada principalmente em razão das condições climáticas favoráveis. A área do estado está estimada em 25,5 mil hectares, representando incremento de 13,3% em relação à safra anterior, com uma estimativa de produção de 105,1 mil toneladas de algodão em caroço.

Em Tocantins registra nova queda na área cultivada com algodão. O maior entrave para a expansão da cultura no estado está relacionado ao cancelamento da isenção do ICMS. Os produtores preferem plantar nos estados com menor ICMS.



Figura 5 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/BGE.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			PP	P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 5 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>7,3</b>	<b>5,6</b>	<b>(23,3)</b>	<b>3.540</b>	<b>3.568</b>	<b>0,8</b>	<b>25,8</b>	<b>20,0</b>	<b>(22,5)</b>
RR	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
TO	4,8	3,1	(35,7)	3.196	3.220	0,8	15,3	10,0	(34,6)
<b>NORDESTE</b>	<b>230,8</b>	<b>305,6</b>	<b>32,4</b>	<b>4.226</b>	<b>3.960</b>	<b>(6,3)</b>	<b>975,3</b>	<b>1.210,3</b>	<b>24,1</b>
MA	22,5	25,5	13,3	3.915	4.122	5,3	88,1	105,1	19,3
PI	5,6	7,2	28,8	3.514	3.851	9,6	19,7	27,7	40,6
CE	0,4	0,4	-	1.083	625	(42,3)	0,4	0,3	(25,0)
RN	0,3	0,3	-	4.461	4.652	4,3	1,3	1,4	7,7
PB	0,4	0,4	-	819	669	(18,3)	0,3	0,3	-
BA	201,6	271,8	34,8	4.293	3.957	(7,8)	865,5	1.075,5	24,3
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>682,6</b>	<b>711,5</b>	<b>4,2</b>	<b>4.042</b>	<b>4.113</b>	<b>1,8</b>	<b>2.758,9</b>	<b>2.926,6</b>	<b>6,1</b>
MT	627,8	648,5	3,3	4.027	4.100	1,8	2.528,2	2.658,9	5,2
MS	28,6	30,0	5,0	4.350	4.425	1,7	124,4	132,8	6,8
GO	26,2	33,0	25,8	4.056	4.087	0,8	106,3	134,9	26,9
<b>SUDESTE</b>	<b>18,4</b>	<b>27,7</b>	<b>50,5</b>	<b>3.684</b>	<b>3.614</b>	<b>(1,9)</b>	<b>67,8</b>	<b>100,1</b>	<b>47,6</b>
MG	15,6	21,3	36,5	3.739	3.675	(1,7)	58,3	78,3	34,3
SP	2,8	6,4	128,0	3.377	3.413	1,1	9,5	21,8	129,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>238,1</b>	<b>311,2</b>	<b>30,7</b>	<b>4.205</b>	<b>3.953</b>	<b>(6,0)</b>	<b>1.001,1</b>	<b>1.230,3</b>	<b>22,9</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>701,0</b>	<b>739,2</b>	<b>5,4</b>	<b>4.032</b>	<b>4.094</b>	<b>1,5</b>	<b>2.826,7</b>	<b>3.026,7</b>	<b>7,1</b>
<b>BRASIL</b>	<b>939,1</b>	<b>1.050,4</b>	<b>11,9</b>	<b>4.076</b>	<b>4.053</b>	<b>(0,6)</b>	<b>3.827,8</b>	<b>4.257,0</b>	<b>11,2</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>7,3</b>	<b>5,6</b>	<b>(23,3)</b>	<b>1.387</b>	<b>1.392</b>	<b>0,3</b>	<b>10,1</b>	<b>7,8</b>	<b>(22,8)</b>
RR	2,5	2,5	-	1.596	1.520	(4,8)	4,0	3,8	(5,0)
TO	4,8	3,1	(35,7)	1.278	1.288	0,8	6,1	4,0	(34,4)
<b>NORDESTE</b>	<b>230,8</b>	<b>305,6</b>	<b>32,4</b>	<b>1.693</b>	<b>1.587</b>	<b>(6,3)</b>	<b>390,7</b>	<b>484,8</b>	<b>24,1</b>
MA	22,5	25,5	13,3	1.566	1.649	5,3	35,2	42,0	19,3
PI	5,6	7,2	28,8	1.511	1.656	9,6	8,5	11,9	40,0
CE	0,4	0,4	-	379	219	(42,3)	0,2	0,1	(50,0)
RN	0,3	0,3	-	1.695	1.768	4,3	0,5	0,5	-
PB	0,4	0,4	-	295	241	(18,4)	0,1	0,1	-
BA	201,6	271,8	34,8	1.717	1.583	(7,8)	346,2	430,2	24,3
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>682,6</b>	<b>711,5</b>	<b>4,2</b>	<b>1.615</b>	<b>1.646</b>	<b>1,9</b>	<b>1.102,3</b>	<b>1.171,0</b>	<b>6,2</b>
MT	627,8	648,5	3,3	1.611	1.640	1,8	1.011,3	1.063,5	5,2
MS	28,6	30,0	5,0	1.784	1.814	1,7	49,1	54,4	10,8
GO	26,2	33,0	25,8	1.598	1.610	0,8	41,9	53,1	26,7
<b>SUDESTE</b>	<b>18,4</b>	<b>27,7</b>	<b>50,5</b>	<b>1.435</b>	<b>1.438</b>	<b>0,2</b>	<b>26,4</b>	<b>39,8</b>	<b>50,8</b>
MG	15,6	21,3	36,5	1.496	1.470	(1,7)	22,7	31,3	37,9
SP	2,8	6,4	128,0	1.317	1.331	1,1	3,7	8,5	129,7
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>238,1</b>	<b>311,2</b>	<b>30,7</b>	<b>1.683</b>	<b>1.583</b>	<b>(5,9)</b>	<b>400,8</b>	<b>492,6</b>	<b>22,9</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>701,0</b>	<b>739,2</b>	<b>5,4</b>	<b>1.610</b>	<b>1.638</b>	<b>1,7</b>	<b>1.128,7</b>	<b>1.210,8</b>	<b>7,3</b>
<b>BRASIL</b>	<b>939,1</b>	<b>1.050,4</b>	<b>11,9</b>	<b>1.629</b>	<b>1.622</b>	<b>(0,4)</b>	<b>1.529,5</b>	<b>1.703,4</b>	<b>11,4</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



**Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção - Carço de algodão**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>7,3</b>	<b>5,6</b>	<b>(23,3)</b>	<b>2.153</b>	<b>2.177</b>	<b>1,1</b>	<b>15,7</b>	<b>12,2</b>	<b>(22,3)</b>
RR	2,5	2,5	-	2.604	2.480	(4,8)	6,5	6,2	(4,6)
TO	4,8	3,1	(35,7)	1.918	1.932	0,7	9,2	6,0	(34,8)
<b>NORDESTE</b>	<b>230,8</b>	<b>305,6</b>	<b>32,4</b>	<b>2.533</b>	<b>2.374</b>	<b>(6,3)</b>	<b>584,6</b>	<b>725,5</b>	<b>24,1</b>
MA	22,5	25,5	13,3	2.349	2.473	5,3	52,9	63,1	19,3
PI	5,6	7,2	28,8	2.003	2.195	9,6	11,2	15,8	41,1
CE	0,4	0,4	-	704	406	(42,3)	0,2	0,2	-
RN	0,3	0,3	-	2.766	2.884	4,3	0,8	0,9	12,5
PB	0,4	0,4	-	524	428	(18,3)	0,2	0,2	-
BA	201,6	271,8	34,8	2.576	2.374	(7,8)	519,3	645,3	24,3
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>682,6</b>	<b>711,5</b>	<b>4,2</b>	<b>2.424</b>	<b>2.467</b>	<b>1,8</b>	<b>1.656,6</b>	<b>1.755,6</b>	<b>6,0</b>
MT	627,8	648,5	3,3	2.416	2.460	1,8	1.516,9	1.595,4	5,2
MS	28,6	30,0	5,0	2.567	2.611	1,7	75,3	78,4	4,1
GO	26,2	33,0	25,8	2.458	2.477	0,8	64,4	81,8	27,0
<b>SUDESTE</b>	<b>18,4</b>	<b>27,7</b>	<b>50,5</b>	<b>2.215</b>	<b>2.177</b>	<b>(1,8)</b>	<b>41,4</b>	<b>60,3</b>	<b>45,7</b>
MG	15,6	21,3	36,5	2.243	2.205	(1,7)	35,6	47,0	32,0
SP	2,8	6,4	128,0	2.060	2.082	1,1	5,8	13,3	129,3
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>238,1</b>	<b>311,2</b>	<b>30,7</b>	<b>2.522</b>	<b>2.370</b>	<b>(6,0)</b>	<b>600,3</b>	<b>737,7</b>	<b>22,9</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>701,0</b>	<b>739,2</b>	<b>5,4</b>	<b>2.419</b>	<b>2.456</b>	<b>1,5</b>	<b>1.698,0</b>	<b>1.815,9</b>	<b>6,9</b>
<b>BRASIL</b>	<b>939,1</b>	<b>1.050,4</b>	<b>11,9</b>	<b>2.445</b>	<b>2.431</b>	<b>(0,6)</b>	<b>2.298,3</b>	<b>2.553,6</b>	<b>11,1</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

**Tabela 8 – Comparativo de produção e rendimento - Algodão rendimento**

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)						RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CARÇO			ALGODÃO EM PLUMA			Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %			
(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)	
<b>NORTE</b>	<b>25,8</b>	<b>20,0</b>	<b>(22,5)</b>	<b>10,1</b>	<b>7,8</b>	<b>(22,8)</b>	<b>39,2</b>	<b>39,0</b>	<b>0,5</b>
RR	10,5	10,0	(4,8)	4,0	3,8	(5,0)	38,0	38,0	-
TO	15,3	10,0	(34,6)	6,1	4,0	(34,4)	40,0	40,0	-
<b>NORDESTE</b>	<b>975,3</b>	<b>1.210,3</b>	<b>24,1</b>	<b>390,7</b>	<b>484,8</b>	<b>24,1</b>	<b>40,1</b>	<b>40,1</b>	<b>-</b>
MA	88,1	105,1	19,3	35,2	42,0	19,3	40,0	40,0	-
PI	19,7	27,7	40,6	8,5	11,9	40,0	43,0	43,0	-
CE	0,4	0,3	(25,0)	0,2	0,1	(50,0)	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,4	7,7	0,5	0,5	-	38,0	38,0	-
PB	0,3	0,3	-	0,1	0,1	-	36,0	36,0	-
BA	865,5	1.075,5	24,3	346,2	430,2	24,3	40,0	40,0	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>2.758,9</b>	<b>2.926,6</b>	<b>6,1</b>	<b>1.102,3</b>	<b>1.171,0</b>	<b>6,2</b>	<b>40,0</b>	<b>40,0</b>	<b>-</b>
MT	2.528,2	2.658,9	5,2	1.011,3	1.063,5	5,2	40,0	40,0	-
MS	124,4	132,8	6,8	49,1	54,4	10,8	41,0	41,0	-
GO	106,3	134,9	26,9	41,9	53,1	26,7	39,4	39,4	-
<b>SUDESTE</b>	<b>67,8</b>	<b>100,1</b>	<b>47,6</b>	<b>26,4</b>	<b>39,8</b>	<b>50,8</b>	<b>39,9</b>	<b>39,8</b>	<b>0,3</b>
MG	58,3	78,3	34,3	22,7	31,3	37,9	40,0	40,0	-
SP	9,5	21,8	129,5	3,7	8,5	129,7	39,0	39,0	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.001,1</b>	<b>1.230,3</b>	<b>22,9</b>	<b>400,8</b>	<b>492,6</b>	<b>22,9</b>	<b>40,0</b>	<b>40,0</b>	<b>-</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>2.826,7</b>	<b>3.026,7</b>	<b>7,1</b>	<b>1.128,7</b>	<b>1.210,8</b>	<b>7,3</b>	<b>40,0</b>	<b>40,0</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL</b>	<b>3.827,8</b>	<b>4.257,0</b>	<b>11,2</b>	<b>1.529,5</b>	<b>1.703,4</b>	<b>11,4</b>	<b>40,0</b>	<b>40,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



## 8.1.2. AMENDOIM

### 8.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Em São Paulo, o amendoim primeira safra foi plantado em setembro e outubro, encerrando no começo de novembro. O amendoim é todo cultivado nas áreas onde há plantio de cana, priorizando a renovação dos canaviais. A cultura entra na rotação com a essa cultura. Sendo assim, os cultivares de amendoim estão permanentemente atrelados ao ciclo da cana, compatíveis com a duração do período de rotação das lavouras. Outro fato a se considerar é a melhoria genética das variedades rasteiras, proporcionando um ganho considerável nas produtividades das lavouras. O amendoim apresenta com 50% em de-

envolvimento e 50% em florescimento. Quanto à entrada da safra, ela está prevista para março e abril. Nesses meses se concentra o maior pico de colheita podendo, inclusive, ser colhido um percentual menor em fevereiro. A área do amendoim primeira safra apresenta 119,8 mil hectares. Houve aumento de 8,6%, se comparada com a safra passada. O amendoim, cada vez mais presente, é incentivado pela opção de melhores preços e a demanda ao mercado externo, o que é cotado em dólar. O clima, que se encontra favorável, tem ajudado os produtores a optar pelo plantio.

**Figura 6 - Amendoim em desenvolvimento vegetativo em Pontal/SP. Nov, 2016**



Fonte: Conab.

Em Minas Gerais, a área destinada ao plantio do amendoim mantém-se estável em relação à safra 2016/2017, 2,6 mil hectares, que já foram integralmente plantadas e se encontram em fase de desenvolvimento vegetativo. No Triângulo Mineiro e Noroeste, as lavouras são altamente tecnificadas, com uso de sementes de boa qualidade, e produtividade média variando de 3.000 a 4.250 kg/ha. Já nas demais regiões do estado, predomina o cultivo em áreas de agricultura familiar, com pouca ou nenhuma tecnologia e conseqüentemente baixa produtividade. Estima-se que serão produzidas 9,5 mil toneladas

de amendoim, na atual safra em Minas Gerais.

No Paraná essa cultura não teve ajuste nos dados em relação ao mês anterior. A área de 1,7 mil hectares é inferior à do ano passado em 16,8%, pois se trata de uma cultura de subsistência, em constante declínio. A produtividade estimada mantém-se relativamente elevada devido o plantio de alta tecnologia no norte do estado. As condições das lavouras estão normais e a produção está estimada em 5,3 mil toneladas.



Figura 7 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



**Tabela 9 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra**

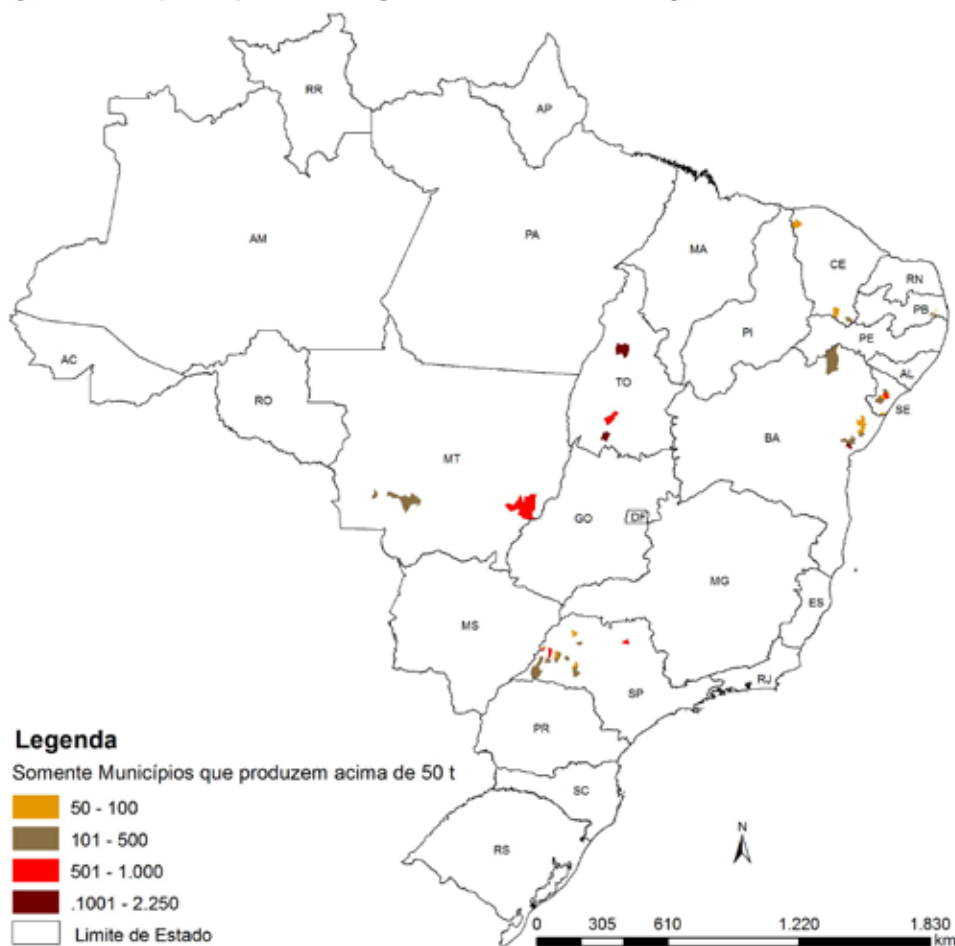
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUDESTE</b>	<b>112,9</b>	<b>122,4</b>	<b>8,4</b>	<b>3.721</b>	<b>3.555</b>	<b>(4,5)</b>	<b>420,2</b>	<b>435,1</b>	<b>3,5</b>
MG	2,6	2,6	-	3.615	3.652	1,0	9,4	9,5	1,1
SP	110,3	119,8	8,6	3.724	3.553	(4,6)	410,8	425,6	3,6
<b>SUL</b>	<b>5,4</b>	<b>5,3</b>	<b>(1,9)</b>	<b>3.447</b>	<b>3.219</b>	<b>(6,6)</b>	<b>18,6</b>	<b>17,1</b>	<b>(8,1)</b>
PR	2,0	1,7	(16,8)	3.406	3.097	(9,1)	6,8	5,3	(22,1)
RS	3,4	3,6	5,6	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>118,3</b>	<b>127,7</b>	<b>7,9</b>	<b>3.709</b>	<b>3.541</b>	<b>(4,5)</b>	<b>438,8</b>	<b>452,2</b>	<b>3,1</b>
<b>BRASIL</b>	<b>118,3</b>	<b>127,7</b>	<b>7,9</b>	<b>3.709</b>	<b>3.541</b>	<b>(4,5)</b>	<b>438,8</b>	<b>452,2</b>	<b>3,1</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

### 8.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

**Figura 8 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra**



Fonte: Conab/IBGE.



### Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
SE	Agreste Sergipano	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto						P	DV	F	FR	M/C	C		
	Ribeirão Preto						P	DV	F	FR	M/C	C		
	Presidente Prudente						P	DV	F	FR	M/C	C		
	Marília						P	DV	F	FR	M/C	C		
	Assis						P	DV	F	FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

### Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>0,3</b>	<b>0,3</b>	<b>-</b>	<b>4.800</b>	<b>3.785</b>	<b>(21,1)</b>	<b>1,4</b>	<b>1,1</b>	<b>(21,4)</b>
TO	0,3	0,3		4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
<b>NORDESTE</b>	<b>3,3</b>	<b>3,3</b>	<b>-</b>	<b>1.201</b>	<b>1.096</b>	<b>(8,8)</b>	<b>4,0</b>	<b>3,6</b>	<b>(10,0)</b>
CE	0,3	0,3	-	1.269	881	(30,6)	0,4	0,3	(25,0)
PB	0,4	0,4	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	(25,0)
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>2,5</b>	<b>2,5</b>	<b>-</b>	<b>4.200</b>	<b>4.000</b>	<b>(4,8)</b>	<b>10,5</b>	<b>10,0</b>	<b>(4,8)</b>
MS	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
<b>SUDESTE</b>	<b>4,9</b>	<b>4,9</b>	<b>-</b>	<b>2.354</b>	<b>2.406</b>	<b>2,2</b>	<b>11,5</b>	<b>11,8</b>	<b>2,6</b>
SP	4,9	4,9	-	2.354	2.406	2,2	11,5	11,8	2,6
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3,6</b>	<b>3,6</b>	<b>-</b>	<b>1.501</b>	<b>1.320</b>	<b>(12,1)</b>	<b>5,4</b>	<b>4,7</b>	<b>(13,0)</b>
<b>CENTRO- SUL</b>	<b>7,4</b>	<b>7,4</b>	<b>-</b>	<b>2.978</b>	<b>2.945</b>	<b>(1,1)</b>	<b>22,0</b>	<b>21,8</b>	<b>(0,9)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>11,0</b>	<b>11,0</b>	<b>-</b>	<b>2.494</b>	<b>2.413</b>	<b>(3,3)</b>	<b>27,4</b>	<b>26,5</b>	<b>(3,3)</b>

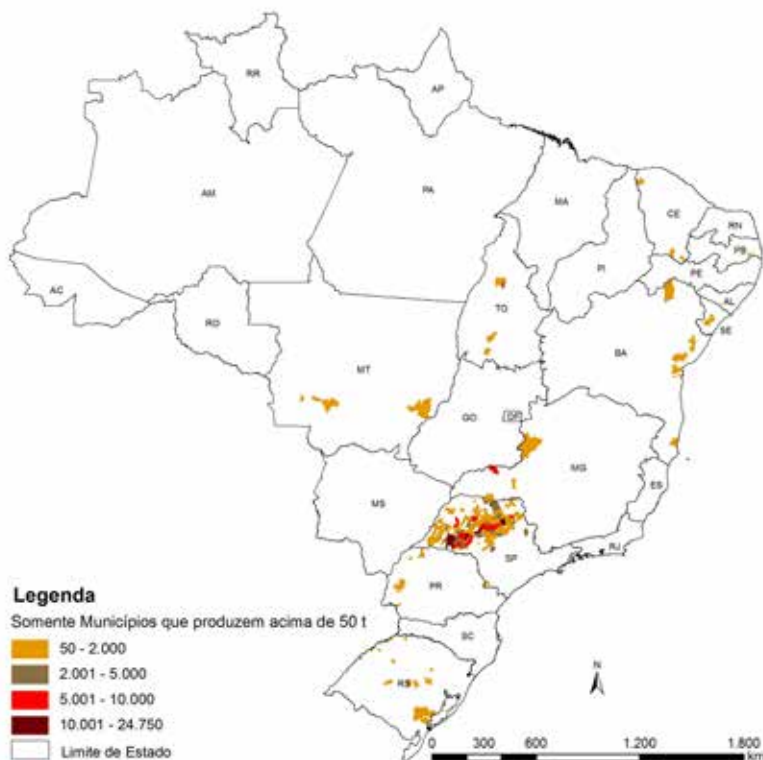
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



### 8.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 9 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>0,3</b>	<b>0,3</b>	<b>-</b>	<b>4.800</b>	<b>3.785</b>	<b>(21,1)</b>	<b>1,4</b>	<b>1,1</b>	<b>(21,4)</b>
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.785	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
<b>NORDESTE</b>	<b>3,3</b>	<b>3,3</b>	<b>-</b>	<b>1.201</b>	<b>1.096</b>	<b>(8,8)</b>	<b>4,0</b>	<b>3,6</b>	<b>(10,0)</b>
CE	0,3	0,3	-	1.269	881	(30,6)	0,4	0,3	(25,0)
PB	0,4	0,4	-	985	856	(13,1)	0,4	0,3	(25,0)
SE	1,1	1,1	-	1.613	1.430	(11,3)	1,8	1,6	(11,1)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>2,5</b>	<b>2,5</b>	<b>-</b>	<b>4.200</b>	<b>4.000</b>	<b>(4,8)</b>	<b>10,5</b>	<b>10,0</b>	<b>(4,8)</b>
MS	2,5	2,5	-	4.200	4.000	(4,8)	10,5	10,0	(4,8)
<b>SUDESTE</b>	<b>117,8</b>	<b>127,3</b>	<b>8,1</b>	<b>3.665</b>	<b>3.511</b>	<b>(4,2)</b>	<b>431,7</b>	<b>446,9</b>	<b>3,5</b>
MG	2,6	2,6	-	3.615	3.652	1,0	9,4	9,5	1,1
SP	115,2	124,7	-	3.666	3.508	(4,3)	422,3	437,4	3,6
<b>SUL</b>	<b>5,4</b>	<b>5,3</b>	<b>(1,9)</b>	<b>3.447</b>	<b>3.219</b>	<b>(6,6)</b>	<b>18,6</b>	<b>17,1</b>	<b>(8,1)</b>
PR	2,0	1,7	-	3.406	3.097	(9,1)	6,8	5,3	(22,1)
RS	3,4	3,6	-	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3,6</b>	<b>3,6</b>	<b>-</b>	<b>1.501</b>	<b>1.320</b>	<b>(12,1)</b>	<b>5,4</b>	<b>4,7</b>	<b>(13,0)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>125,7</b>	<b>135,1</b>	<b>7,5</b>	<b>3.666</b>	<b>3.508</b>	<b>(4,3)</b>	<b>460,8</b>	<b>474,0</b>	<b>2,9</b>
<b>BRASIL</b>	<b>129,3</b>	<b>138,7</b>	<b>7,3</b>	<b>3.606</b>	<b>3.452</b>	<b>(4,3)</b>	<b>466,2</b>	<b>478,7</b>	<b>2,7</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



### 8.1.3. ARROZ

Para o quarto levantamento da cultura de arroz da safra 2017/18 indica redução de área plantada de 1,9% em relação à safra passada. Na produtividade, a previsão da média nacional é de 5.978 kg/ha. Na estimativa de produção, os números nacionais apontam para redução 5,7% em relação à safra passada, estimada em 11.622 mil toneladas. As análises dos números apontam queda na área plantada nos estados onde a cultura é cultivada com o sistema de sequeiro e irrigado.

Na Região Norte, a avaliação é que a área plantada seja em torno de 260,9 mil hectares, retração de 0,8% em relação à safra passada. A Região Norte se configura como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Roraima, o arroz é dividido em arroz de verão e arroz de inverno, ambos em manejo de irrigação. No momento, o cultivo de verão está em processo de plantio, mas a maior parte concentra-se em abril. A previsão é que a área não sofra alterações em relação à última safra, no entanto, a queda no preço do arroz tem desestimulado alguns produtores. A estimativa de produção para o estado é de 87,3 mil toneladas do grão.

Em Rondônia, considerando níveis percentuais, as

lavouras de arroz no estado são financiadas nas seguintes proporções: 5% por Bancos Oficiais, 7% com recursos do próprio produtor e 88% por agentes econômicos financiadores. A justificativa para o reduzido volume de recursos financeiros captados em bancos oficiais está relacionada à documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente, esse fato inviabiliza o acesso dos produtores ao crédito disponível junto aos bancos, o recurso financeiro existe, no entanto, o produtor não consegue captá-lo em sua integralidade.

Nesse contexto as traddings e empresas estaduais entram como segunda e principal opção ao produtor que necessita de aporte financeiro para investir/custear as lavouras. A área estimada para a implantação da cultura na safra 2017/18 é de 38,9 mil hectares. A variedade de arroz mais cultivada no estado é a Cambará, com ciclo precoce e com ampla adaptabilidade às condições edafoclimáticas em Rondônia. O calendário agrícola segue um pouco atípico em razão do atraso das chuvas iniciais, retardando o estabelecimento de muitas lavouras no campo, no entanto, o regime atual de chuvas é considerado normal e regular, garantindo bom aporte de água no solo para suprimento das plantas.

**Figura 10 – Lavoura de arroz em Porto Velho - RO**



Fonte: Conab

No Acre, a cultura do arroz vem decrescendo em área plantada e a produção apresenta baixa produtividade. A baixa produtividade está associada à falta de cultivares adaptadas à região e políticas públicas de incentivo à cultura. O plantio do arroz de sequeiro se inicia no início do período chuvoso, de outubro a dezembro, quando o clima é favorável ao desenvolvimento da cultura. Há perspectiva de redução de área plantada devido à dificuldade de acesso ao crédito agrícola e ao custo de produção. O sistema de produção é outro fator que influencia na produtividade do estado devido à utilização de baixa tecnologia e a agricultura ser familiar, cuja, a finalidade da produção

é para o consumo familiar e à comercialização do excedente. Geralmente a cultura do arroz é consorciada com outras culturas, como o milho e a mandioca, após a retirada da cultura é realizado o plantio de feijão comum.

Para a cultura do arroz se recomenda a realização do plantio no período inicial das chuvas, de outubro a dezembro, desde que o solo apresente umidade suficiente para a germinação e o desenvolvimento inicial das plantas. Deve-se evitar o plantio antecipado para diminuir o risco de se estabelecer baixa população de plantas e para que a colheita não ocorra em épo-



ca chuvosa. Por outro lado, o plantio tardio favorece o aparecimento de brusone. A área cultivada no estado deverá ser de 4 mil hectares, estimativa de produção de 5,5 mil toneladas e produtividade de 1.375 Kg/ha.

No Amazonas, a estimativa é que a área plantada seja igual à da safra passada, estimada em 3,2 mil hectares. Espera-se uma produtividade 3% maior, com uma produção total estimada em torno de 7,2 mil toneladas (arroz de sequeiro), quando comparada à safra 2016/17.

No Pará, a expectativa do setor para área a ser plantada nessa safra continua a mesma informada no levantamento anterior, tanto para o arroz de sequeiro quanto para o arroz irrigado, sendo esse último cultivado em ciclos de produção, visando atender a demanda das beneficiadoras. O sul e sudeste do estado já iniciaram o preparo da área e plantio, com a chegada das chuvas.

Em Tocantins, as lavouras do arroz de sequeiro vêm se desenvolvendo bem, dado aos bons volumes precipitados ocorridos desde o início do plantio. Com o fim do plantio da soja, os produtores com propósito de cultivo da cultura, já iniciaram o plantio das lavouras de arroz nas áreas recém-abertas. A área cultivada, nessa safra, em sistema sequeiro, deverá ser 12,1% menor do que na safra passada. Com relação ao plantio irrigado, a estimativa é de manutenção da área em relação à safra passada, de 105 mil hectares. Com evidenciado atraso, devido aos baixíssimos níveis dos reservatórios e rios da região, nessa safra todos os produtores tiveram que esperar o retorno das chuvas para realizar o plantio com segurança de abastecimento de água para a inundação dos tabuleiros. As lavouras já estão na fase final de plantio, apresentando ligeira limitação nas regiões mais baixas devido ao excesso de água presente nos tabuleiros, impedindo a realização do plantio nessas áreas. A expectativa é de que o volume de chuvas diminua e que essas áreas sejam drenadas para serem plantadas.

Na Região Nordeste, a expectativa é de incremento da área plantada com arroz de sequeiro de 4,1% e com o irrigado de 9,4%.

No Maranhão, apesar das lavouras de arroz de sequeiro serem gradativamente substituídas por outros sistemas produtivos, normalmente avaliados pelos produtores como mais rentáveis, a exemplo da pecuária de corte e/ou criação de animais de pequeno porte, ainda assim a área plantada deve ser 6,5% superior à safra passada. A área plantada com arroz irrigado deve aumentar para 2,9 mil hectares. As lavouras foram bem estabelecidas e se encontram em sua totalidade no estágio de maturação.

Em Sergipe, o calendário de plantio foi concluído em outubro, com uma área plantada de 4,7 mil hectares no estado, apesar de alguns poucos produtores replantarem nas áreas colhidas até então, com o propósito de realizar a colheita em meados de março de 2018. Até o final de dezembro é esperado que 28% de área seja colhida, obtendo um acumulado de 45% da área total semeada. Outros 30% das áreas se encontram em estágio de maturação, 30% em floração e 12% em frutificação. Em relação à comercialização, verificou-se que os maiores volumes negociados foram com compradores de Pernambuco.

Na Bahia, o cultivo do arroz é realizado nos territórios Rio Corrente e Rio Grande, sendo tradição o cultivo em áreas recém-abertas devido principalmente a sua tolerância à acidez dos solos. Geralmente o cultivo não se repete nos anos seguintes devido aos baixos preços de mercado. Estima-se o cultivo de 7,8 mil hectares, redução de 3,7% em relação à safra passada. A área plantada já atinge 100%.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a previsão é que ocorra redução na área plantada de 9,2%, quando comparada com a última safra, tanto nas áreas de arroz de sequeiro, de 10,8%, quanto nas destinadas a arroz irrigado, de 2,9%.

Em Mato Grosso, o plantio do arroz sequeiro de primeira safra está ocorrendo em diversas regiões do estado, com redução de aproximadamente 11,3% em relação à safra passada. Tal queda é justificada pela substituição de áreas antes destinadas à orizicultura, agora, incorporadas ao plantio de soja. A maior parte das lavouras está em desenvolvimento vegetativo e os trabalhos de semeadura das áreas remanescentes serão finalizados nas primeiras semanas de janeiro. As condições climáticas favoráveis remetem à boa produtividade. Assim, o rendimento médio do arroz é estimado em 3.089 kg/ha. Com menor área dedicada à cultura, projeta-se produção de 414,9 mil toneladas do cereal no atual ciclo, ante às 488,4 mil toneladas na safra passada, queda de 15% no período.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada no estado é de 14,3 mil hectares, com uma expectativa de produtividade média de 6.100 kg/ha. No levantamento atual, a cultura se encontra em diferentes estágios de crescimento e desenvolvimento por causa do escalonamento do plantio. Aproximadamente 64% das lavouras estão em fase vegetativa, 25% em floração/frutificação e 11% em maturação. No estado, a baixa incidência de pragas e doenças têm contribuído para o desenvolvimento da cultura, além do bom aporte tecnológico utilizado e monitoramento constante, que têm sido fundamentais para o desenvolvimento do cereal. O plantio da soja, em áreas an-



teriormente cultivadas com arroz, vem se tornando cada vez mais frequente nos municípios produtores do cereal, assim, estabelecendo uma rotação de culturas, reduzindo os custos com agrotóxicos e reestruturando o solo fisicamente e fixando nitrogênio. Com a rotação, há o controle na disseminação da principal invasora do cereal – o arroz vermelho, pertencente à mesma espécie do arroz branco comercial. O clima, nos principais municípios produtores do cereal, está favorável ao crescimento e desenvolvimento da cultura. Porém, alguns municípios no sudoeste do estado apresentaram dias nublados no final de novembro e início de dezembro, o que pode acarretar em problemas futuros para a produtividade, dada à falta de luminosidade, a qual compromete a assimilação de carboidratos. Em termos de comercialização, há poucos contratos futuros, pois não é uma prática comum para a cultura no estado e também pelo preço baixo pago ao produtor.

Em Goiás, a cultura de arroz de sequeiro se resume em áreas de assentamentos rurais ou cooperados atendidos pelo programa Lavoura Comunitária da Secretaria da Agricultura em conjunto com Emater e OVG. Grande parte dos usuários desse programa estão em inadimplência, por isso vários projetos não têm sido aprovados pela Emater do estado. Não há procura de crédito de custeio para essa cultura, haja vista as significativas exigências bancárias para a liberação desse crédito. O arroz de sequeiro está, na maioria, restrito a plantio de subsistência e lavouras comunitárias. Neste ano alguns assentados de reforma agrária poderão realizar o plantio de pequenas áreas com baixa aplicação de tecnologia, apenas para subsistência e com comercialização do excedente no mercado regional. Demais áreas de sequeiro são de acampamentos em faixas de domínio de rodovias e pequenos produtores com utilização de pouca tecnologia.

Na Região Sudeste, a área plantada deve ter retração de 9,3%, se comparada à área da última safra.

Em Minas Gerais, seguindo a tendência dos últimos anos, a área de arroz sofreu queda em relação à safra anterior. Dos 5,9 mil hectares previstos no último levantamento, foram plantados apenas 4,8 mil, o que implica em uma queda de 20% em relação à safra anterior. A redução ocorreu em área de sequeiro devido, em grande parte, ao desestímulo provocado pelo alto custo de produção, que resulta na falta de competitividade com o cereal produzido no sul do país, assim como pelo risco de perdas por causa das estiagens prolongadas, recorrentes nas principais regiões produtoras.

A produtividade média estadual deve ficar 10,2% maior em relação à safra anterior, devido à redução de

área de sequeiro, geralmente pouco produtiva, além da influência das lavouras irrigadas, nas quais não são raros relatos de produtividade de até 7.000 kg/ha.

Em São Paulo o arroz demonstra uma estabilidade de área. O produto é pouco cultivado no estado. O cereal se concentra basicamente em dois municípios, Guaratinguetá e Pindamonhangaba, ambos pertencentes ao vale do Paraíba. Produtores que até então se dedicavam mais intensamente ao cultivo do arroz estão migrando para outras culturas, tais como, milho silagem e até mesmo a soja. A cultura se encontra em torno de 10% em germinação, em desenvolvimento vegetativo 50% e em floração 40%. A produtividade esperada pelos produtores da região para o arroz irrigado é de 4.184 kg/ha. E a produtividade esperada para o arroz de sequeiro é de 2.900 kg/ha. A área total do arroz de São Paulo fica em 9,4 mil hectares. Retração de área, se comparada a safra passada, que ficou em 9,7 mil hectares.

Na Região Sul, onde concentra a maior parte da produção do país e o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro, a área deve sofrer pequena redução de, 2%, quando comparada à safra passada.

No Paraná, a área total cultivada com arroz é estimada em 23,6 mil hectares. O levantamento aponta para uma área plantada de 3,4 mil hectares de arroz de sequeiro. O plantio está em queda ano após ano, pois se trata de uma cultura de subsistência, cada vez mais em desuso, principalmente devido aos baixos preços do arroz. A produtividade de 2.045 kg/ha é considerada como normal para a cultura, que se encontra em desenvolvimento vegetativo e boas condições sanitárias. A área com arroz irrigado foi reajustada e é estimada em 20,2 mil hectares. O crescimento ocorreu no noroeste do Paraná, onde estão concentradas 80% das lavouras. O cultivo de arroz irrigado é de alta produtividade e, atualmente, espera-se uma produtividade média de 7.300 kg/ha. As lavouras estão em boas condições.

Em Santa Catarina, 100% das lavouras do arroz irrigado estão implantadas, visto que a maior parte se encontra ainda em fase de perfilhamento, porém estima-se que em torno de 23% da área já esteja em estágio reprodutivo, com a diferenciação e emissão de panícula. A ocorrência de lavouras mais adiantadas evidencia a expectativa de início da colheita ainda na primeira quinzena de janeiro. Até o presente momento a safra vem se mostrando normal, com o clima favorável ao desenvolvimento das plantas. Apesar de haver locais com registro de restrições hídricas e outros com a presença de clima frio, principalmente no



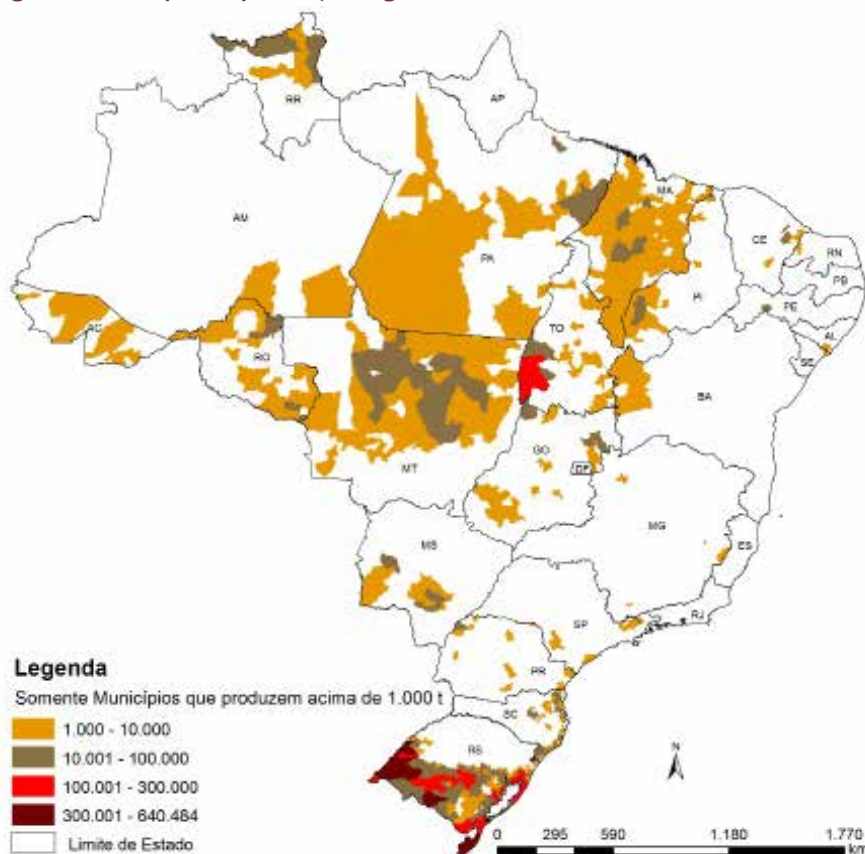
período da noite, no último mês. Não foi constatada presença de pragas ou doenças na cultura em níveis que possam afetar a produção estimada, apesar de haver focos de patógenos em algumas regiões, os quais estão sendo controlados de forma satisfatória via uso de defensivos. O preço está se mantendo estável na faixa de R\$ 40,00 a saca na região norte do estado e R\$ 36,50 a saca na região sul.

No Rio Grande do Sul, a semeadura do arroz se encontra praticamente concluída. A evolução de semeadura na presente safra foi muito semelhante ao verificado na anterior. As condições meteorológicas e de manejo daqui até o final do ciclo ainda exercem fator preponderante na definição da produção total. Por outro lado, a lavoura de arroz da safra 2017/18 enfrentou sérios problemas na sua implantação. Não obstante as áreas tenham sido preparadas com antecedência em grande parte das regiões produtoras, o período ideal de semeadura foi afetado pelo excesso de precipitações que impediram uma semeadura sequencial como era esperado. Além disso, ficou dificultado a realização dos tratos culturais, provocando a ocorrência de invasoras, além do normal, e atraso na aplicação da adubação nitrogenada. Da área prevista para o estado 77% foram semeados dentro do período recomendado, 18% do tolerado e 5% em dezembro. A falta de chuvas, que em alguns locais já é superior a

60 dias, principalmente na região da Campanha, não permitiu a germinação adequada das lavouras, que está ocorrendo somente em dezembro, também fora do período recomendado. Sendo assim, a produção vai ficar muito dependente do clima, que não poderá apresentar, por exemplo, temperaturas abaixo de 13 °C até meados de abril. As operações de semeadura, em razão do curto tempo disponível, não foram realizadas da melhor maneira possível e, mais recentemente, a estiagem está dificultando o processo de irrigação, já que o solo muito seco é necessário mais água para saturar e formar a lâmina de irrigação, além de tornar o processo mais demorado e ocasionar uma maior perda na adubação nitrogenada devido à volatilização do nitrogênio antes de ocorrer a inundação do solo. Foi apontada uma leve mudança quanto ao uso das cultivares nesta safra. A cultivar Irga 424 RI deverá ter uma diminuição de até 5% no seu uso devido aos problemas de comercialização que ocorreram na safra anterior. A substituição deve se dar pelas cultivares Guri e Irga 429, que são mais preferidas pela indústria. Um problema elencado pelos produtores foi a dificuldade cada vez maior para o acesso ao crédito oficial, restando como alternativa recorrer às indústrias de beneficiamento e fornecedores de insumos, cuja a taxa de juros é mais que três vezes superior àquela praticada pelo crédito oficial.



Figura 11 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>263,0</b>	<b>260,9</b>	<b>(0,8)</b>	<b>4.129</b>	<b>4.086</b>	<b>(1,0)</b>	<b>1.085,8</b>	<b>1.065,9</b>	<b>(1,8)</b>
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	0,3
RO	40,6	38,9	(4,2)	2.956	3.181	7,6	120,0	123,7	3,1
AC	4,3	4,0	(7,0)	1.399	1.375	(1,7)	6,0	5,5	(8,3)
AM	3,2	3,2	-	2.183	2.248	3,0	7,0	7,2	2,9
AP	1,5	1,5	-	945	920	(2,6)	1,4	1,4	-
PA	68,8	72,0	4,7	2.728	2.645	(3,1)	187,7	190,5	1,5
TO	132,3	129,0	(2,5)	5.115	5.042	(1,4)	676,7	650,3	(3,9)
<b>NORDESTE</b>	<b>229,2</b>	<b>239,5</b>	<b>4,5</b>	<b>1.908</b>	<b>1.651</b>	<b>(13,4)</b>	<b>437,3</b>	<b>395,6</b>	<b>(9,5)</b>
MA	141,6	152,2	7,5	1.807	1.594	(11,8)	255,9	242,6	(5,2)
PI	65,2	65,2	-	1.629	1.235	(24,2)	106,2	80,5	(24,2)
CE	4,7	4,7	-	2.076	2.262	9,0	9,7	10,7	10,3
RN	1,0	1,0	-	3.766	3.288	(12,7)	3,8	3,3	(13,2)
PB	0,9	0,9	-	875	767	(12,3)	0,8	0,7	(12,5)
PE	0,2	0,2	-	4.000	5.259	31,5	0,8	1,1	37,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	900	-	7,3	7,0	(4,1)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>199,4</b>	<b>181,1</b>	<b>(9,2)</b>	<b>3.672</b>	<b>3.575</b>	<b>(2,7)</b>	<b>732,3</b>	<b>647,4</b>	<b>(11,6)</b>
MT	162,3	145,2	(10,5)	3.266	3.131	(4,1)	530,0	454,7	(14,2)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	6.100	1,7	93,0	87,2	(6,2)
GO	21,6	21,6	-	5.059	4.884	(3,5)	109,3	105,5	(3,5)
<b>SUDESTE</b>	<b>16,1</b>	<b>14,6</b>	<b>(9,3)</b>	<b>3.399</b>	<b>3.535</b>	<b>4,0</b>	<b>54,7</b>	<b>51,6</b>	<b>(5,7)</b>
MG	6,0	4,8	(20,0)	2.534	2.791	10,2	15,2	13,4	(11,8)
ES	0,1	0,1	-	2.471	2.447	(1,0)	0,2	0,2	-
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.194	(12,9)	1,1	1,0	(9,1)
SP	9,7	9,4	(3,1)	3.935	3.938	0,1	38,2	37,0	(3,1)
<b>SUL</b>	<b>1.273,2</b>	<b>1.247,9</b>	<b>(2,0)</b>	<b>7.868</b>	<b>7.582</b>	<b>(3,6)</b>	<b>10.017,7</b>	<b>9.461,5</b>	<b>(5,6)</b>
PR	25,1	23,6	(6,0)	6.506	6.543	0,6	163,3	154,5	(5,4)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.300	(4,4)	1.125,8	1.070,9	(4,9)
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.643	(3,6)	8.728,6	8.236,1	(5,6)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>492,2</b>	<b>500,4</b>	<b>1,7</b>	<b>3.095</b>	<b>2.921</b>	<b>(5,6)</b>	<b>1.523,1</b>	<b>1.461,5</b>	<b>(4,0)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.488,7</b>	<b>1.443,6</b>	<b>(3,0)</b>	<b>7.258</b>	<b>7.038</b>	<b>(3,0)</b>	<b>10.804,7</b>	<b>10.160,5</b>	<b>(6,0)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.980,9</b>	<b>1.944,0</b>	<b>(1,9)</b>	<b>6.223</b>	<b>5.978</b>	<b>(3,9)</b>	<b>12.327,8</b>	<b>11.622,0</b>	<b>(5,7)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>140,6</b>	<b>138,5</b>	<b>(1,5)</b>	<b>2.526</b>	<b>2.554</b>	<b>1,1</b>	<b>355,1</b>	<b>353,7</b>	<b>(0,4)</b>
RO	40,6	38,9	(4,2)	2.956	3.181	7,6	120,0	123,7	3,1
AC	4,3	4,0	(7,0)	1.399	1.375	(1,7)	6,0	5,5	(8,3)
AM	3,2	3,2	-	2.183	2.248	3,0	7,0	7,2	2,9
AP	1,5	1,5	-	945	920	(2,6)	1,4	1,4	-
PA	63,7	66,9	5,0	2.592	2.518	(2,9)	165,1	168,5	2,1
TO	27,3	24,0	(12,1)	2.036	1.977	(2,9)	55,6	47,4	(14,7)
<b>NORDESTE</b>	<b>213,3</b>	<b>222,1</b>	<b>4,1</b>	<b>1.623</b>	<b>1.365</b>	<b>(15,9)</b>	<b>346,2</b>	<b>303,3</b>	<b>(12,4)</b>
MA	140,2	149,3	6,5	1.775	1.541	(13,2)	248,9	230,1	(7,6)
PI	60,0	60,0	-	1.384	978	(29,3)	83,0	58,7	(29,3)
CE	4,1	4,1	-	1.516	1.652	9,0	6,2	6,8	9,7
PB	0,9	0,9	-	875	767	(12,3)	0,8	0,7	(12,5)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	900	-	7,3	7,0	(4,1)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>158,1</b>	<b>141,0</b>	<b>(10,8)</b>	<b>3.187</b>	<b>3.048</b>	<b>(4,4)</b>	<b>503,8</b>	<b>429,8</b>	<b>(14,7)</b>
MT	151,4	134,3	(11,3)	3.226	3.089	(4,2)	488,4	414,9	(15,0)
GO	6,7	6,7	-	2.300	2.220	(3,5)	15,4	14,9	(3,2)
<b>SUDESTE</b>	<b>7,1</b>	<b>5,7</b>	<b>(19,7)</b>	<b>2.093</b>	<b>2.205</b>	<b>5,4</b>	<b>14,8</b>	<b>12,5</b>	<b>(15,5)</b>
MG	4,7	3,5	(25,5)	1.563	1.756	12,3	7,3	6,1	(16,4)
ES	0,1	0,1	-	2.471	2.447	(1,0)	0,2	0,2	-
RJ	0,3	0,3	-	3.667	3.194	(12,9)	1,1	1,0	(9,1)
SP	2,0	1,8	(10,0)	3.082	2.900	(5,9)	6,2	5,2	(16,1)
<b>SUL</b>	<b>5,3</b>	<b>3,4</b>	<b>(35,8)</b>	<b>2.032</b>	<b>2.045</b>	<b>0,6</b>	<b>10,8</b>	<b>7,0</b>	<b>(35,2)</b>
PR	5,3	3,4	(35,8)	2.032	2.045	0,6	10,8	7,0	(35,2)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>353,9</b>	<b>360,6</b>	<b>1,9</b>	<b>1.982</b>	<b>1.822</b>	<b>(8,1)</b>	<b>701,3</b>	<b>657,0</b>	<b>(6,3)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>170,5</b>	<b>150,1</b>	<b>(12,0)</b>	<b>3.105</b>	<b>2.993</b>	<b>(3,6)</b>	<b>529,4</b>	<b>449,3</b>	<b>(15,1)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>524,4</b>	<b>510,7</b>	<b>(2,6)</b>	<b>2.347</b>	<b>2.166</b>	<b>(7,7)</b>	<b>1.230,7</b>	<b>1.106,3</b>	<b>(10,1)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



**Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>122,4</b>	<b>122,4</b>	<b>-</b>	<b>5.970</b>	<b>5.819</b>	<b>(2,5)</b>	<b>730,7</b>	<b>712,2</b>	<b>(2,5)</b>
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.100	0,3	87,0	87,3	0,3
PA	5,1	5,1	-	4.433	4.307	(2,8)	22,6	22,0	(2,7)
TO	105,0	105,0	-	5.915	5.742	(2,9)	621,1	602,9	(2,9)
<b>NORDESTE</b>	<b>15,9</b>	<b>17,4</b>	<b>9,4</b>	<b>5.732</b>	<b>5.305</b>	<b>(7,5)</b>	<b>91,1</b>	<b>92,3</b>	<b>1,3</b>
MA	1,4	2,9	107,1	5.020	4.321	(13,9)	7,0	12,5	78,6
PI	5,2	5,2	-	4.453	4.200	(5,7)	23,2	21,8	(6,0)
CE	0,6	0,6	-	5.900	6.430	9,0	3,5	3,9	11,4
RN	1,0	1,0	-	3.766	3.288	(12,7)	3,8	3,3	(13,2)
PE	0,2	0,2	-	4.000	5.259	31,5	0,8	1,1	37,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.128	(5,5)	35,4	33,5	(5,4)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>41,3</b>	<b>40,1</b>	<b>(2,9)</b>	<b>5.532</b>	<b>5.428</b>	<b>(1,9)</b>	<b>228,5</b>	<b>217,6</b>	<b>(4,8)</b>
MT	10,9	10,9	-	3.815	3.653	(4,2)	41,6	39,8	(4,3)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	6.100	1,7	93,0	87,2	(6,2)
GO	14,9	14,9	-	6.300	6.082	(3,5)	93,9	90,6	(3,5)
<b>SUDESTE</b>	<b>9,0</b>	<b>8,9</b>	<b>(1,1)</b>	<b>4.429</b>	<b>4.387</b>	<b>(0,9)</b>	<b>39,9</b>	<b>39,1</b>	<b>(2,0)</b>
MG	1,3	1,3	-	6.043	5.577	(7,7)	7,9	7,3	(7,6)
SP	7,7	7,6	(1,3)	4.157	4.184	0,6	32,0	31,8	(0,6)
<b>SUL</b>	<b>1.267,9</b>	<b>1.244,5</b>	<b>(1,8)</b>	<b>7.893</b>	<b>7.597</b>	<b>(3,7)</b>	<b>10.006,9</b>	<b>9.454,5</b>	<b>(5,5)</b>
PR	19,8	20,2	2,0	7.704	7.300	(5,2)	152,5	147,5	(3,3)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.300	(4,4)	1.125,8	1.070,9	(4,9)
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.643	(3,6)	8.728,6	8.236,1	(5,6)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>138,3</b>	<b>139,8</b>	<b>1,1</b>	<b>5.943</b>	<b>5.755</b>	<b>(3,2)</b>	<b>821,8</b>	<b>804,5</b>	<b>(2,1)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.318,2</b>	<b>1.293,5</b>	<b>(1,9)</b>	<b>7.795</b>	<b>7.508</b>	<b>(3,7)</b>	<b>10.275,3</b>	<b>9.711,2</b>	<b>(5,5)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.456,5</b>	<b>1.433,3</b>	<b>(1,6)</b>	<b>7.619</b>	<b>7.337</b>	<b>(3,7)</b>	<b>11.097,1</b>	<b>10.515,7</b>	<b>(5,2)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

## 8.1.4. FEIJÃO

A avaliação do cultivo de feijão primeira safra indica que a área total semeada reduzirá para 1.025,5 mil hectares, ou seja, 7,7%, e a produtividade esperada é

de 1.205 kg/ha. Devido à redução de área, a produção está estimada em 1.235,4 mil toneladas, variação negativa de 9,2%.

### 8.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

#### Feijão-comum cores

Na Bahia, estima-se que a área de plantio deverá ser de 43 mil hectares, representando uma variação negativa de 24,6% em relação à safra passada. Em relação à produtividade, essa poderá atingir 600 Kg/ha. Essa redução se deve ao ajuste de área cultivada, informando o cultivo, separando em primeira e segunda safras. Os plantios foram iniciados com as chuvas de novembro e já estão quase finalizados. O feijão primeira safra é cultivado quase que em totalidade pela agricultura familiar.

Em Mato Grosso, o plantio do feijão primeira safra, cujo cultivo é restrito nas regiões oeste e sudeste, está finalizado. A lavoura estadual, de 6,2 mil hectares, encontra-se em diversos estádios de desenvolvimento, com predominância entre floração e frutificação. Há

previsão de colheita no final de dezembro, embora a maior concentração da colheita acontecerá em janeiro e fevereiro. Os preços continuam baixos devido à grande quantidade produzida na safra anterior, o que gerou um excedente bastante considerável.

Em Goiás, algumas áreas já estão na fase reprodutiva ou próximas à colheita. A expectativa dos produtores é que os preços possam ser mais atrativos com a colheita no verão. No momento, os preços do produto são pouco atrativos para os produtores e a demanda enfraquecida no estado. Muitos produtores tradicionais de algodão safrinha cultivam feijão de primeira safra, principalmente no sudoeste goiano como, por exemplo, no município de Chapadão do Céu. Na região leste do estado, as lavouras estão acompanhando



do o estágio da cultura da soja.

No Distrito Federal, a primeira safra de feijão, também conhecida como safra das águas, configura a mesma área plantada da safra anterior. Estima-se uma produtividade média de 2.100 Kg/ha, 10,5% superior à registrada na safra passada, o que poderá resultar em uma produção de 22,9 mil toneladas, superior em 10,6% à obtida na safra 2016/17, ocasionado, sobretudo, pelo combate severo à mosca-branca. A Secretaria de Agricultura do Distrito Federal salienta que os agricultores e produtores estejam cientes sobre a importância do combate à mosca-branca. O plantio já foi concluído e as lavouras se encontram no estágio de desenvolvimento vegetativo e em excelentes condições.

Em Minas Gerais, apesar do atraso das chuvas e da instabilidade dos preços, a área do feijão cores deve ficar bem próxima à da safra anterior, redução de apenas 1%. O rendimento médio deve ser incrementado em 7,8% em relação à safra 2016/2017, a qual apresentou perdas significativas, tanto durante o cultivo como na fase de colheita dos grãos. Os trabalhos de plantio já foram finalizados no decorrer dos meses de novembro e dezembro, de forma que é possível ver no campo culturas em vários estágios de desenvolvimento.

De modo geral, as lavouras se encontram em fase de desenvolvimento mais avançado no sul do estado, onde os plantios começaram primeiro, possibilitado pelo clima ameno da região e onde já se observa feijoeiro com bom aspecto vegetativo, inclusive, nas lavouras consorciadas com café

Em São Paulo, o cultivo de feijão primeira safra se encontra praticamente todo na região sudoeste do estado, onde também estão as grandes áreas de produção de milho e soja. Nesse momento de incremento da área de soja, o cultivo da leguminosa tomou áreas que até então seriam destinadas ao feijão. Os principais municípios produtores de feijão primeira safra são: Itaí, Itapeva e Paranapanema. Essas áreas foram semeadas no final de agosto e se observou uma redução de área, estando estimada em 60,8 mil hectares, 25% menor quando comparada com a safra anterior. Diversos fatores influenciaram para a redução de área, entre eles: o preço em nível de produtor e consequen-

temente a escolha pelo plantio da soja. Na região de Itaí, onde as áreas são 100% irrigadas, verificou-se que o produto, em grande parte, encontra-se colhido. As chuvas estão ocorrendo de maneira intensa e o feijão não pode ser colhido em baixo de chuva. O feijão que estiver sob as chuvas no momento da colheita pode vir a comprometer seu valor comercial. O produto pode sofrer alteração na sua cor e esse agravante se traduz em perda para o produtor, com os preços ainda mais inferiores.

No Paraná, a área plantada é de 79,8 mil hectares, 2,8% inferior à safra passada, isso se deve, principalmente, devido ao baixo preço quando da decisão de plantio e alto custo de implantação das lavouras. A colheita já foi iniciada e deverá ser concluída somente em fevereiro devido ao longo período de plantio. A maior parte das lavouras estão em boas condições e a produtividade prevista é de 1.750 kg/ha.

Em Santa Catarina, o plantio do feijão-comum cores atingiu em torno de 80% no início da segunda quinzena de dezembro, devendo esse se estender até início de janeiro, em algumas regiões onde se cultiva apenas uma safra (Serrana). Um certo atraso no plantio se observa em razão das condições climáticas adversas (frio inicial, estiagem) nas regiões Serrana e Meio Oeste, onde as chuvas estão ocorrendo com menos intensidade e frequência. Apenas na região do Extremo Oeste o plantio se encontra finalizado e as lavouras estão mais adiantadas. O restante se encontra desde emergência até a fase reprodutiva, com maior porcentagem entrando em floração e granação inicial, fases críticas e altamente dependentes de boas condições climáticas para garantir boa produtividade. A possível atuação de nova frente fria no final de dezembro deve trazer melhorias nas condições das lavouras, mas não se descarta queda de produtividade em razão das condições atuais. Pragas e doenças pouco presentes, sem demanda expressiva de defensivos.

No Rio Grande do Sul ainda não foi iniciada a semeadura na região dos Campos de Cima da Serra e Serra, principal região produtora, que tende a se concentrar após a semeadura da soja. A expectativa é de manutenção da área em relação à safra passada, de 10 mil hectares.



## Feijão-comum preto

Em Minas Gerais, a área de feijão-comum preto está estimada em 6,9 mil hectares, distribuídos nas regiões Central e Zona da Mata. O plantio foi finalizado e as plantas estão se desenvolvendo bem, mantendo o otimismo dos produtores que acreditam, inclusive, em incremento de produtividade, dado as boas condições climáticas, que tem favorecido o desenvolvimento das lavouras.

No Paraná, a área semeada atingiu 118,9 mil hectares, 6,2% superior à safra passada. Diferente do feijão-comum cores, o feijão-comum preto vem de um histórico de preço constante e, devido aos baixos preços da soja, muitos produtores tradicionais do centro-sul resolveram aumentar sua área de feijão. Devido às irregularidades nas precipitações e temperaturas, a maior parte das lavouras estão em condições razoáveis e, por isso, a produtividade até o momento é de 1.800 kg/ha, 6,7% menor que a safra passada.

Em Santa Catarina, praticamente toda a área destinada ao cultivo do feijão-comum preto se encontra semeada, restando, ao final da terceira semana de dezembro, em torno de 3% a ser implantada. O atraso na finalização do plantio se deve, principalmente, ao clima mais seco observado desde o final de novembro em praticamente todas as regiões, principalmente no Meio Oeste e Serrana, onde as chuvas têm ficado muito abaixo do normal. Aproximadamente 4% das lavouras estão colhidas, localizadas no Extremo Oeste, onde o plantio ocorre mais cedo. A produtividade nessa área gira em torno de 2.100 kg/ha, resultado das

## Feijão-caupi

Em Tocantins, a cultura no estado é cultivada basicamente por pequenos agricultores, com baixo emprego de insumos e mecanização. O plantio está em andamento enquanto parte das lavouras já se encontram em florescimento. O clima tem favorecido o bom desenvolvimento das lavouras.

No Maranhão, as lavouras já estão estabelecidas em quase sua totalidade. A área semeada é de 37,4 mil hectares, o que representa um aumento de 2,7% em relação à safra passada.

No Piauí, o feijão caupi safra tem expectativa de ma-

mas condições climáticas observadas durante o ciclo (noites frias, chuvas abaixo da média). O restante das lavouras se encontra desde emergência até formação de grãos, essa última em maior percentagem e dependente das condições climáticas para expressar seu potencial.

As precipitações dos últimos dias se mostraram esparsas e de fraca intensidade na maior parte das regiões produtoras, principalmente a Serrana e Planalto Norte, alcançando acumulados entre 10 a 30 mm. Espera-se que a possível atuação de outra frente fria na última semana de dezembro possa trazer melhoria das condições hídricas para todas as regiões produtoras. Caso as condições climáticas não melhorarem nos próximos dias, perdas produtivas devem ser registradas na maioria das regiões.

No Rio Grande do Sul, o feijão evolui rápido em todo estado. As condições meteorológicas mais recentes reduziram o potencial produtivo, já que desde o final de novembro praticamente não tem chovido em todas as regiões. Além disso, temperaturas muito baixas para o período retardaram o adequado estabelecimento da cultura. Enquanto na região noroeste já foi iniciada a colheita do feijão, na região nordeste, principal produtora, as lavouras estão em sua maioria no desenvolvimento vegetativo e parte em florescimento e enchimento de grãos. A expectativa é de manutenção da área da safra passada, que ficou em 31,8 mil hectares.

nutenção da área, 226,9 mil hectares, em relação à safra passada. O plantio de feijão já foi iniciado em algumas áreas da Serra do Quilombo no município de Bom Jesus e também no município de Palmeira do Piauí. As áreas já semeadas se encontram em germinação ou em desenvolvimento vegetativo.

Na Bahia, estima-se que a área de plantio deverá ser 112,3 mil hectares, representando uma variação negativa de 33,9% em relação à safra passada e a produtividade poderá atingir 350 Kg/ha. O plantio se encontra quase finalizado.



Figura 12 - Lavoura de feijão-caupi em São Desidério - BA



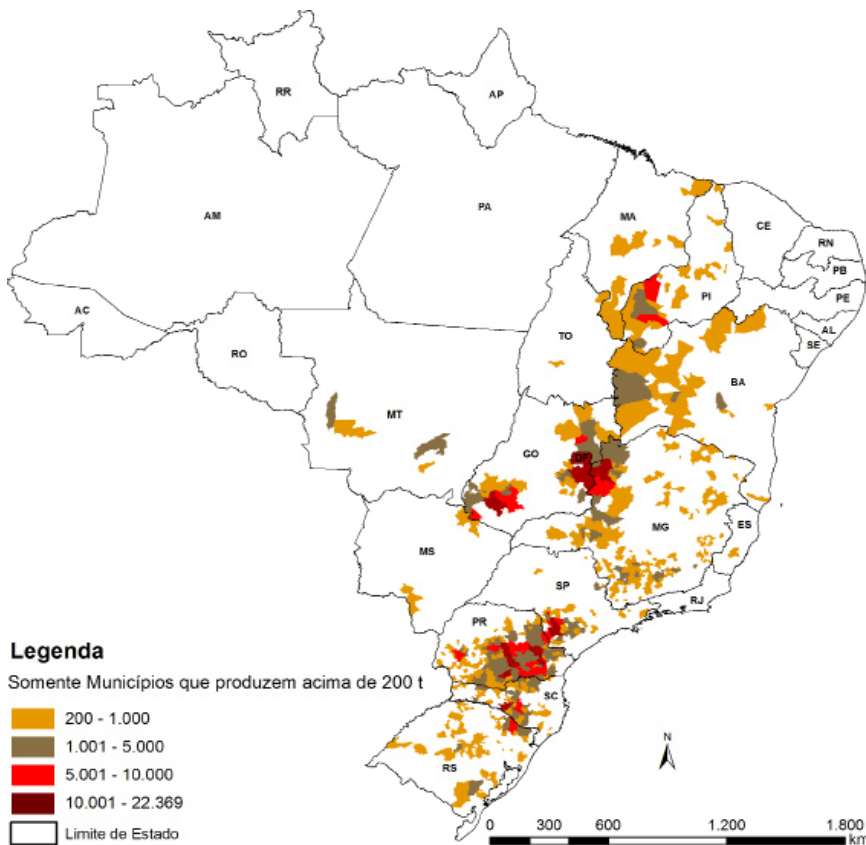
Fonte: Conab

Em Mato Grosso, o cultivo do feijão-caupi está na reta final, com expectativa de término ainda em dezembro. A cultura de primeira safra é restrita à região sudeste, tendo em vista a produção de sementes, assim, o espaço dedicado à cultura é pequeno, com aproximadamente 6,4 mil hectares e uma produtividade esperada de 1.242 kg/ha.

Em Minas Gerais, a área de feijão caupi deve sofrer uma pequena redução em relação à safra anterior.

A produtividade deve se manter semelhante a safra 2016/17, permanecendo baixa para a cultura, porém coerente com o histórico regional. De forma que se espera uma produtividade média de 568 kg/ha. Ressalta-se que é uma cultura marcada por perdas devido ao clima seco da região norte do estado, onde ela é cultivada. Na safra passada perdeu-se 30% da área plantada, sendo que em alguns municípios as perdas chegaram a 80% não compensando, muitas vezes, a colheita.

Figura 13 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.



**Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra**

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MT	Sudeste Mato-grossense					P/G	DV	F	F/FR/M	M/C			
	Norte Mato-grossense					P/G	DV/F	F/FR	M/C	C			
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal				PP	P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C			
MG	Noroeste de Minas				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Norte de Minas				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C				
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C				
	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C				
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C				
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C				
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>4,8</b>	<b>5,2</b>	<b>8,3</b>	<b>649</b>	<b>705</b>	<b>8,6</b>	<b>3,1</b>	<b>3,7</b>	<b>19,4</b>
TO	4,8	5,2	8,3	649	705	8,6	3,1	3,7	19,4
<b>NORDESTE</b>	<b>490,2</b>	<b>419,6</b>	<b>(14,4)</b>	<b>453</b>	<b>322</b>	<b>(29,0)</b>	<b>222,1</b>	<b>135,0</b>	<b>(39,2)</b>
MA	36,4	37,4	2,7	570	530	(7,0)	20,7	19,8	(4,3)
PI	226,9	226,9	-	294	221	(24,8)	66,7	50,1	(24,9)
BA	226,9	155,3	(31,6)	594	419	(29,4)	134,7	65,1	(51,7)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>81,5</b>	<b>81,7</b>	<b>0,2</b>	<b>2.203</b>	<b>2.303</b>	<b>4,5</b>	<b>179,5</b>	<b>188,2</b>	<b>4,8</b>
MT	10,8	12,6	16,7	1.525	1.628	6,8	16,5	20,5	24,2
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.800	-	1,4	1,4	-
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.512	4,7	138,7	141,2	1,8
DF	12,1	12,1	-	1.895	2.070	9,2	22,9	25,1	9,6
<b>SUDESTE</b>	<b>247,3</b>	<b>225,5</b>	<b>(8,8)</b>	<b>1.651</b>	<b>1.652</b>	<b>-</b>	<b>408,3</b>	<b>372,4</b>	<b>(8,8)</b>
MG	161,0	159,5	(0,9)	1.213	1.308	7,9	195,2	208,6	6,9
ES	4,6	4,6	-	1.174	1.113	(5,2)	5,4	5,1	(5,6)
RJ	0,6	0,6	-	1.127	1.075	(4,6)	0,7	0,6	(14,3)
SP	81,1	60,8	(25,0)	2.552	2.600	1,9	207,0	158,1	(23,6)
<b>SUL</b>	<b>287,2</b>	<b>293,5</b>	<b>2,2</b>	<b>1.907</b>	<b>1.827</b>	<b>(4,2)</b>	<b>547,6</b>	<b>536,1</b>	<b>(2,1)</b>
PR	194,1	198,7	2,4	1.880	1.780	(5,3)	364,8	353,7	(3,0)
SC	51,3	53,0	3,3	2.160	2.040	(5,5)	110,8	108,1	(2,4)
RS	41,8	41,8	-	1.721	1.777	3,2	72,0	74,3	3,2
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>495,0</b>	<b>424,8</b>	<b>(14,2)</b>	<b>455</b>	<b>327</b>	<b>(28,3)</b>	<b>225,2</b>	<b>138,7</b>	<b>(38,4)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>616,0</b>	<b>600,7</b>	<b>(2,5)</b>	<b>1.843</b>	<b>1.826</b>	<b>(0,9)</b>	<b>1.135,4</b>	<b>1.096,7</b>	<b>(3,4)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.111,0</b>	<b>1.025,5</b>	<b>(7,7)</b>	<b>1.225</b>	<b>1.205</b>	<b>(1,6)</b>	<b>1.360,6</b>	<b>1.235,4</b>	<b>(9,2)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>1,2</b>	<b>1,2</b>	<b>-</b>	<b>1.850</b>	<b>1.800</b>	<b>(2,7)</b>	<b>2,2</b>	<b>2,2</b>	<b>-</b>
DF	1,2	1,2	-	1.850	1.800	(2,7)	2,2	2,2	-
<b>SUDESTE</b>	<b>9,8</b>	<b>9,8</b>	<b>-</b>	<b>965</b>	<b>990</b>	<b>2,6</b>	<b>9,5</b>	<b>9,6</b>	<b>1,1</b>
MG	6,9	6,9	-	838	900	7,4	5,8	6,2	6,9
ES	2,3	2,3	-	1.304	1.237	(5,1)	3,0	2,8	(6,7)
RJ	0,6	0,6	-	1.127	1.075	(4,6)	0,7	0,6	(14,3)
<b>SUL</b>	<b>163,7</b>	<b>172,0</b>	<b>5,1</b>	<b>1.880</b>	<b>1.792</b>	<b>(4,7)</b>	<b>307,8</b>	<b>308,2</b>	<b>0,1</b>
PR	112,0	118,9	6,2	1.929	1.800	(6,7)	216,0	214,0	(0,9)
SC	19,9	21,3	7,1	2.200	2.100	(4,5)	43,8	44,7	2,1
RS	31,8	31,8	-	1.508	1.557	3,2	48,0	49,5	3,1
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>174,7</b>	<b>183,0</b>	<b>4,8</b>	<b>1.829</b>	<b>1.749</b>	<b>(4,3)</b>	<b>319,5</b>	<b>320,0</b>	<b>0,2</b>
<b>BRASIL</b>	<b>174,7</b>	<b>183,0</b>	<b>4,8</b>	<b>1.829</b>	<b>1.749</b>	<b>(4,3)</b>	<b>319,5</b>	<b>320,0</b>	<b>0,2</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



**Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>0,4</b>	<b>0,8</b>	<b>100,0</b>	<b>1.080</b>	<b>1.111</b>	<b>2,9</b>	<b>0,4</b>	<b>0,9</b>	<b>125,0</b>
TO	0,4	0,8	105,0	1.080	1.111	2,9	0,4	0,9	125,0
<b>NORDESTE</b>	<b>57,0</b>	<b>43,0</b>	<b>(24,6)</b>	<b>862</b>	<b>600</b>	<b>(30,4)</b>	<b>49,1</b>	<b>25,8</b>	<b>(47,5)</b>
BA	57,0	43,0	(24,6)	862	600	(30,4)	49,1	25,8	(47,5)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>73,9</b>	<b>74,1</b>	<b>0,3</b>	<b>2.296</b>	<b>2.403</b>	<b>4,7</b>	<b>169,6</b>	<b>178,1</b>	<b>5,0</b>
MT	4,4	6,2	40,9	1.998	2.027	1,5	8,8	12,6	43,2
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.800	-	1,4	1,4	-
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.512	4,7	138,7	141,2	1,8
DF	10,9	10,9	-	1.900	2.100	10,5	20,7	22,9	10,6
<b>SUDESTE</b>	<b>223,4</b>	<b>201,7</b>	<b>(9,7)</b>	<b>1.752</b>	<b>1.759</b>	<b>0,4</b>	<b>391,5</b>	<b>354,9</b>	<b>(9,3)</b>
MG	140,0	138,6	(1,0)	1.301	1.403	7,8	182,1	194,5	6,8
ES	2,3	2,3	-	1.043	989	(5,2)	2,4	2,3	(4,2)
SP	81,1	60,8	(25,0)	2.552	2.600	1,9	207,0	158,1	(23,6)
<b>SUL</b>	<b>123,5</b>	<b>121,5</b>	<b>(1,6)</b>	<b>1.941</b>	<b>1.875</b>	<b>(3,4)</b>	<b>239,8</b>	<b>227,9</b>	<b>(5,0)</b>
PR	82,1	79,8	(2,8)	1.812	1.750	(3,4)	148,8	139,7	(6,1)
SC	31,4	31,7	0,9	2.134	2.000	(6,3)	67,0	63,4	(5,4)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.477	3,2	24,0	24,8	3,3
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>57,4</b>	<b>43,8</b>	<b>(23,7)</b>	<b>864</b>	<b>609</b>	<b>(29,4)</b>	<b>49,5</b>	<b>26,7</b>	<b>(46,1)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>420,8</b>	<b>397,3</b>	<b>(5,6)</b>	<b>1.903</b>	<b>1.915</b>	<b>0,6</b>	<b>800,9</b>	<b>760,9</b>	<b>(5,0)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>478,2</b>	<b>441,1</b>	<b>(7,8)</b>	<b>1.779</b>	<b>1.785</b>	<b>0,4</b>	<b>850,4</b>	<b>787,6</b>	<b>(7,4)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

**Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>4,4</b>	<b>4,4</b>	<b>-</b>	<b>610</b>	<b>631</b>	<b>3,4</b>	<b>2,7</b>	<b>2,8</b>	<b>3,7</b>
TO	4,4	4,4	-	610	631	3,4	2,7	2,8	3,7
<b>NORDESTE</b>	<b>433,2</b>	<b>376,6</b>	<b>(13,1)</b>	<b>400</b>	<b>290</b>	<b>(27,4)</b>	<b>173,0</b>	<b>109,2</b>	<b>(36,9)</b>
MA	36,4	37,4	2,7	570	530	(7,0)	20,7	19,8	(4,3)
PI	226,9	226,9	-	294	221	(24,8)	66,7	50,1	(24,9)
BA	169,9	112,3	(33,9)	504	350	(30,6)	85,6	39,3	(54,1)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>6,4</b>	<b>6,4</b>	<b>-</b>	<b>1.200</b>	<b>1.242</b>	<b>3,5</b>	<b>7,7</b>	<b>7,9</b>	<b>2,6</b>
MT	6,4	6,4	-	1.200	1.242	3,5	7,7	7,9	2,6
<b>SUDESTE</b>	<b>14,1</b>	<b>14,0</b>	<b>(0,7)</b>	<b>519</b>	<b>568</b>	<b>9,4</b>	<b>7,3</b>	<b>8,0</b>	<b>9,6</b>
MG	14,1	14,0	(1,0)	519	568	9,4	7,3	8,0	9,6
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>437,6</b>	<b>381,0</b>	<b>(12,9)</b>	<b>402</b>	<b>294</b>	<b>(26,8)</b>	<b>175,7</b>	<b>112,0</b>	<b>(36,3)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>20,5</b>	<b>20,4</b>	<b>(0,5)</b>	<b>732</b>	<b>779</b>	<b>6,5</b>	<b>15,0</b>	<b>15,9</b>	<b>6,0</b>
<b>BRASIL</b>	<b>458,1</b>	<b>401,4</b>	<b>(12,4)</b>	<b>416</b>	<b>319</b>	<b>(23,5)</b>	<b>190,7</b>	<b>127,9</b>	<b>(32,9)</b>

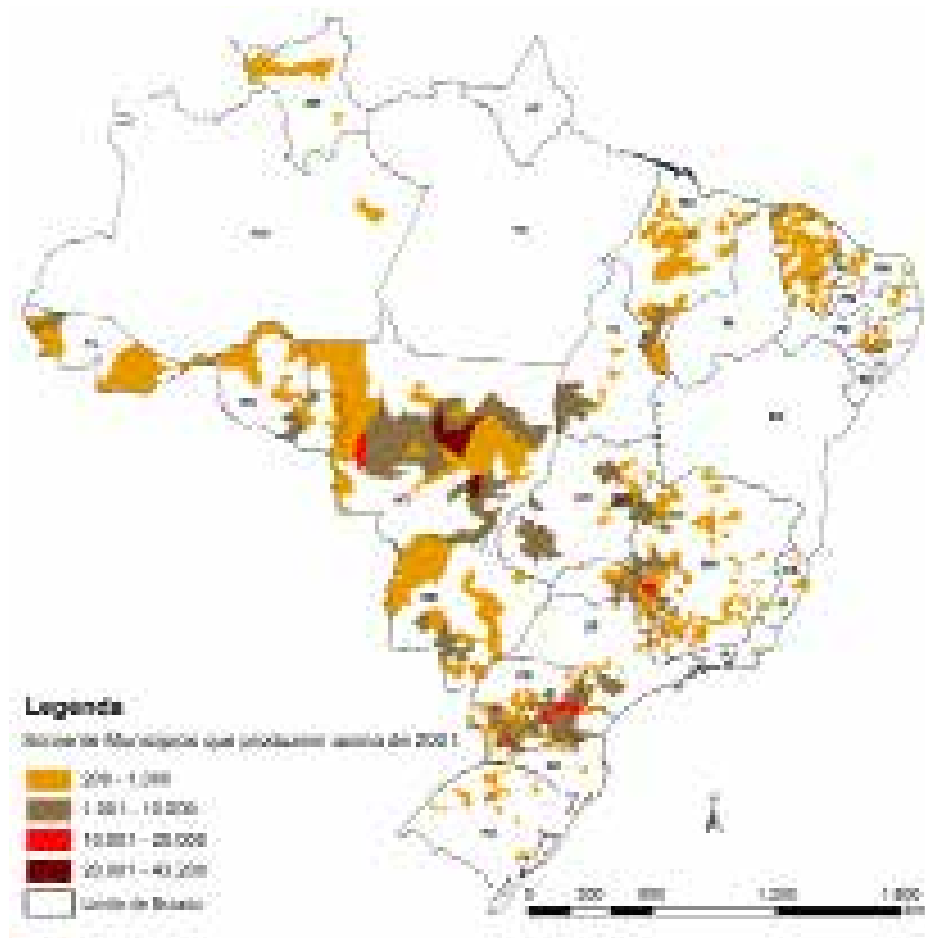
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



### 8.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Figura 14 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.



**Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra**

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RO	Leste Rondoniense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Central Mineira						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Zona da Mata						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV/F	F/FR	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Metropolitana de Curitiba					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
SC	Oeste Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sul Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	DV/F	FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média Restrição -Excesso de Chuvas
  Média restrição - falta de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>55,9</b>	<b>55,9</b>	<b>-</b>	<b>1.171</b>	<b>972</b>	<b>(17,0)</b>	<b>65,4</b>	<b>54,4</b>	<b>(16,8)</b>
RO	19,3	19,3	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	(13,4)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	3,8	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	(14,9)
AP	1,4	1,4	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	-
TO	23,8	23,8	-	1.520	1.187	(21,9)	36,2	28,3	(21,8)
<b>NORDESTE</b>	<b>669,0</b>	<b>729,0</b>	<b>9,0</b>	<b>307</b>	<b>337</b>	<b>9,6</b>	<b>205,6</b>	<b>245,6</b>	<b>19,5</b>
MA	51,4	51,4	-	699	512	(26,8)	35,9	26,3	(26,7)
PI	6,3	6,3	-	572	588	2,8	3,6	3,7	2,8
CE	407,0	407,0	-	292	274	(6,2)	118,8	111,4	(6,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	90,0	90,0	-	316	283	(10,4)	28,4	25,5	(10,2)
PE	78,5	78,5	-	83	133	60,8	6,5	10,5	61,5
BA	-	60,0	-	-	933	-	-	56,0	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>276,6</b>	<b>276,6</b>	<b>-</b>	<b>1.264</b>	<b>1.254</b>	<b>(0,7)</b>	<b>349,6</b>	<b>346,9</b>	<b>(0,8)</b>
MT	230,7	230,7	-	1.172	1.196	2,0	270,3	275,8	2,0
MS	26,0	26,0	-	1.692	1.441	(14,8)	44,0	37,5	(14,8)
GO	19,0	19,0	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	(4,2)
DF	0,9	0,9	-	2.189	1.935	(11,6)	2,0	1,7	(15,0)
<b>SUDESTE</b>	<b>138,8</b>	<b>138,8</b>	<b>-</b>	<b>1.367</b>	<b>1.371</b>	<b>0,3</b>	<b>189,7</b>	<b>190,4</b>	<b>0,4</b>
MG	116,8	116,8	-	1.331	1.342	0,9	155,4	156,8	0,9
ES	6,1	6,1	-	1.049	1.013	(3,4)	6,4	6,2	(3,1)
RJ	1,2	1,2	-	1.008	969	(3,9)	1,2	1,2	-
SP	14,7	14,7	-	1.815	1.784	(1,7)	26,7	26,2	(1,9)
<b>SUL</b>	<b>286,6</b>	<b>286,6</b>	<b>-</b>	<b>1.363</b>	<b>1.473</b>	<b>8,1</b>	<b>390,6</b>	<b>422,3</b>	<b>8,1</b>
PR	249,0	249,0	-	1.370	1.474	7,6	341,2	367,1	7,6
SC	18,3	18,3	-	1.417	1.439	1,6	25,9	26,3	1,5
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.496	22,6	23,5	28,9	23,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>724,9</b>	<b>784,9</b>	<b>8,3</b>	<b>374</b>	<b>382</b>	<b>2,2</b>	<b>271,0</b>	<b>300,0</b>	<b>10,7</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>702,0</b>	<b>702,0</b>	<b>-</b>	<b>1.325</b>	<b>1.367</b>	<b>3,2</b>	<b>929,9</b>	<b>959,6</b>	<b>3,2</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.426,9</b>	<b>1.486,9</b>	<b>4,2</b>	<b>842</b>	<b>847</b>	<b>0,6</b>	<b>1.200,9</b>	<b>1.259,6</b>	<b>4,9</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



**Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>1,1</b>	<b>1,1</b>	<b>-</b>	<b>405</b>	<b>363</b>	<b>(10,4)</b>	<b>0,4</b>	<b>0,4</b>	<b>-</b>
PB	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>1,1</b>	<b>1,1</b>	<b>-</b>	<b>1.555</b>	<b>1.330</b>	<b>(14,5)</b>	<b>1,7</b>	<b>1,5</b>	<b>(11,8)</b>
MS	1,0	1,0	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	(13,3)
DF	0,1	0,1	-	2.100	1.856	(11,6)	0,2	0,2	-
<b>SUDESTE</b>	<b>10,1</b>	<b>10,1</b>	<b>-</b>	<b>937</b>	<b>930</b>	<b>(0,8)</b>	<b>9,5</b>	<b>9,4</b>	<b>(1,1)</b>
MG	6,4	6,4	-	931	939	0,9	6,0	6,0	-
ES	2,5	2,5	-	920	888	(3,5)	2,3	2,2	(4,3)
RJ	1,2	1,2	-	1.008	969	(3,9)	1,2	1,2	-
<b>SUL</b>	<b>122,4</b>	<b>122,4</b>	<b>-</b>	<b>1.378</b>	<b>1.501</b>	<b>9,0</b>	<b>168,6</b>	<b>183,8</b>	<b>9,0</b>
PR	88,6	88,6	-	1.418	1.525	7,5	125,6	135,1	7,6
SC	14,5	14,5	-	1.343	1.364	1,6	19,5	19,8	1,5
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.496	22,6	23,5	28,9	23,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1,1</b>	<b>1,1</b>	<b>-</b>	<b>405</b>	<b>363</b>	<b>(10,4)</b>	<b>0,4</b>	<b>0,4</b>	<b>-</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>133,6</b>	<b>133,6</b>	<b>-</b>	<b>1.346</b>	<b>1.457</b>	<b>8,2</b>	<b>179,8</b>	<b>194,7</b>	<b>8,3</b>
<b>BRASIL</b>	<b>134,7</b>	<b>134,7</b>	<b>-</b>	<b>1.338</b>	<b>1.448</b>	<b>8,2</b>	<b>180,2</b>	<b>195,1</b>	<b>8,3</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

**Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>32,2</b>	<b>32,2</b>	<b>-</b>	<b>956</b>	<b>837</b>	<b>(12,4)</b>	<b>30,7</b>	<b>27,0</b>	<b>(12,1)</b>
RO	19,3	19,3	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	(13,4)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	3,8	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	(14,9)
AP	1,4	1,4	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	-
TO	2,1	2,1	-	1.312	1.025	(21,9)	2,8	2,2	(21,4)
<b>NORDESTE</b>	<b>32,1</b>	<b>42,1</b>	<b>31,2</b>	<b>414</b>	<b>668</b>	<b>61,3</b>	<b>13,3</b>	<b>28,2</b>	<b>112,0</b>
CE	2,8	2,8	-	565	530	(6,2)	1,6	1,5	(6,3)
PB	25,7	25,7	-	447	400	(10,5)	11,5	10,3	(10,4)
PE	3,6	3,6	-	62	101	62,9	0,2	0,4	100,0
BA	-	10,0	-	-	1.600	-	-	16,0	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>73,2</b>	<b>73,2</b>	<b>-</b>	<b>1.769</b>	<b>1.677</b>	<b>(5,2)</b>	<b>129,6</b>	<b>122,8</b>	<b>(5,2)</b>
MT	28,4	28,4	-	1.831	1.869	2,1	52,0	53,1	2,1
MS	25,0	25,0	-	1.700	1.448	(14,8)	42,5	36,2	(14,8)
GO	19,0	19,0	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	(4,2)
DF	0,8	0,8	-	2.200	1.945	(11,6)	1,8	1,6	(11,1)
<b>SUDESTE</b>	<b>128,6</b>	<b>128,6</b>	<b>-</b>	<b>1.401</b>	<b>1.406</b>	<b>0,4</b>	<b>180,1</b>	<b>180,9</b>	<b>0,4</b>
MG	110,3	110,3	-	1.354	1.366	0,9	149,3	150,7	0,9
ES	3,6	3,6	-	1.139	1.100	(3,4)	4,1	4,0	(2,4)
SP	14,7	14,7	-	1.815	1.784	(1,7)	26,7	26,2	(1,9)
<b>SUL</b>	<b>164,2</b>	<b>164,2</b>	<b>-</b>	<b>1.352</b>	<b>1.452</b>	<b>7,4</b>	<b>222,1</b>	<b>238,5</b>	<b>7,4</b>
PR	160,4	160,4	-	1.344	1.446	7,6	215,6	231,9	7,6
SC	3,8	3,8	-	1.700	1.726	1,5	6,5	6,6	1,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>64,3</b>	<b>74,3</b>	<b>15,6</b>	<b>685</b>	<b>741</b>	<b>8,2</b>	<b>44,0</b>	<b>55,2</b>	<b>25,5</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>366,0</b>	<b>366,0</b>	<b>-</b>	<b>1.453</b>	<b>1.481</b>	<b>2,0</b>	<b>531,8</b>	<b>542,2</b>	<b>2,0</b>
<b>BRASIL</b>	<b>430,3</b>	<b>440,3</b>	<b>2,3</b>	<b>1.338</b>	<b>1.356</b>	<b>1,4</b>	<b>575,8</b>	<b>597,4</b>	<b>3,8</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>23,7</b>	<b>23,7</b>	<b>-</b>	<b>1.463</b>	<b>1.156</b>	<b>(21,0)</b>	<b>34,7</b>	<b>27,4</b>	<b>(21,0)</b>
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
TO	21,7	21,7	-	1.540	1.203	(21,9)	33,4	26,1	(21,9)
<b>NORDESTE</b>	<b>635,8</b>	<b>685,8</b>	<b>7,9</b>	<b>302</b>	<b>317</b>	<b>4,8</b>	<b>191,9</b>	<b>217,0</b>	<b>13,1</b>
MA	51,4	51,4	-	699	512	(26,8)	35,9	26,3	(26,7)
PI	6,3	6,3	-	572	588	2,8	3,6	3,7	2,8
CE	404,2	404,2	-	290	272	(6,2)	117,2	109,9	(6,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	63,2	63,2	-	261	234	(10,3)	16,5	14,8	(10,3)
PE	74,9	74,9	-	84	135	60,7	6,3	10,1	60,3
BA	-	50,0	-	-	800	-	-	40,0	-
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>202,3</b>	<b>202,3</b>	<b>-</b>	<b>1.079</b>	<b>1.101</b>	<b>2,0</b>	<b>218,3</b>	<b>222,7</b>	<b>2,0</b>
MT	202,3	202,3	-	1.079	1.101	2,0	218,3	222,7	2,0
<b>SUDESTE</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>-</b>	<b>1.013</b>	<b>1.022</b>	<b>0,9</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>-</b>
MG	0,1	0,1	-	1.013	1.022	0,9	0,1	0,1	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>659,5</b>	<b>709,5</b>	<b>7,6</b>	<b>344</b>	<b>345</b>	<b>0,3</b>	<b>226,6</b>	<b>244,4</b>	<b>7,9</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>202,4</b>	<b>202,4</b>	<b>-</b>	<b>1.079</b>	<b>1.101</b>	<b>2,0</b>	<b>218,4</b>	<b>222,8</b>	<b>2,0</b>
<b>BRASIL</b>	<b>861,9</b>	<b>911,9</b>	<b>5,8</b>	<b>516</b>	<b>512</b>	<b>(0,8)</b>	<b>445,0</b>	<b>467,2</b>	<b>5,0</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

### 8.1.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
MT	Norte Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Sul Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
MG	Noroeste de Minas	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
SP	Ribeirão Preto	C								PP	P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Araçatuba	C								PP	P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C								PP	P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C								PP	P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média Restrição - Excesso de Chuvas
  Média restrição - falta de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



**Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>52,2</b>	<b>52,2</b>	-	<b>1.190</b>	<b>968</b>	<b>(18,7)</b>	<b>62,2</b>	<b>50,6</b>	<b>(18,6)</b>
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	34,3	34,3	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	(13,4)
TO	15,5	15,5	-	2.081	1.581	(24,0)	32,3	24,5	(24,1)
<b>NORDESTE</b>	<b>386,8</b>	<b>386,8</b>	-	<b>649</b>	<b>613</b>	<b>(5,6)</b>	<b>251,1</b>	<b>237,2</b>	<b>(5,5)</b>
PE	107,6	107,6	-	478	494	3,3	51,4	53,1	3,3
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	223,9	223,9	-	740	696	(6,0)	165,7	155,8	(6,0)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>116,8</b>	<b>116,8</b>	-	<b>2.632</b>	<b>2.621</b>	<b>(0,4)</b>	<b>307,4</b>	<b>306,2</b>	<b>(0,4)</b>
MT	53,7	53,7	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	(2,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	3,1	3,1	-	2.962	3.020	2,0	9,2	9,4	2,2
<b>SUDESTE</b>	<b>82,2</b>	<b>82,2</b>	-	<b>2.586</b>	<b>2.605</b>	<b>0,7</b>	<b>212,6</b>	<b>214,2</b>	<b>0,8</b>
MG	70,4	70,4	-	2.619	2.656	1,4	184,4	187,0	1,4
SP	11,8	11,8	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	(3,5)
<b>SUL</b>	<b>4,4</b>	<b>4,4</b>	-	<b>1.009</b>	<b>950</b>	<b>(5,8)</b>	<b>4,4</b>	<b>4,2</b>	<b>(4,5)</b>
PR	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>439,0</b>	<b>439,0</b>	-	<b>714</b>	<b>655</b>	<b>(8,2)</b>	<b>313,3</b>	<b>287,8</b>	<b>(8,1)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>203,4</b>	<b>203,4</b>	-	<b>2.578</b>	<b>2.579</b>	-	<b>524,4</b>	<b>524,6</b>	-
<b>BRASIL</b>	<b>642,4</b>	<b>642,4</b>	-	<b>1.304</b>	<b>1.264</b>	<b>(3,1)</b>	<b>837,7</b>	<b>812,4</b>	<b>(3,0)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

**Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>6,6</b>	<b>6,6</b>	-	<b>794</b>	<b>665</b>	<b>(16,3)</b>	<b>5,3</b>	<b>4,4</b>	<b>(17,0)</b>
PA	6,1	6,1	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	(12,8)
TO	0,5	0,5	-	2.701	2.052	(24,0)	1,4	1,0	(28,6)
<b>NORDESTE</b>	<b>329,5</b>	<b>329,5</b>	-	<b>679</b>	<b>639</b>	<b>(5,9)</b>	<b>223,8</b>	<b>210,6</b>	<b>(5,9)</b>
PE	72,2	72,2	-	510	527	3,3	36,8	38,0	3,3
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	212,3	212,3	-	750	705	(6,0)	159,2	149,7	(6,0)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>116,3</b>	<b>116,3</b>	-	<b>2.634</b>	<b>2.623</b>	<b>(0,4)</b>	<b>306,3</b>	<b>305,1</b>	<b>(0,4)</b>
MT	53,7	53,7	-	2.369	2.299	(3,0)	127,2	123,5	(2,9)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	2,6	2,6	-	3.120	3.181	2,0	8,1	8,3	2,5
<b>SUDESTE</b>	<b>82,0</b>	<b>82,0</b>	-	<b>2.590</b>	<b>2.609</b>	<b>0,7</b>	<b>212,3</b>	<b>213,9</b>	<b>0,8</b>
MG	70,2	70,2	-	2.623	2.660	1,4	184,1	186,7	1,4
SP	11,8	11,8	-	2.392	2.305	(3,6)	28,2	27,2	(3,5)
<b>SUL</b>	<b>4,4</b>	<b>4,4</b>	-	<b>1.009</b>	<b>950</b>	<b>(5,8)</b>	<b>4,4</b>	<b>4,2</b>	<b>(4,5)</b>
PR	4,4	4,4	-	1.009	950	(5,8)	4,4	4,2	(4,5)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>336,1</b>	<b>336,1</b>	-	<b>682</b>	<b>640</b>	<b>(6,2)</b>	<b>229,1</b>	<b>215,0</b>	<b>(6,2)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>202,7</b>	<b>202,7</b>	-	<b>2.581</b>	<b>2.581</b>	-	<b>523,0</b>	<b>523,2</b>	-
<b>BRASIL</b>	<b>538,8</b>	<b>538,8</b>	-	<b>1.396</b>	<b>1.370</b>	<b>(1,9)</b>	<b>752,1</b>	<b>738,2</b>	<b>(1,8)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



**Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>13,9</b>	<b>13,9</b>	-	<b>510</b>	<b>645</b>	<b>26,5</b>	<b>7,1</b>	<b>9,0</b>	<b>26,8</b>
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	-	<b>3.100</b>	<b>3.161</b>	<b>2,0</b>	<b>0,6</b>	<b>0,6</b>	-
DF	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
<b>SUDESTE</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	-	<b>1.100</b>	<b>1.116</b>	<b>1,5</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	-
MG	0,2	0,2	-	1.100	1.116	1,5	0,2	0,2	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>13,9</b>	<b>13,9</b>	-	<b>510</b>	<b>645</b>	<b>26,5</b>	<b>7,1</b>	<b>9,0</b>	<b>26,8</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>0,4</b>	<b>0,4</b>	-	<b>2.100</b>	<b>2.139</b>	<b>1,8</b>	<b>0,8</b>	<b>0,8</b>	-
<b>BRASIL</b>	<b>14,3</b>	<b>14,3</b>	-	<b>554</b>	<b>687</b>	<b>23,9</b>	<b>7,9</b>	<b>9,8</b>	<b>24,1</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

**Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>45,6</b>	<b>45,6</b>	-	<b>1.247</b>	<b>1.012</b>	<b>(18,9)</b>	<b>56,9</b>	<b>46,2</b>	<b>(18,8)</b>
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	28,2	28,2	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	(13,5)
TO	15,0	15,0	-	2.060	1.565	(24,0)	30,9	23,5	(23,9)
<b>NORDESTE</b>	<b>43,4</b>	<b>43,4</b>	-	<b>466</b>	<b>405</b>	<b>(13,0)</b>	<b>20,2</b>	<b>17,6</b>	<b>(12,9)</b>
PE	21,5	21,5	-	350	285	(18,6)	7,5	6,1	(18,7)
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	11,6	11,6	-	558	525	(5,9)	6,5	6,1	(6,2)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>0,3</b>	<b>0,3</b>	-	<b>1.500</b>	<b>1.529</b>	<b>1,9</b>	<b>0,5</b>	<b>0,5</b>	-
DF	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>89,0</b>	<b>89,0</b>	-	<b>866</b>	<b>716</b>	<b>(17,4)</b>	<b>77,1</b>	<b>63,8</b>	<b>(17,3)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>0,3</b>	<b>0,3</b>	-	<b>1.500</b>	<b>1.529</b>	<b>1,9</b>	<b>0,5</b>	<b>0,5</b>	-
<b>BRASIL</b>	<b>89,3</b>	<b>89,3</b>	-	<b>869</b>	<b>719</b>	<b>(17,2)</b>	<b>77,6</b>	<b>64,3</b>	<b>(17,1)</b>

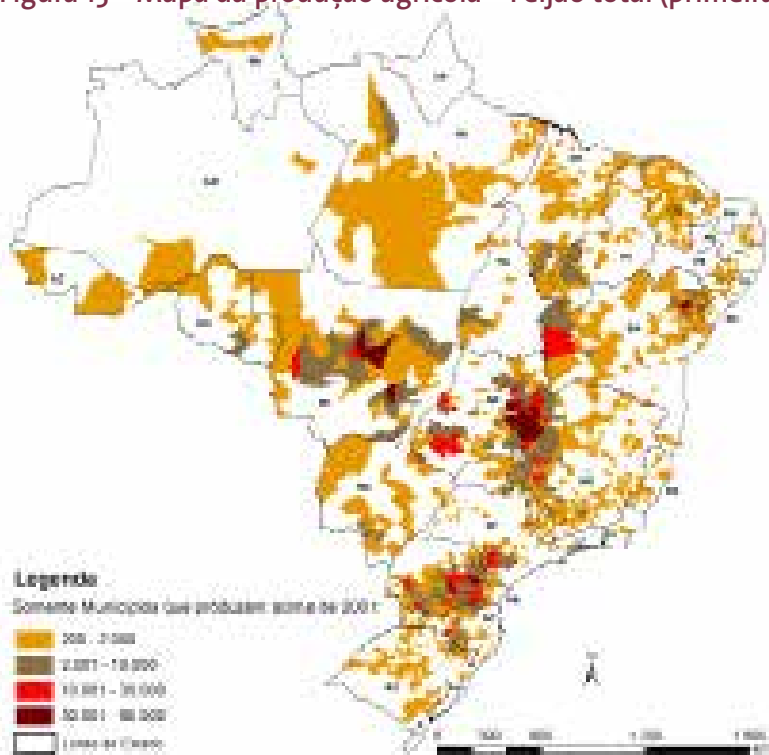
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



#### 8.1.4.4. FEIJÃO TOTAL

Figura 15 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.



**Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>112,9</b>	<b>113,3</b>	<b>0,4</b>	<b>1.158</b>	<b>958</b>	<b>(17,3)</b>	<b>130,6</b>	<b>108,6</b>	<b>(16,8)</b>
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
RO	19,3	19,3	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	(13,4)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	3,8	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	(14,9)
AP	1,4	1,4	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	-
PA	34,3	34,3	-	825	713	(13,6)	28,3	24,5	(13,4)
TO	44,1	44,5	0,9	1.622	1.268	(21,8)	71,5	56,4	(21,1)
<b>NORDESTE</b>	<b>1.546,0</b>	<b>1.535,4</b>	<b>(0,7)</b>	<b>439</b>	<b>402</b>	<b>(8,4)</b>	<b>679,1</b>	<b>617,8</b>	<b>(9,0)</b>
MA	87,8	88,8	1,1	646	520	(19,5)	56,7	46,1	(18,7)
PI	233,2	233,2	-	302	231	(23,4)	70,3	53,8	(23,5)
CE	407,0	407,0	-	292	274	(6,2)	118,8	111,4	(6,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	90,0	90,0	-	316	283	(10,4)	28,4	25,5	(10,2)
PE	186,1	186,1	-	311	342	9,8	58,0	63,6	9,7
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	450,8	439,2	(2,6)	667	630	(5,4)	300,5	276,9	(7,9)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>474,9</b>	<b>475,1</b>	<b>-</b>	<b>1.761</b>	<b>1.771</b>	<b>0,5</b>	<b>836,5</b>	<b>841,3</b>	<b>0,6</b>
MT	295,2	297,0	0,6	1.402	1.413	0,8	414,0	419,8	1,4
MS	26,8	26,8	-	1.696	1.452	(14,4)	45,4	38,9	(14,3)
GO	136,8	135,2	(1,2)	2.507	2.562	2,2	343,0	346,4	1,0
DF	16,1	16,1	-	2.117	2.246	6,1	34,1	36,2	6,2
<b>SUDESTE</b>	<b>468,3</b>	<b>446,5</b>	<b>(4,7)</b>	<b>1.731</b>	<b>1.740</b>	<b>0,5</b>	<b>810,6</b>	<b>777,0</b>	<b>(4,1)</b>
MG	348,2	346,7	(0,4)	1.536	1.593	3,7	535,0	552,4	3,3
ES	10,7	10,7	-	1.103	1.056	(4,2)	11,8	11,3	(4,2)
RJ	1,8	1,8	-	1.048	1.004	(4,1)	1,9	1,8	(5,3)
SP	107,6	87,3	(18,9)	2.434	2.423	(0,5)	261,9	211,5	(19,2)
<b>SUL</b>	<b>578,2</b>	<b>584,5</b>	<b>1,1</b>	<b>1.630</b>	<b>1.647</b>	<b>1,0</b>	<b>942,7</b>	<b>962,6</b>	<b>2,1</b>
PR	447,5	452,1	1,0	1.588	1.603	1,0	710,5	724,9	2,0
SC	69,6	71,3	2,4	1.964	1.886	(4,0)	136,7	134,5	(1,6)
RS	61,1	61,1	-	1.563	1.688	8,0	95,5	103,2	8,1
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.658,9</b>	<b>1.648,7</b>	<b>(0,6)</b>	<b>488</b>	<b>441</b>	<b>(9,7)</b>	<b>809,7</b>	<b>726,4</b>	<b>(10,3)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1.521,4</b>	<b>1.506,1</b>	<b>(1,0)</b>	<b>1.702</b>	<b>1.714</b>	<b>0,7</b>	<b>2.589,8</b>	<b>2.580,9</b>	<b>(0,3)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>3.180,3</b>	<b>3.154,8</b>	<b>(0,8)</b>	<b>1.069</b>	<b>1.048</b>	<b>(1,9)</b>	<b>3.399,5</b>	<b>3.307,3</b>	<b>(2,7)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



**Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>15,0</b>	<b>15,0</b>	<b>-</b>	<b>502</b>	<b>624</b>	<b>24,3</b>	<b>7,5</b>	<b>9,4</b>	<b>25,3</b>
PB	1,1	1,1	-	405	363	(10,4)	0,4	0,4	-
PE	13,9	13,9	-	510	645	26,5	7,1	9,0	26,8
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>2,5</b>	<b>2,5</b>	<b>-</b>	<b>1.820</b>	<b>1.702</b>	<b>(6,5)</b>	<b>4,5</b>	<b>4,3</b>	<b>(4,4)</b>
MS	1,0	1,0	-	1.500	1.277	(14,9)	1,5	1,3	(13,3)
DF	1,5	1,5	-	2.033	1.985	(2,4)	3,0	3,0	-
<b>SUDESTE</b>	<b>20,1</b>	<b>20,1</b>	<b>-</b>	<b>953</b>	<b>961</b>	<b>0,9</b>	<b>19,2</b>	<b>19,2</b>	<b>-</b>
MG	13,5	13,5	-	886	922	4,0	12,0	12,4	3,3
ES	4,8	4,8	-	1.104	1.055	(4,4)	5,3	5,0	(5,7)
RJ	1,8	1,8	-	1.048	1.004	(4,1)	1,9	1,8	(5,3)
<b>SUL</b>	<b>286,1</b>	<b>294,4</b>	<b>2,9</b>	<b>1.665</b>	<b>1.671</b>	<b>0,4</b>	<b>476,4</b>	<b>492,0</b>	<b>3,3</b>
PR	200,6	207,5	3,4	1.703	1.683	(1,2)	341,6	349,1	2,2
SC	34,4	35,8	4,1	1.839	1.802	(2,0)	63,3	64,5	1,9
RS	51,1	51,1	-	1.399	1.534	9,6	71,5	78,4	9,7
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>15,0</b>	<b>15,0</b>	<b>-</b>	<b>502</b>	<b>624</b>	<b>24,3</b>	<b>7,5</b>	<b>9,4</b>	<b>25,3</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>308,7</b>	<b>317,0</b>	<b>2,7</b>	<b>1.620</b>	<b>1.626</b>	<b>0,4</b>	<b>500,1</b>	<b>515,5</b>	<b>3,1</b>
<b>BRASIL</b>	<b>323,7</b>	<b>332,0</b>	<b>2,6</b>	<b>1.568</b>	<b>1.581</b>	<b>0,8</b>	<b>507,6</b>	<b>524,9</b>	<b>3,4</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

**Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>39,2</b>	<b>39,6</b>	<b>1,0</b>	<b>930</b>	<b>814</b>	<b>(12,5)</b>	<b>36,4</b>	<b>32,3</b>	<b>(11,3)</b>
RO	19,3	19,3	-	971	838	(13,7)	18,7	16,2	(13,4)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	3,8	-	1.239	1.053	(15,0)	4,7	4,0	(14,9)
AP	1,4	1,4	-	944	933	(1,2)	1,3	1,3	-
PA	6,1	6,1	-	638	551	(13,6)	3,9	3,4	(12,8)
TO	3,0	3,4	13,3	1.513	1.196	(20,9)	4,6	4,1	(10,9)
<b>NORDESTE</b>	<b>418,6</b>	<b>414,6</b>	<b>(1,0)</b>	<b>684</b>	<b>638</b>	<b>(6,7)</b>	<b>286,2</b>	<b>264,6</b>	<b>(7,5)</b>
CE	2,8	2,8	-	565	530	(6,2)	1,6	1,5	(6,3)
PB	25,7	25,7	-	447	400	(10,5)	11,5	10,3	(10,4)
PE	75,8	75,8	-	489	507	3,7	37,0	38,4	3,8
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	15,2	-	871	677	(22,3)	13,2	10,3	(22,0)
BA	269,3	265,3	(1,5)	774	722	(6,7)	208,3	191,5	(8,1)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>263,4</b>	<b>263,6</b>	<b>0,1</b>	<b>2.299</b>	<b>2.299</b>	<b>-</b>	<b>605,5</b>	<b>606,0</b>	<b>0,1</b>
MT	86,5	88,3	2,1	2.173	2.142	(1,5)	188,0	189,2	0,6
MS	25,8	25,8	-	1.703	1.459	(14,3)	43,9	37,6	(14,4)
GO	136,8	135,2	(1,2)	2.507	2.562	2,2	343,0	346,4	1,0
DF	14,3	14,3	-	2.139	2.288	7,0	30,6	32,8	7,2
<b>SUDESTE</b>	<b>434,0</b>	<b>412,3</b>	<b>(5,0)</b>	<b>1.806</b>	<b>1.818</b>	<b>0,6</b>	<b>783,9</b>	<b>749,7</b>	<b>(4,4)</b>
MG	320,5	319,1	(0,4)	1.609	1.667	3,6	515,5	531,9	3,2
ES	5,9	5,9	-	1.102	1.057	(4,1)	6,5	6,3	(3,1)
SP	107,6	87,3	(18,9)	2.434	2.423	(0,5)	261,9	211,5	(19,2)
<b>SUL</b>	<b>292,1</b>	<b>290,1</b>	<b>(0,7)</b>	<b>1.596</b>	<b>1.622</b>	<b>1,6</b>	<b>466,3</b>	<b>470,6</b>	<b>0,9</b>
PR	246,9	244,6	(0,9)	1.494	1.536	2,9	368,8	375,8	1,9
SC	35,2	35,5	0,9	2.087	1.971	(5,6)	73,5	70,0	(4,8)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.477	3,2	24,0	24,8	3,3
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>457,8</b>	<b>454,2</b>	<b>(0,8)</b>	<b>705</b>	<b>653</b>	<b>(7,3)</b>	<b>322,6</b>	<b>296,9</b>	<b>(8,0)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>989,5</b>	<b>966,0</b>	<b>(2,4)</b>	<b>1.875</b>	<b>1.890</b>	<b>0,8</b>	<b>1.855,7</b>	<b>1.826,3</b>	<b>(1,6)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.447,3</b>	<b>1.420,2</b>	<b>(1,9)</b>	<b>1.505</b>	<b>1.495</b>	<b>(0,7)</b>	<b>2.178,3</b>	<b>2.123,2</b>	<b>(2,5)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

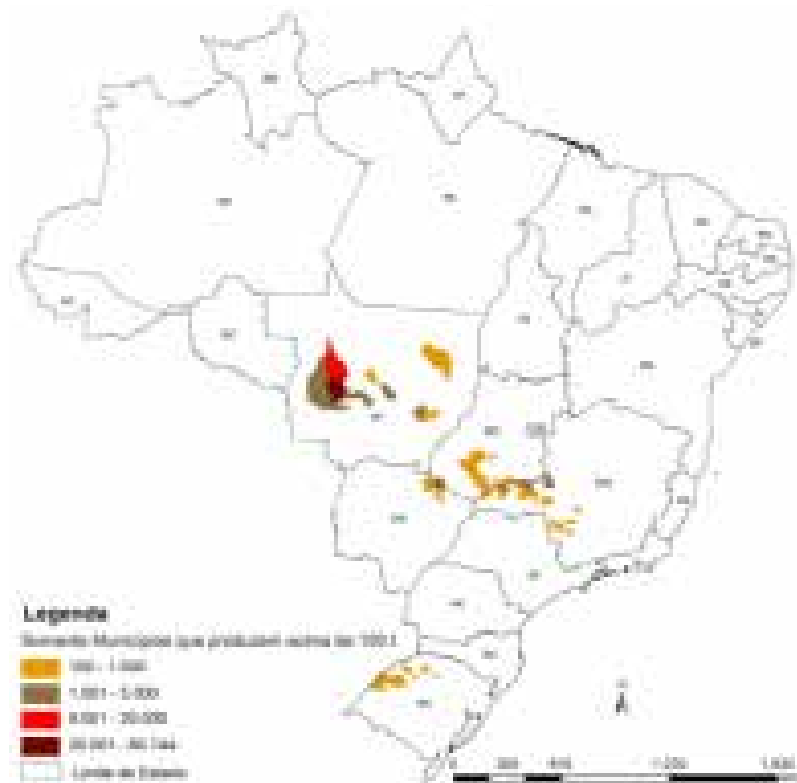
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>73,7</b>	<b>73,7</b>	<b>-</b>	<b>1.279</b>	<b>1.035</b>	<b>(19,0)</b>	<b>94,3</b>	<b>76,4</b>	<b>(19,0)</b>
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
PA	28,2	28,2	-	866	748	(13,6)	24,4	21,1	(13,5)
TO	41,1	41,1	-	1.630	1.274	(21,9)	67,0	52,4	(21,8)
<b>NORDESTE</b>	<b>1.112,4</b>	<b>1.105,8</b>	<b>(0,6)</b>	<b>346</b>	<b>311</b>	<b>(10,2)</b>	<b>385,1</b>	<b>343,8</b>	<b>(10,7)</b>
MA	87,8	88,8	1,1	646	520	(19,5)	56,6	46,1	(18,6)
PI	233,2	233,2	-	302	231	(23,4)	70,3	53,8	(23,5)
CE	404,2	404,2	-	290	272	(6,2)	117,2	109,9	(6,2)
RN	35,8	35,8	-	347	341	(1,7)	12,4	12,2	(1,6)
PB	63,2	63,2	-	261	234	(10,3)	16,5	14,8	(10,3)
PE	96,4	96,4	-	143	168	17,5	13,8	16,2	17,4
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	181,5	173,9	(4,2)	507	491	(3,2)	92,1	85,4	(7,3)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>209,0</b>	<b>209,0</b>	<b>-</b>	<b>1.083</b>	<b>1.106</b>	<b>2,1</b>	<b>226,5</b>	<b>231,1</b>	<b>2,0</b>
MT	208,7	208,7	-	1.083	1.105	2,1	226,0	230,6	2,0
DF	0,3	0,3	-	1.500	1.529	1,9	0,5	0,5	-
<b>SUDESTE</b>	<b>14,2</b>	<b>14,1</b>	<b>(0,7)</b>	<b>522</b>	<b>571</b>	<b>9,3</b>	<b>7,4</b>	<b>8,1</b>	<b>9,5</b>
MG	14,2	14,1	(0,7)	522	571	9,3	7,4	8,1	9,5
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.186,1</b>	<b>1.179,5</b>	<b>(0,6)</b>	<b>404</b>	<b>356</b>	<b>(11,9)</b>	<b>479,4</b>	<b>420,2</b>	<b>(12,3)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>223,2</b>	<b>223,1</b>	<b>-</b>	<b>1.048</b>	<b>1.072</b>	<b>2,3</b>	<b>233,9</b>	<b>239,2</b>	<b>2,3</b>
<b>BRASIL</b>	<b>1.409,3</b>	<b>1.402,6</b>	<b>(0,5)</b>	<b>506</b>	<b>470</b>	<b>(7,1)</b>	<b>713,3</b>	<b>659,4</b>	<b>(7,6)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

### 8.1.5. GIRASSOL

Figura 16 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab/IBGE.



**Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>50,1</b>	<b>50,1</b>	-	<b>1.702</b>	<b>1.609</b>	<b>(5,4)</b>	<b>85,3</b>	<b>80,6</b>	<b>(5,5)</b>
MT	31,8	31,8	-	1.670	1.617	(3,2)	53,1	51,4	(3,2)
MS	1,0	1,0	-	1.500	1.527	1,8	1,5	1,5	-
GO	16,6	16,6	-	1.750	1.579	(9,8)	29,1	26,2	(10,0)
DF	0,7	0,7	-	2.300	2.100	(8,7)	1,6	1,5	(6,3)
<b>SUDESTE</b>	<b>9,3</b>	<b>9,3</b>	-	<b>1.400</b>	<b>1.326</b>	<b>(5,3)</b>	<b>13,0</b>	<b>12,3</b>	<b>(5,4)</b>
MG	9,3	9,3	-	1.400	1.326	(5,3)	13,0	12,3	(5,4)
<b>SUL</b>	<b>3,3</b>	<b>3,3</b>	-	<b>1.626</b>	<b>1.600</b>	<b>(1,6)</b>	<b>5,4</b>	<b>5,3</b>	<b>(1,9)</b>
RS	3,3	3,3	-	1.626	1.600	(1,6)	5,4	5,3	(1,9)
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>62,7</b>	<b>62,7</b>	-	<b>1.653</b>	<b>1.567</b>	<b>(5,2)</b>	<b>103,7</b>	<b>98,2</b>	<b>(5,3)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>62,7</b>	<b>62,7</b>	-	<b>1.653</b>	<b>1.567</b>	<b>(5,2)</b>	<b>103,7</b>	<b>98,2</b>	<b>(5,3)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

### 8.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2017/18, de mamona, é de aumento de área, alcançando 33,9 mil hectares, que representa acréscimo de 21,1% em relação à safra passada, que foi de 28 mil hectares.

Para a Bahia, estima-se que a área cultivada seja de 27,1 mil hectares, assim, podendo ocorrer variação positiva de 28,4% na área em relação à safra anterior, que foi de 21,1 mil hectares. A produtividade poderá alcançar 499 kg/ha. O atual preço alto pode ser um incentivo ao aumento da área produtiva. O cultivo da mamona ocorre praticamente na mesorregião centro norte do estado, sendo cultivada pela agricultura familiar, com baixa mecanização agrícola. Para a mesorregião de Irecê, a área prevista é de 23.270 hectares. No Território Piemonte da Diamantina deverão ser plantados 3.300 hectares e em Senhor do Bonfim é esperado que os agricultores cultivem uma área de 2.500 hectares. No território da Chapada Diamantina (Seabra) a área estimada para cultivo é de 5.050 hectares de mamona cultivados. Em Itaberaba e demais municípios desse território há expectativa de 500 hectares de mamona. O plantio da mamona,

segundo os informantes, está em torno de 70% do previsto do total de área a ser cultivada. O cultivo da mamona ocorre praticamente na mesorregião Centro Norte, sendo cultivada pela agricultura familiar, com baixa mecanização agrícola, sendo os cultivos conduzidos em regime de sequeiro com o cultivo de plantas novas e o manejo de plantas remanescente da safra anterior.

Em Minas Gerais, o cultivo da mamona se mantém em baixa, com tendência ao desaparecimento. Constatou-se neste levantamento que a área total para o estado não deve atingir 100 hectares. A redução se dá, especialmente, em pequenas áreas, pulverizadas na região norte do estado, nas quais as baixas produtividades quase sempre inviabilizavam a colheita. As poucas áreas remanescentes têm sua produção voltada para indústria rícino-química, ainda assim com comercialização muito incerta. A extinção de áreas de baixo rendimento impactará diretamente na produtividade do estado, que poderá atingir 896 kg/ha, caso as condições climáticas se mantenham favoráveis.



Figura 17 – Mapa da produção agrícola - Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17 (a)	Safra 17/18 (b)	VAR. % (b/a)	Safra 16/17 (c)	Safra 17/18 (d)	VAR. % (d/c)	Safra 16/17 (e)	Safra 17/18 (f)	VAR. % (f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>26,2</b>	<b>32,2</b>	<b>22,9</b>	<b>444</b>	<b>456</b>	<b>2,7</b>	<b>11,6</b>	<b>14,7</b>	<b>26,7</b>
PI	0,2	0,2	-	494	434	(12,1)	0,1	0,1	-
CE	4,9	4,9	-	224	217	(3,1)	1,1	1,1	-
BA	21,1	27,1	28,4	494	499	1,0	10,4	13,5	29,8
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>1,6</b>	<b>1,6</b>	<b>-</b>	<b>900</b>	<b>900</b>	<b>-</b>	<b>1,4</b>	<b>1,4</b>	<b>-</b>
MT	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
<b>SUDESTE</b>	<b>0,2</b>	<b>0,1</b>	<b>(50,0)</b>	<b>443</b>	<b>896</b>	<b>102,3</b>	<b>0,1</b>	<b>0,1</b>	<b>-</b>
MG	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>26,2</b>	<b>32,2</b>	<b>22,9</b>	<b>444</b>	<b>456</b>	<b>2,7</b>	<b>11,6</b>	<b>14,7</b>	<b>26,7</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>1,8</b>	<b>1,7</b>	<b>(5,6)</b>	<b>849</b>	<b>900</b>	<b>6,0</b>	<b>1,5</b>	<b>1,5</b>	<b>-</b>
<b>BRASIL</b>	<b>28,0</b>	<b>33,9</b>	<b>21,1</b>	<b>470</b>	<b>478</b>	<b>1,8</b>	<b>13,1</b>	<b>16,2</b>	<b>23,7</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



## 8.1.7. MILHO

### 8.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

O quarto levantamento de milho primeira safra, da temporada 2017/18, indica redução de área de 9,2% em relação à safra 2016/17. Na região Centro-Sul, a cultura segue o movimento observado nos últimos anos, sendo substituída, principalmente, pela soja, com redução de 15,8% na área. Na região Norte/Nordeste, a expectativa é de aumento de 1,3% na área em relação à safra passada.

Na Região Norte, a perspectiva é de aumento de 1,3% na área plantada em relação à safra passada. Tocantins é o responsável pelo aumento da área.

Em Rondônia, o cultivo de milho na primeira safra é realizado, principalmente, por produtores rurais familiares, objetivando ter matéria-prima para alimentação animal. A área cultivada deve ser a mesma da safra anterior, estimada em 40,2 mil hectares. O estabelecimento da cultura no campo já é pleno em todo estado.

No Acre, a estimativa é de redução de área plantada devido às dificuldades na obtenção de crédito agrícola e na comercialização do milho da última safra. O plantio iniciou em outubro e se estendeu até dezembro. Todas as áreas destinadas ao milho já foram todas plantadas e as fases observadas da cultura variam de plantas em desenvolvimento vegetativo, floração e até frutificação.

No Pará, a área estimada é de 176,9 mil hectares. Na região sul do estado o plantio do milho já está bem avançado, enquanto na região sudeste, onde se concentra a produção, algumas áreas já foram semeadas após a chegada das chuvas, mas a maioria está sendo preparada para o plantio.

Em Tocantins, a cultura deverá ter um aumento de 10% na área cultivada, nessa safra, quando comparada à safra passada. Apesar de se ter mais da metade da área cultivada já semeada, o plantio deverá se estender até meados de janeiro. Alguns produtores que não conseguiram crédito em instituições financeiras em tempo hábil para aproveitar a melhor janela de plantio de soja, têm expectativa de conseguirem plantar milho em janeiro. As lavouras já semeadas se encontram predominantemente em desenvolvimento vegetativo e as condições delas são consideradas boas em 97,1% das áreas cultivadas.

A Região Nordeste deverá ter acréscimo de 1,3% na área, quando comparada à safra 2016/17.

No Maranhão, as áreas cultivadas com milho, que nas últimas safras apresentaram sucessivos aumentos em virtude de condições climáticas extremamente favoráveis e as consecutivas altas no preço do produto, vêm se confirmando nessa safra também. A avaliação é que a área seja 8% maior que na última safra.

No Piauí, estima-se manutenção de área em relação à safra passada. O plantio já iniciou em todos os municípios do cerrado, com estimativa de 40% da área total já plantada. As lavouras se encontram em boas condições, com 90% em fase germinativa e 10% em desenvolvimento vegetativo.

Na Bahia, o plantio se encontra praticamente finalizado. Estima-se que sejam cultivados 381,4 mil hectares desse cereal, redução de 0,1% em relação à safra passada. Essa redução se dá pela competição de área com soja, que possui ciclo cultural, custo de oportunidade e custo de produção menores, cotações mais estáveis e escoamento mais estruturado.

**Figura 18- Lavoura de milho em Baianópolis - BA**



Fonte: Conab.



Na Região Centro-Oeste, a previsão é de redução do plantio. A área cultivada deverá ser 19,3% menor em relação à safra passada.

Em Mato Grosso, com o término do plantio da soja, os produtores que fazem o plantio do milho primeira safra direcionam os esforços para a semeadura do cereal nas áreas remanescentes. A perspectiva de cultivo, para a safra 2017/18, é de aproximadamente 25,3 mil hectares, espaço 24,4% menor do que o registrado na safra anterior. Os preços baixos do milho no mercado disponível, devido à abundante oferta nos estoques de passagem da segunda safra 2016/17, mesmo na entressafra, desestimulam o cultivo da cultura de verão no atual ciclo.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada com a cultura é de 15 mil hectares, 46,4% inferior ao da safra anterior. Atualmente toda a área foi semeada. Essa redução de área plantada de milho em relação à safra anterior ocorreu porque os preços praticados com milho segunda safra foram baixos, forçando os produtores a recuarem nos investimentos referentes ao plantio de milho e investissem no cultivo da soja. Os dados referentes à produtividade se mantiveram, porque as condições climáticas têm favorecido a produção do milho nas principais regiões, norte e sul do estado. Com toda a área destinada ao milho plantada, o que se observa é que aproximadamente 91% das lavouras está em desenvolvimento vegetativo e 9% em floração.

Em Goiás, em virtude do atraso no plantio da soja por questões climáticas, as áreas de plantio de milho verão devem ser menores do que na safra passada. Além disso, fatores fitossanitários como presença de cigarrinha, ocorrida em áreas da segunda safra, mostraram certa cautela e receio por parte dos produtores ao escolher a cultura do milho para plantio. Em todo o estado se verificou a migração de área de milho verão para a cultura da soja. Áreas com milho verão em Goiás, principalmente nas regiões central e norte do estado, serão destinadas para silagem e não para grãos. No Distrito Federal, a área estimada com milho primeira safra, cujo plantio se concentrou na primeira quinzena de novembro, levemente atrasado em relação à safra anterior, está estimada em 27,8 mil hectares, 2,8% inferior à área semeada na temporada passada. A produtividade média estimada é de 7.800 kg/ha, igual à da safra passada, dado, sobretudo, às boas condições de clima. O plantio já foi concluído e as lavouras estão em estágio de desenvolvimento vegetativo.

Na Região Sudeste, a cultura também deverá experimentar redução na área plantada, estimada em 11,1% menor em relação à safra anterior.

Em Minas Gerais o plantio do milho foi finalizado, com área estimada em 785,7 mil hectares, 13,6% menor em relação à safra passada. Isso é resultado, em grande parte, ao atraso das chuvas que levou alguns agricultores a optarem pela soja, ou mesmo por milho destinado a silagem. Outro fator determinante para diminuição de área foi a frustração dos produtores com os preços alcançados na safra passada.

Estima-se que a produtividade seja 2,4% menor em relação à safra anterior visto que, houve substituição de áreas de alta produtividade por plantio de soja, o que influenciou negativamente na média do estado.

A área encontra-se totalmente plantada, de forma que já é possível observar cultivo em vários estádios de desenvolvimento. As lavouras encontram-se em boas condições, salvo algumas áreas que foram plantadas após as primeiras chuvas. Estas acabaram por sofrer com a estiagem que ocorreu logo em seguida.

No Sul de Minas observou-se desuniformidade das lavouras devido à estiagem e a incidência, em larga escala, da lagarta do cartucho, problema contornado mediante o combate da praga, que minimizou os eventuais prejuízos na produtividade, mas, em contrapartida, ampliou os custos de produção.

No Triângulo Mineiro, algumas pequenas áreas plantadas no início de novembro já apresentam cigarrinha. A princípio não é motivo de grandes preocupações, já que as chuvas contribuem para um possível diminuição da infestação pela praga. Entretanto, os produtores e extensionista se mantêm em alerta, visto os prejuízos causados por estas na última safra.

Em São Paulo, as lavouras de milho seguem em bom desenvolvimento. As chuvas que vêm caindo regularmente em todo o estado beneficiaram de forma direta o desempenho do milho. O cereal sofreu redução de área frente à soja devido à maior rentabilidade da leguminosa e às condições de mercado atuais do milho. A área estimada para essa safra é de 355,2 mil hectares, redução de 5,5% em relação à safra anterior. As lavouras estão em aproximadamente 50% no estágio de desenvolvimento vegetativo, 40% em floração e 10% em frutificação. A produtividade estimada é de 6.105 kg/ha, 2,4% menor se comparada com a safra passada.



**Figura 19 – Lavoura de milho em Sertãozinho - SP.**



Fonte: Conab.

Na Região Sul, a cultura deverá ter uma redução importante na área plantada, estimada em 1.392,5 mil hectares, ante aos 1.712,9 mil hectares da safra passada, redução de 18,7%.

No Paraná, a área destinada ao milho foi totalmente plantada e a maior parte das lavouras se encontra em floração e frutificação, enquanto pequena parcela já está em maturação. A área plantada é estimada em 333,1 mil hectares, diminuição de 34,4% em relação à safra passada. Há a possibilidade de alguns produtores destinarem parte dessas áreas para fabricação de ensilagem. O cultivo de milho na primeira safra tem se tornado uma prática somente para os produtores tradicionais, que seguem padrão de rotação de cultura e mantém as áreas de sempre. As lavouras de milho se desenvolvem muito bem, pois, no fechamento dessa pesquisa, iniciaram as chuvas que dão um alento à boa condição das lavouras no campo. A preocupação com as altas temperaturas e a falta de chuva nos últimos 20 dias indicavam uma preocupante retração na produtividade, caso não chovesse.

Em Santa Catarina, o plantio de milho primeira safra se encontra encerrado. Apenas na região do Extremo Oeste ainda devem ocorrer plantios tardios, a partir do início de janeiro. A redução da área cultivada está se confirmando conforme avança a finalização da fase de plantio. A queda dos preços ao produtor, maior custo e risco da cultura, entre outros, são os principais fatores responsáveis pela redução da área.

As lavouras, em sua maioria, encontram-se em estágio vegetativo (45%), seguidas por floração (35%) e granação (14%). Aproximadamente 6% iniciou a fase de maturação, na região do Extremo Oeste, onde o plantio inicia-se mais cedo. Com o avanço do ciclo de desenvolvimento, espera-se que a grande maioria das

lavouras entrem na fase reprodutiva nos próximos dias, fase muito exigente em termos de água disponível no solo. As chuvas ocorridas nos últimos dias (esparsas e de fraca intensidade) não têm suprido totalmente as necessidades das lavouras, resultando na redução da qualidade de muitas delas em todas as regiões produtoras, principalmente no Planalto Norte, Serrana e Meio Oeste. Em alguns locais, o ataque de pragas, principalmente lagartas do cartucho e perceijos, foram potencializados com a falta de chuva, necessitando de aplicações de defensivos para seu controle.

No Rio Grande do Sul, a área de milho primeira safra se encontra toda implantada. A área semeada, nessa safra, foi reajustada em relação ao levantamento anterior. Com isso, a redução de área esperada, para essa safra, passou a ser de 9,5% em relação à safra passada, totalizando 728,4 mil hectares. Na região sul do estado, com semeadura mais tardia, Canguçu se encontra mais atrasada, cerca de 34%, e deve demorar a concluir em razão das condições meteorológicas. Das áreas já estabelecidas, 14% se encontram em maturação, 28% em enchimento de grãos, 25% em floração e 32% em desenvolvimento vegetativo. Lavouras mais precoces já têm partes colhidas, mas, até o momento, são insignificantes.

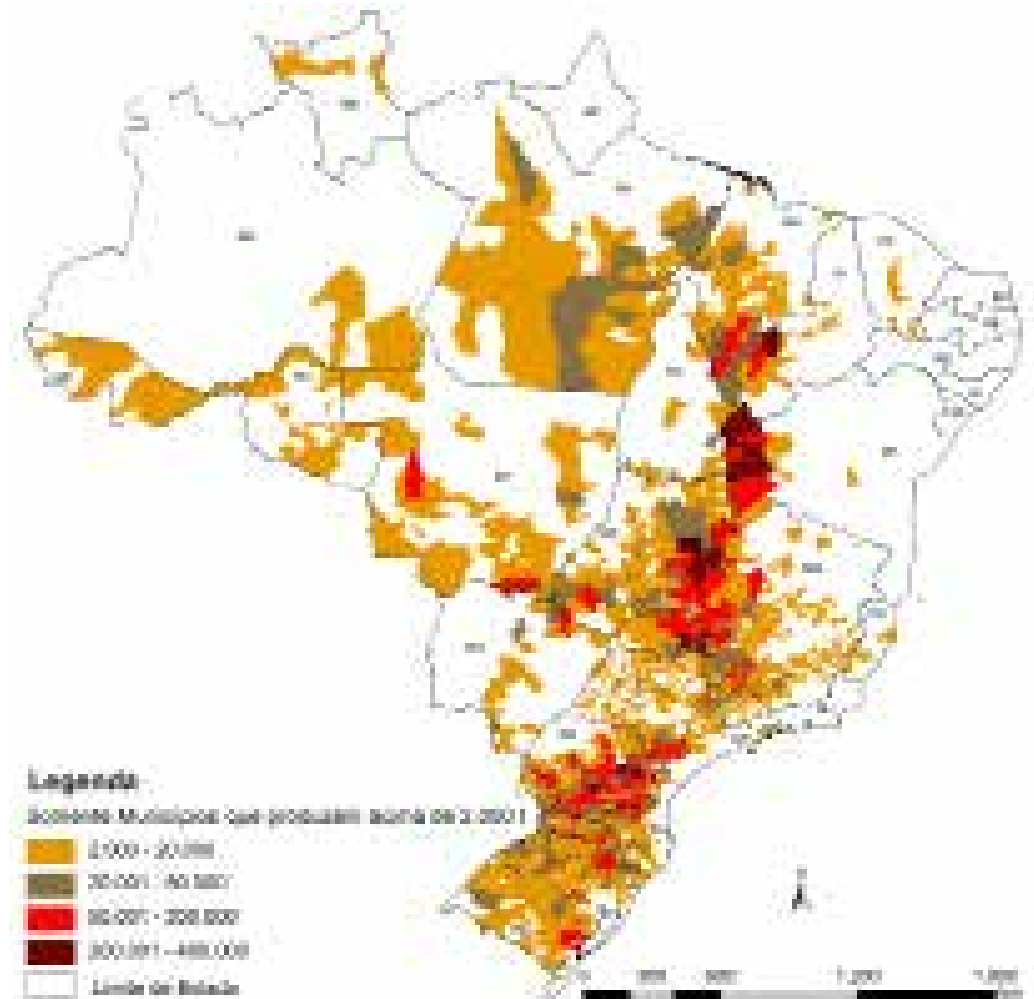
A cultura do milho, exceto por alguns eventos de ataques de lagarta-do-cartucho no início do ciclo nas regiões mais quentes do estado, apresentou ótimo desenvolvimento e manteve um elevado potencial produtivo durante quase todo o ciclo. Porém, especialmente em dezembro, a ausência de chuvas em grande parte do estado, associada a temperaturas constantemente superiores aos 30 °C, tem elevado o nível de atenção para perdas decorrentes da deficiência hídrica. As regiões de Fronteira Oeste, Missões e Alto Uru-



guai, por terem sido semeadas mais cedo, sofreram com a falta de chuvas quando boa parte das lavouras já se encontravam na fase final de enchimento de grãos e maturação e, por isso, a redução no potencial produtivo não foi tão acentuada, ocorrendo apenas certa aceleração do ciclo da cultura. Regiões pouco mais ao centro do estado, como Central, da Produção

e Planalto Médio, por sua vez, foram afetadas em períodos mais críticos da cultura, como florescimento e início do enchimento de grãos e, por isso, a redução da produtividade final deverá ser maior. Já nas áreas mais tardias, os problemas maiores são na emergência e estabelecimento da cultura ou na fase de desenvolvimento vegetativo.

**Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra**



Fonte: Conab/IBGE.



**Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra**

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Potiguar						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Agreste Potiguar							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertão Paraibano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
PB	Agreste Paraibano							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertão Pernambucano						PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Mato-grossense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MT	Centro Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Leste Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
GO	Sul Goiano			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Distrito Federal		PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
DF	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MG	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
PR	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
SC	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva
  Baixa restrição - excesso de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



**Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>311,8</b>	<b>315,7</b>	<b>1,3</b>	<b>3.194</b>	<b>3.229</b>	<b>1,1</b>	<b>996,0</b>	<b>1.019,4</b>	<b>2,3</b>
RO	40,2	40,2	-	2.661	2.535	(4,7)	107,0	101,9	(4,8)
AC	34,9	34,2	(2,0)	2.350	2.363	0,6	82,0	80,8	(1,5)
AM	12,2	12,2	-	2.526	2.567	1,6	30,8	31,3	1,6
AP	1,7	1,7	-	962	929	(3,4)	1,6	1,6	-
PA	176,9	176,9	-	3.142	3.205	2,0	555,8	567,0	2,0
TO	45,9	50,5	10,0	4.766	4.689	(1,6)	218,8	236,8	8,2
<b>NORDESTE</b>	<b>1.806,6</b>	<b>1.829,6</b>	<b>1,3</b>	<b>2.469</b>	<b>2.343</b>	<b>(5,1)</b>	<b>4.460,8</b>	<b>4.286,2</b>	<b>(3,9)</b>
MA	292,8	316,2	8,0	4.240	4.240	-	1.241,5	1.340,7	8,0
PI	418,2	418,2	-	3.037	2.354	(22,5)	1.270,1	984,4	(22,5)
CE	514,0	514,0	-	815	666	(18,3)	418,9	342,3	(18,3)
RN	29,2	29,2	-	348	453	30,2	10,2	13,2	29,4
PB	86,5	86,5	-	446	463	3,8	38,6	40,0	3,6
PE	84,1	84,1	-	74	268	262,2	6,2	22,5	262,9
BA	381,8	381,4	(0,1)	3.864	4.046	4,7	1.475,3	1.543,1	4,6
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>350,0</b>	<b>282,3</b>	<b>(19,3)</b>	<b>8.060</b>	<b>7.796</b>	<b>(3,3)</b>	<b>2.821,0</b>	<b>2.200,9</b>	<b>(22,0)</b>
MT	33,4	25,3	(24,4)	7.676	7.370	(4,0)	256,4	186,5	(27,3)
MS	28,0	15,0	(46,4)	9.340	9.400	0,6	261,5	141,0	(46,1)
GO	260,0	214,2	(17,6)	8.000	7.734	(3,3)	2.080,0	1.656,6	(20,4)
DF	28,6	27,8	(2,8)	7.800	7.800	-	223,1	216,8	(2,8)
<b>SUDESTE</b>	<b>1.301,2</b>	<b>1.156,5</b>	<b>(11,1)</b>	<b>6.295</b>	<b>6.136</b>	<b>(2,5)</b>	<b>8.191,5</b>	<b>7.095,8</b>	<b>(13,4)</b>
MG	909,4	785,7	(13,6)	6.374	6.219	(2,4)	5.796,5	4.886,3	(15,7)
ES	13,2	13,2	-	2.832	2.659	(6,1)	37,4	35,1	(6,1)
RJ	2,7	2,4	(11,1)	2.332	2.438	4,5	6,3	5,9	(6,3)
SP	375,9	355,2	(5,5)	6.255	6.105	(2,4)	2.351,3	2.168,5	(7,8)
<b>SUL</b>	<b>1.712,9</b>	<b>1.392,5</b>	<b>(18,7)</b>	<b>8.169</b>	<b>7.594</b>	<b>(7,0)</b>	<b>13.992,7</b>	<b>10.574,6</b>	<b>(24,4)</b>
PR	507,7	333,1	(34,4)	9.243	8.700	(5,9)	4.692,7	2.898,0	(38,2)
SC	400,3	331,0	(17,3)	8.152	7.339	(10,0)	3.263,2	2.429,2	(25,6)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	7.204	(3,9)	6.036,8	5.247,4	(13,1)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>2.118,4</b>	<b>2.145,3</b>	<b>1,3</b>	<b>2.576</b>	<b>2.473</b>	<b>(4,0)</b>	<b>5.456,8</b>	<b>5.305,6</b>	<b>(2,8)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>3.364,1</b>	<b>2.831,3</b>	<b>(15,8)</b>	<b>7.433</b>	<b>7.018</b>	<b>(5,6)</b>	<b>25.005,2</b>	<b>19.871,3</b>	<b>(20,5)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>5.482,5</b>	<b>4.976,6</b>	<b>(9,2)</b>	<b>5.556</b>	<b>5.059</b>	<b>(8,9)</b>	<b>30.462,0</b>	<b>25.176,9</b>	<b>(17,3)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018





**Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>401,2</b>	<b>401,2</b>	-	<b>4.253</b>	<b>4.225</b>	<b>(0,6)</b>	<b>1.706,1</b>	<b>1.695,1</b>	<b>(0,6)</b>
RR	7,6	7,6	-	6.000	4.857	(19,1)	45,6	36,9	(19,1)
RO	156,9	156,9	-	4.385	4.584	4,5	688,0	719,2	4,5
PA	81,4	81,4	-	3.549	3.600	1,4	288,9	293,0	1,4
TO	155,3	155,3	-	4.402	4.160	(5,5)	683,6	646,0	(5,5)
<b>NORDESTE</b>	<b>796,3</b>	<b>796,3</b>	-	<b>2.789</b>	<b>2.661</b>	<b>(4,6)</b>	<b>2.220,7</b>	<b>2.118,8</b>	<b>(4,6)</b>
MA	198,9	198,9	-	3.572	3.300	(7,6)	710,5	656,4	(7,6)
PI	49,2	49,2	-	2.363	4.409	86,6	116,3	216,9	86,5
PE	73,9	73,9	-	654	600	(8,3)	48,3	44,3	(8,3)
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	172,0	-	4.721	3.467	(26,6)	812,0	596,3	(26,6)
BA	265,1	265,1	-	1.918	2.183	13,8	508,5	578,7	13,8
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>7.664,7</b>	<b>7.664,7</b>	-	<b>6.008</b>	<b>5.947</b>	<b>(1,0)</b>	<b>46.052,7</b>	<b>45.583,2</b>	<b>(1,0)</b>
MT	4.605,7	4.605,7	-	6.212	6.048	(2,6)	28.610,6	27.855,3	(2,6)
MS	1.759,9	1.759,9	-	5.460	5.468	0,1	9.609,1	9.623,1	0,1
GO	1.260,7	1.260,7	-	6.000	6.167	2,8	7.564,2	7.774,7	2,8
DF	38,4	38,4	-	7.000	8.594	22,8	268,8	330,0	22,8
<b>SUDESTE</b>	<b>837,7</b>	<b>837,7</b>	-	<b>5.081</b>	<b>5.364</b>	<b>5,6</b>	<b>4.256,3</b>	<b>4.493,6</b>	<b>5,6</b>
MG	357,6	357,6	-	4.822	5.751	19,3	1.724,3	2.056,6	19,3
SP	480,1	480,1	-	5.274	5.076	(3,8)	2.532,0	2.437,0	(3,8)
<b>SUL</b>	<b>2.409,3</b>	<b>2.409,3</b>	-	<b>5.456</b>	<b>5.512</b>	<b>1,0</b>	<b>13.145,1</b>	<b>13.280,1</b>	<b>1,0</b>
PR	2.409,3	2.409,3	-	5.456	5.512	1,0	13.145,1	13.280,1	1,0
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>1.197,5</b>	<b>1.197,5</b>	-	<b>3.279</b>	<b>3.185</b>	<b>(2,9)</b>	<b>3.926,8</b>	<b>3.814,1</b>	<b>(2,9)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>10.911,7</b>	<b>10.911,7</b>	-	<b>5.815</b>	<b>5.806</b>	<b>(0,2)</b>	<b>63.454,1</b>	<b>63.356,8</b>	<b>(0,2)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>12.109,2</b>	<b>12.109,2</b>	-	<b>5.564</b>	<b>5.547</b>	<b>(0,3)</b>	<b>67.380,9</b>	<b>67.170,9</b>	<b>(0,3)</b>

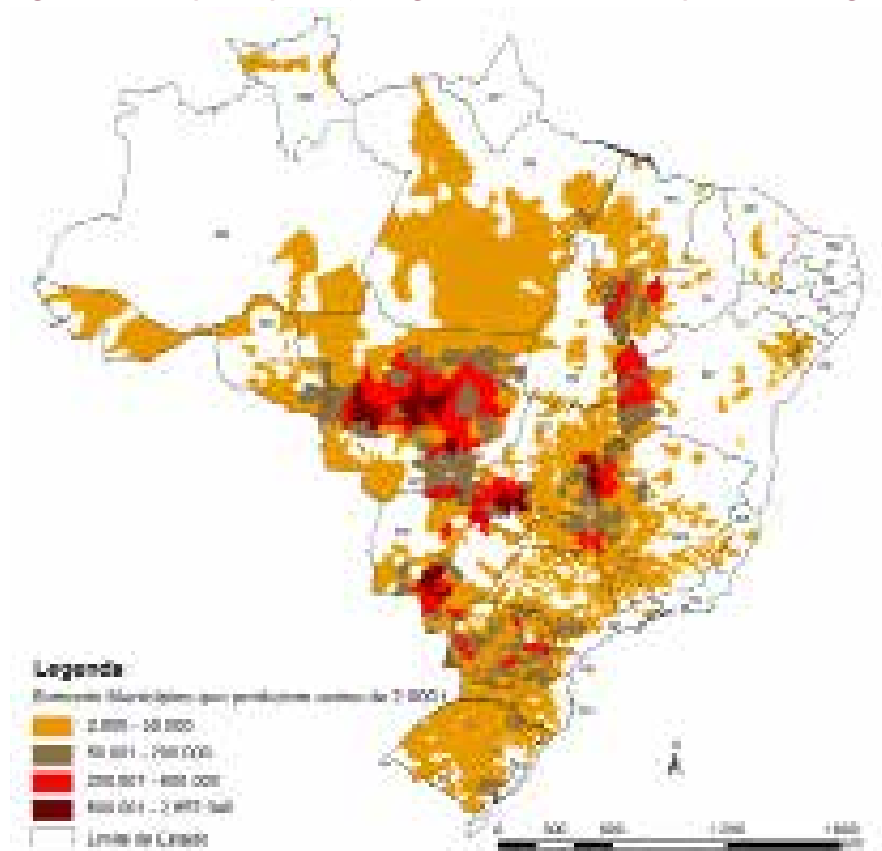
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



### 8.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.



**Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>713,0</b>	<b>716,9</b>	<b>0,5</b>	<b>3.790</b>	<b>3.787</b>	<b>(0,1)</b>	<b>2.702,1</b>	<b>2.714,5</b>	<b>0,5</b>
RR	7,6	7,6	-	6.000	4.857	(19,1)	45,6	36,9	(19,1)
RO	197,1	197,1	-	4.033	4.166	3,3	795,0	821,1	3,3
AC	34,9	34,2	(2,0)	2.350	2.363	0,6	82,0	80,8	(1,5)
AM	12,2	12,2	-	2.526	2.567	1,6	30,8	31,3	1,6
AP	1,7	1,7	-	962	929	(3,4)	1,6	1,6	-
PA	258,3	258,3	-	3.270	3.329	1,8	844,7	860,0	1,8
TO	201,2	205,8	2,3	4.485	4.290	(4,4)	902,4	882,8	(2,2)
<b>NORDESTE</b>	<b>2.602,9</b>	<b>2.625,9</b>	<b>0,9</b>	<b>2.567</b>	<b>2.439</b>	<b>(5,0)</b>	<b>6.681,3</b>	<b>6.405,3</b>	<b>(4,1)</b>
MA	491,7	515,1	4,8	3.970	3.877	(2,3)	1.951,9	1.997,1	2,3
PI	467,4	467,4	-	2.966	2.570	(13,3)	1.386,3	1.201,4	(13,3)
CE	514,0	514,0	-	815	666	(18,3)	418,9	342,3	(18,3)
RN	29,2	29,2	-	348	453	30,2	10,2	13,2	29,4
PB	86,5	86,5	-	446	463	3,8	38,6	40,0	3,6
PE	158,0	158,0	-	345	423	22,6	54,6	66,9	22,5
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	172,0	-	4.721	3.467	(26,6)	812,0	596,3	(26,6)
BA	646,9	646,5	(0,1)	3.067	3.282	7,0	1.983,7	2.121,9	7,0
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>8.014,7</b>	<b>7.947,0</b>	<b>(0,8)</b>	<b>6.098</b>	<b>6.013</b>	<b>(1,4)</b>	<b>48.873,7</b>	<b>47.784,0</b>	<b>(2,2)</b>
MT	4.639,1	4.631,0	(0,2)	6.223	6.055	(2,7)	28.867,0	28.041,7	(2,9)
MS	1.787,9	1.774,9	(0,7)	5.521	5.501	(0,4)	9.870,6	9.764,1	(1,1)
GO	1.520,7	1.474,9	(3,0)	6.342	6.395	0,8	9.644,2	9.431,4	(2,2)
DF	67,0	66,2	(1,2)	7.341	8.261	12,5	491,9	546,8	11,2
<b>SUDESTE</b>	<b>2.138,9</b>	<b>1.994,2</b>	<b>(6,8)</b>	<b>5.820</b>	<b>5.811</b>	<b>(0,1)</b>	<b>12.447,9</b>	<b>11.589,3</b>	<b>(6,9)</b>
MG	1.267,0	1.143,3	(9,8)	5.936	6.073	2,3	7.520,9	6.942,8	(7,7)
ES	13,2	13,2	-	2.832	2.659	(6,1)	37,4	35,1	(6,1)
RJ	2,7	2,4	(11,1)	2.332	2.438	4,5	6,3	5,9	(6,3)
SP	856,0	835,3	(2,4)	5.705	5.514	(3,4)	4.883,3	4.605,5	(5,7)
<b>SUL</b>	<b>4.122,2</b>	<b>3.801,8</b>	<b>(7,8)</b>	<b>6.583</b>	<b>6.275</b>	<b>(4,7)</b>	<b>27.137,8</b>	<b>23.854,6</b>	<b>(12,1)</b>
PR	2.917,0	2.742,4	(6,0)	6.115	5.899	(3,5)	17.837,8	16.178,0	(9,3)
SC	400,3	331,0	(17,3)	8.152	7.339	(10,0)	3.263,2	2.429,2	(25,6)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	7.204	(3,9)	6.036,8	5.247,4	(13,1)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3.315,9</b>	<b>3.342,8</b>	<b>0,8</b>	<b>2.830</b>	<b>2.728</b>	<b>(3,6)</b>	<b>9.383,4</b>	<b>9.119,8</b>	<b>(2,8)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>14.275,8</b>	<b>13.743,0</b>	<b>(3,7)</b>	<b>6.196</b>	<b>6.056</b>	<b>(2,3)</b>	<b>88.459,4</b>	<b>83.227,9</b>	<b>(5,9)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>17.591,7</b>	<b>17.085,8</b>	<b>(2,9)</b>	<b>5.562</b>	<b>5.405</b>	<b>(2,8)</b>	<b>97.842,8</b>	<b>92.347,7</b>	<b>(5,6)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

### 8.1.8. SOJA

O plantio de soja, na safra 2017/18, apresentou aumento da área plantada de 3,2%, saindo de 33.909,4 mil hectares na safra 2016/17 para 34.991,4 mil hectares, na atual. As vantagens derivadas da agilidade na comercialização da oleaginosa têm estimulado os produtores a apostarem em incrementos no plantio.

Diferentemente das demais regiões, na Região Norte/Nordeste, o plantio da safra ocorreu a partir de dezembro, com a consolidação do período chuvoso, numa expectativa de mudança positiva do quadro climático, quando se compara com as últimas três safras. Essa expectativa serviu de estímulo ao produtor local, que

ampliou sua área plantada em 4,2%, com relação ao ano anterior.

Na Bahia, principal produtor regional, estima-se que a área de cultivo irá atingir 1.602,4 mil hectares, com um incremento de 1,4% em relação à área cultivada, na safra anterior. Essa estimativa de crescimento deve-se aos bons resultados da safra passada, às atuais condições climáticas favoráveis e à estabilidade na comercialização dessa commodity. Os plantios de sequeiro foram iniciados em novembro, e estima-se que 100% da área tanto de sequeiro quanto irrigada já estejam semeadas. Os cultivos irrigados, realizados em



meados de outubro, ocupam 20.000 hectares e ocorrem nas mesorregiões do extremo-oeste e centro-sul.

No Maranhão, as condições climáticas, sobretudo o volume acumulado de precipitações pluviométricas, deverão garantir o estabelecimento das lavouras de soja localizadas na região de Balsas, principal produtora estadual. Estima-se, na presente avaliação, que ocorra um incremento de 12% na área semeada, passando de 821,7 mil hectares para 920,3 mil hectares, nessa safra.

No Piauí, estima-se um aumento na área de soja na ordem de 2,4% devido à incorporação das áreas ocupadas com milho da safra passada. Calcula-se que neste exercício a área plantada atinja 710,5 mil hectares. O plantio da soja já foi iniciado em todas as regiões produtoras do sudoeste piauiense e atualmente encontra-se com cerca de 90% da área já plantada. Dessa área, 20% está em germinação, 60% em desenvolvimento vegetativo e 20% em floração. O regime climático deste ano tem sido favorável para um bom início de plantio, com chuvas regulares, bem distribuídas e com boa intensidade.

No Pará, estima-se que a área de cultivo irá atingir 535,1 mil hectares, com um forte incremento de 7% em relação à área cultivada na safra anterior. A área está sendo preparada para o plantio, coincidindo com o início das chuvas, que se estende de dezembro a janeiro. Na região sul, o plantio já está bem avançado e na porção norte da região sudeste, onde se concentra a produção, o preparo de área está bem avançado, com a chegada das chuvas, observando algumas áreas já semeadas. Todo o insumo necessário para safra atual já foi adquirido, visto que o preço se manteve estável, frente à safra passada. Ressalta-se que os produtores costumam adquirir os insumos com antecedência.

Em Tocantins, estima-se que a área de cultivo totalize 990 mil hectares, representando aumento de 2,7% em relação à área cultivada na safra anterior. Os plantios de sequeiro foram iniciados no início de novembro, e estima-se que 100% da área já esteja semeada.

Em Rondônia, os recursos financeiros para implantação da cultura são obtidos nas seguintes proporções: 7% através de bancos oficiais, 7% por meio de recursos do próprio produtor e 86% através de agentes financeiros e principalmente as tradings, além das empresas estaduais.

A justificativa para o reduzido volume de recursos financeiros captados em bancos oficiais está relacionada à documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente, esse fato inviabiliza o acesso dos produtores ao crédito

disponível junto aos bancos, ou seja, o recurso financeiro está disponível, no entanto, o produtor não consegue captá-lo integralmente.

Nesse contexto, as tradings e empresas estaduais entram como segunda e principal opção ao produtor que necessita de aporte financeiro para investir/custear as lavouras.

O calendário agrícola flui de maneira normal, inexistindo qualquer fator que atrase ou impeça a evolução do cultivo de soja nessa safra, que espera alcançar mais um recorde. Importante salientar um pequeno atraso nas chuvas iniciais na região do Vale do Jari, notadamente nos seguintes municípios: Ariquemes, Machadinho d'Oeste, Cujubim, Rio Crespo, Alto Paraíso, Vale do Anari entre outros. A partir do dia 4 de outubro é que as precipitações na região se intensificaram com regularidade, esse fato não chegou a trazer prejuízo para as lavouras de primeira safra, no entanto, o estabelecimento da segunda safra de soja ou de milho pode atrasar naquela região.

A área cultivada de soja no estado é de 304,9 mil hectares. De forma geral a semeadura se concentra maciçamente em outubro, novembro e dezembro, nesse contexto, cerca de 98% da soja em Rondônia já foi semeada. O movimento de máquinas no campo é intenso, através de pulverizações com glifosato para controle das plantas daninhas, bem como aplicação preventiva e curativa de fungicidas, inseticidas e adubação foliar para zinco, boro e manganês.

É tímido, mas se observa o uso da aviação agrícola no cone sul do estado e em Candeias do Jari, que fica a 50 km da capital Porto Velho. Esse recurso é fundamental no pequeno lapso temporal entre as precipitações constantes a partir de novembro, onde a inserção de pulverizadores e tratores na lavoura é quase impossível pelo risco de atolarem, além de contribuir para o incremento da compactação do solo.

O pacote tecnológico adotado pelos produtores para a implantação da soja é de alta tecnologia, garantindo produtividades em alguns talhões que podem alcançar mais de 82 scs/ha. A correção do pH do solo, através da calagem, adubação com macro e micronutrientes com base em análise de solos, emprego de soja convencional, soja RR e soja RR2 Intacta, controle do mato, tratamento e inoculação de sementes, uso de inseticidas para controle de pragas, uso de fungicidas para o controle da ferrugem asiática, todo esse modal garante excelentes produtividades médias em torno de 59 scs/ha.

As fases fenológicas da cultura são variáveis em todo estado, no entanto, já está previsto o início da colheita



a partir de 20 de janeiro em alguns talhões nos municípios de Vilhena, Candeias do Jamari, Cujubim entre outros.

Grande parte de produtores fazem o uso de sementes precoces, de forma a antecipar a colheita, com objeti-

vo de semear milho ou soja segunda safra, esta última se configurando como uma nova realidade que atualmente ocorre no estado. Na safra 2016/17, o estabelecimento da soja safrinha, ou segunda safra, ocorreu maciçamente no Vale do Jamari, sendo cultivados cerca de 11,6 mil hectares.

### Figura 23 - Soja no Distrito de Jaci-Paraná, Porto Velho-RO



Fonte: Conab.

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora do país, é esperado apresentar incremento no plantio na ordem de 3% em relação ao exercício anterior, impulsionado pelo desempenho em Mato Grosso, maior produtor nacional da oleaginosa. O plantio foi finalizado apenas na segunda quinzena de dezembro devido às áreas remanescentes na região do Vale do Araguaia, prejudicado pelo excesso de chuvas. Nas demais regiões, apesar do atraso das semanas iniciais, entre setembro e outubro, a regularidade das precipitações pluviométricas possibilitou avanço considerável nos trabalhos de campo, em novembro. Com isso, as atenções se voltam para o desenvolvimento da lavoura, cujas condições são consideradas boas. A predominância do estágio da cultura é de floração e frutificação, nas regiões médio-norte e oeste, com colheita dos primeiros talhões, ocorrendo ainda no fim de dezembro. No entanto, a maior parte da colheita deverá acontecer entre janeiro e fevereiro, dentro do prazo hábil para semeadura do milho segunda safra. O clima favorável remete à produtividade condizente com a média histórica da soja. Assim, estima-se rendimento estadual de 3.155 kg/ha, número 3,6% menor que na safra passada, quando foi registrado produtividade recorde de 3.273 kg/ha, devido às excelentes condições climáticas naquela ocasião. Em relação à área plantada, houve incremento de 2,4% devido a novas áreas de abertura e substituição de cultura, saindo de 9.322,8 mil hectares na safra 2016/17 para 9.546,5 mil hectares, na atual. Portanto, o aumento do espaço dedicado ao cultivo da oleaginosa, aliado à expectativa positiva de produtividade, deve contribuir para manutenção do patamar produtivo de 30,1 milhões de toneladas.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada é de 2.640,8 mil hectares, 4,7% superior ao da safra

passada. Em termos de produtividade, estima-se 3.295 kg/ha, um quantitativo menor que o da safra passada, dada à redução do uso de insumos em algumas regiões produtoras. A lavoura de soja já foi plantada e a maioria se encontra nos estádios de desenvolvimento vegetativo e floração. Na microrregião de Iguatemi, ao sul do estado, onde a soja é plantada mais cedo em comparação às outras regiões produtoras, cerca de 33% das lavouras estão em desenvolvimento vegetativo, 44% em floração e 23% em frutificação. Já na microrregião do Alto Taquari e Cassilândia, ao norte do estado, atualmente 55% estão em desenvolvimento vegetativo, 41% em floração e 4% em frutificação.

Há uma expectativa de boa colheita, levando-se em consideração a manutenção das condições climáticas. A tendência é de que a colheita se estenda um pouco além do normal em virtude do período de estiagem anormal em outubro, que postergou por alguns dias o plantio da leguminosa. Há relatos de quebra de resistência dos materiais transgênicos pelo complexo de lagartas. Isso tem preocupado os produtores, pois na maioria das lavouras, a cultura se encontra no estágio avançado de desenvolvimento, não sendo possível a entrada de máquinas para aplicação de inseticidas.

Apesar dos produtores realizarem com uma certa constância, o monitoramento e controle das lavouras, já há também relatos da baixa eficiência dos inseticidas, apesar de ainda não haver registros de perdas significativas nas lavouras, pois a fase mais propícia a danos (o enchimento de vagens) está apenas começando.

Em Goiás, na principal região produtora, estima-se que 70% das lavouras já se encontram na fase reprodutiva. Nesses municípios, situados no sul e sudoeste,



os estádios da lavoura apresentam-se com 70% na floração e 30% enchimento de grãos. Na região leste, 30% das lavouras está na fase de floração. Não ocorreram atrasos no plantio, pois o pico desse evento ocorre na primeira quinzena de novembro, considerando que em algumas áreas do leste goiano, as lavouras foram semeadas na primeira semana de dezembro. No momento seguem os tratos culturais com adubação foliar e combate às principais lagartas, já tendo sido relatados ocorrência de pragas como percevejo castanho, helicoverpa e falsa medideira.

No Distrito Federal, a área plantada com soja para safra 2017/18 está estimada em 71,5 mil hectares, ante aos 70 mil cultivados na safra 2016/17. Os sinais de demanda firme nos mercados interno e externo, aliado à alta do dólar, corroboram tal incremento. A produtividade estimada é de 3.200 kg/ha, resultando em uma produção estimada de 228,8 mil toneladas, ante às 241,5 toneladas ofertadas no exercício passado.

A compra de insumos básicos se manteve em ritmo lento em razão do pequeno volume de recursos liberados para custeio e da estiagem prolongada. Com a conclusão do plantio, o Distrito Federal tem boas perspectivas para a safra 2017/18 de soja. A lavouras se desenvolvem de forma regular e conta com boas condições de clima para manter o ritmo. As cotações internas mantêm estáveis, com preços sendo praticados na ordem de R\$ 66,00 a saca. A produção de soja em Brasília é usada geralmente para ração de aves, suínos e para fabricação de óleo.

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa deverá apresentar incremento de 3,7%, comparada com o exercício anterior. Em Minas Gerais, estima-se que 100% das lavouras já estejam totalmente plantadas. Conforme já previsto no levantamento anterior, houve aumento de área de soja em detrimento ao plantio de milho, e a principal explicação se deve à cotação do produto no mercado, que no momento se apresenta em melhores condições do que o milho. A maior parte das lavouras semeadas se encontram na fase de desenvolvimento vegetativo e um pequeno percentual já em floração. Em razão do clima e dos insumos aplicados até a presente data, as lavouras são consideradas de excelente qualidade. A produtividade deve sofrer um tímido incremento em relação à safra anterior devido à inclusão de áreas de alta tecnologia, anteriormente usada para o cultivo do milho. A produtividade média estimada para o estado é de 3.274 kg/ha.

Em São Paulo, as condições climáticas se apresentam boas para a agricultura em todas as regiões produtoras. As chuvas voltaram de forma constante e bem distribuídas nas regiões norte e noroeste, que esta-

vam até meados de outubro com níveis abaixo do desejável. Com isso, as lavouras se encontram em pleno desenvolvimento e seguem com boas perspectivas, estimando-se que a produtividade dessa safra, recém-plantada, deverá se manter em níveis próximos ao do ciclo anterior, particularmente aquelas que se encontram nos estádios de desenvolvimento vegetativo e início de floração. A área plantada para essa safra fechou em 957,1 mil hectares, com um crescimento de 6,9% se comparada com a safra passada.

Na Região Sul é esperada um incremento percentual na área plantada de 2,9% em relação ao ocorrido no exercício anterior. A região deverá sair do patamar alcançado na safra passada de 11.459,6 mil hectares para 11.790,4 mil hectares.

No Paraná, segundo produtor nacional, a área estimada para essa safra é de 5.454,3 mil hectares, cerca de 3,9% superior à área cultivada na safra passada. O período chuvoso provocou um retardamento no desenvolvimento da planta de 10 a 15 dias, com climas alternados de temperaturas altas durante o dia e mais amenas à noite, chuvas ocasionais e tempo nublado que ocorreu até final de novembro. O tempo chuvoso retraiu o crescimento da raiz, que tornou a planta mais suscetível às variações climáticas, por isso, a preocupação no início de dezembro com a falta de chuva. Para a manutenção da capacidade produtiva das lavouras, nessa safra, será preciso chuvas regulares para evitar perdas de produtividades com altas temperaturas devido ao problema radicular da planta ocorrido no período chuvoso.

Em Santa Catarina, o plantio da soja se encaminha para o final, restando menos de 5% a ser implantada até o final de dezembro. A predominância das lavouras se encontra no estágio vegetativo (70%), seguido por floração (20%). O restante de área se divide entre emergência e granação, fase registrada na região do extremo-oeste, onde o plantio iniciou mais cedo e onde há previsão de cultivo de áreas de safrinha, em janeiro ou fevereiro, após a colheita do feijão ou milho, caso as condições climáticas permitirem, haja vista a possibilidade de atuação do fenômeno La Niña nesse período, além do início do vazão sanitário, em fevereiro.

Com a falta de chuvas regulares já registradas desde o final de novembro, na maioria das regiões, as condições das lavouras vêm piorando nos últimos dias de acordo com o avanço do ciclo de desenvolvimento. As mais atrasadas, em estágio vegetativo inicial, ainda suportam a falta de chuva, até certo limite. Contudo, as lavouras em floração já sentem a deficiência hídrica dos últimos dias e não se descartam perdas de seu potencial produtivo caso as chuvas previstas para a



última semana de dezembro não se concretizem.

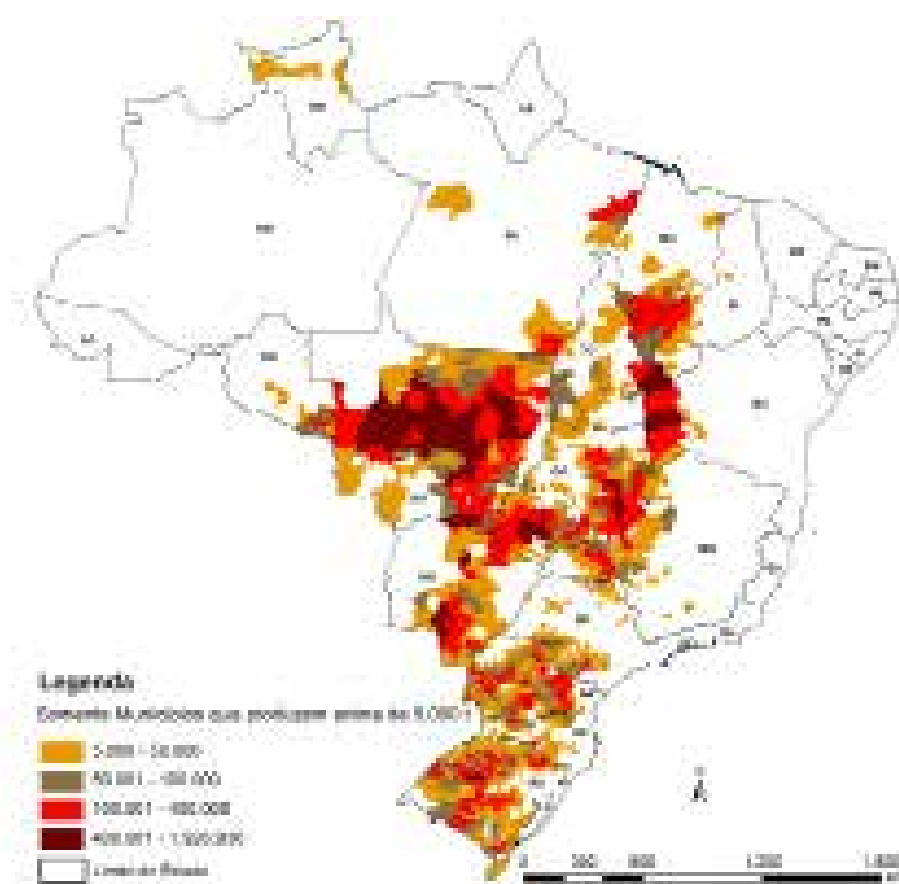
A área cultivada na safra atual apresenta aumento de 4,9% em relação à safra passada, resultado da queda do plantio do milho e abertura de novas áreas sobre pastagens e reflorestamento. A tecnologia aplicada nas lavouras deve manter o padrão observado na safra passada, com grande parte dos produtores, se não a totalidade, usando sementes geneticamente modificadas, resistentes a herbicidas. Também é observado o aumento do uso, em muitos locais, de materiais contendo dupla tecnologia de resistência: herbicida e insetos. Boa parte dos produtores buscaram financiamento bancário para implantação das lavouras. Contudo, alguns necessitaram complementar o montante necessário através das cooperativas e cerealistas, via contrato futuro de comercialização.

No Rio Grande do Sul, a semeadura da cultura evoluiu muito no início de dezembro devido às precipitações verificadas no final de novembro e início de dezembro, em todo o estado. No entanto, em locais mais atrasa-

dos as operações de semeadura tiveram de ser suspensas devido à escassez de chuvas, devendo retornar somente quando o solo atingir umidade adequada.

Nos locais onde a cultura já estava estabelecida, mas o sistema radicular ainda era pequeno, houve relatos de dificuldade na formação do estande de plantas. Mesmo em locais onde o estande já estava formado, o grande déficit hídrico verificado, associado às temperaturas excessivamente altas e à incidência de ventos, acabaram por prejudicar o adequado desenvolvimento da soja. Ainda é cedo para avaliar os danos, uma vez que a cultura apresenta elevado poder de recuperação e, em nenhuma das regiões, ela se encontrava em períodos críticos de definição dos componentes do rendimento. O que pode acontecer é uma redução na estatura de plantas e número de folhas, mas que não chega a ser um grande problema para a cultura da soja. Caso as chuvas retornem a sua normalidade, o potencial produtivo será reestabelecido.

**Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Soja**



Fonte: Conab/IBGE.



**Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)**

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>1.809,0</b>	<b>1.879,6</b>	<b>3,9</b>	<b>3.061</b>	<b>2.957</b>	<b>(3,4)</b>	<b>5.536,4</b>	<b>5.557,5</b>	<b>0,4</b>
RR	30,0	30,0	-	3.000	3.077	2,6	90,0	92,3	2,6
RO	296,0	304,9	3,0	3.143	3.163	0,6	930,3	964,4	3,7
AC	-	0,7	-	-	2.055	-	-	1,4	-
AP	18,9	18,9	-	2.878	2.800	(2,7)	54,4	52,9	(2,8)
PA	500,1	535,1	7,0	3.270	2.987	(8,7)	1.635,3	1.598,3	(2,3)
TO	964,0	990,0	2,7	2.932	2.877	(1,9)	2.826,4	2.848,2	0,8
<b>NORDESTE</b>	<b>3.095,8</b>	<b>3.233,2</b>	<b>4,4</b>	<b>3.115</b>	<b>2.826</b>	<b>(9,3)</b>	<b>9.644,7</b>	<b>9.135,8</b>	<b>(5,3)</b>
MA	821,7	920,3	12,0	3.010	2.851	(5,3)	2.473,3	2.623,8	6,1
PI	693,8	710,5	2,4	2.952	2.528	(14,4)	2.048,1	1.796,1	(12,3)
BA	1.580,3	1.602,4	1,4	3.242	2.943	(9,2)	5.123,3	4.715,9	(8,0)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>15.193,6</b>	<b>15.648,8</b>	<b>3,0</b>	<b>3.301</b>	<b>3.184</b>	<b>(3,5)</b>	<b>50.149,9</b>	<b>49.829,6</b>	<b>(0,6)</b>
MT	9.322,8	9.546,5	2,4	3.273	3.155	(3,6)	30.513,5	30.119,2	(1,3)
MS	2.522,3	2.640,8	4,7	3.400	3.295	(3,1)	8.575,8	8.701,4	1,5
GO	3.278,5	3.390,0	3,4	3.300	3.180	(3,6)	10.819,1	10.780,2	(0,4)
DF	70,0	71,5	2,1	3.450	3.200	(7,2)	241,5	228,8	(5,3)
<b>SUDESTE</b>	<b>2.351,4</b>	<b>2.439,4</b>	<b>3,7</b>	<b>3.467</b>	<b>3.298</b>	<b>(4,9)</b>	<b>8.151,5</b>	<b>8.046,0</b>	<b>(1,3)</b>
MG	1.456,1	1.482,3	1,8	3.480	3.274	(5,9)	5.067,2	4.853,1	(4,2)
SP	895,3	957,1	6,9	3.445	3.336	(3,2)	3.084,3	3.192,9	3,5
<b>SUL</b>	<b>11.459,6</b>	<b>11.790,4</b>	<b>2,9</b>	<b>3.542</b>	<b>3.212</b>	<b>(9,3)</b>	<b>40.592,8</b>	<b>37.869,0</b>	<b>(6,7)</b>
PR	5.249,6	5.454,3	3,9	3.731	3.350	(10,2)	19.586,3	18.271,9	(6,7)
SC	640,4	671,8	4,9	3.580	3.185	(11,0)	2.292,6	2.139,7	(6,7)
RS	5.569,6	5.664,3	1,7	3.360	3.082	(8,3)	18.713,9	17.457,4	(6,7)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>4.904,8</b>	<b>5.112,8</b>	<b>4,2</b>	<b>3.095</b>	<b>2.874</b>	<b>(7,2)</b>	<b>15.181,1</b>	<b>14.693,3</b>	<b>(3,2)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>29.004,6</b>	<b>29.878,6</b>	<b>3,0</b>	<b>3.410</b>	<b>3.204</b>	<b>(6,0)</b>	<b>98.894,2</b>	<b>95.744,6</b>	<b>(3,2)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>33.909,4</b>	<b>34.991,4</b>	<b>3,2</b>	<b>3.364</b>	<b>3.156</b>	<b>(6,2)</b>	<b>114.075,3</b>	<b>110.437,9</b>	<b>(3,2)</b>

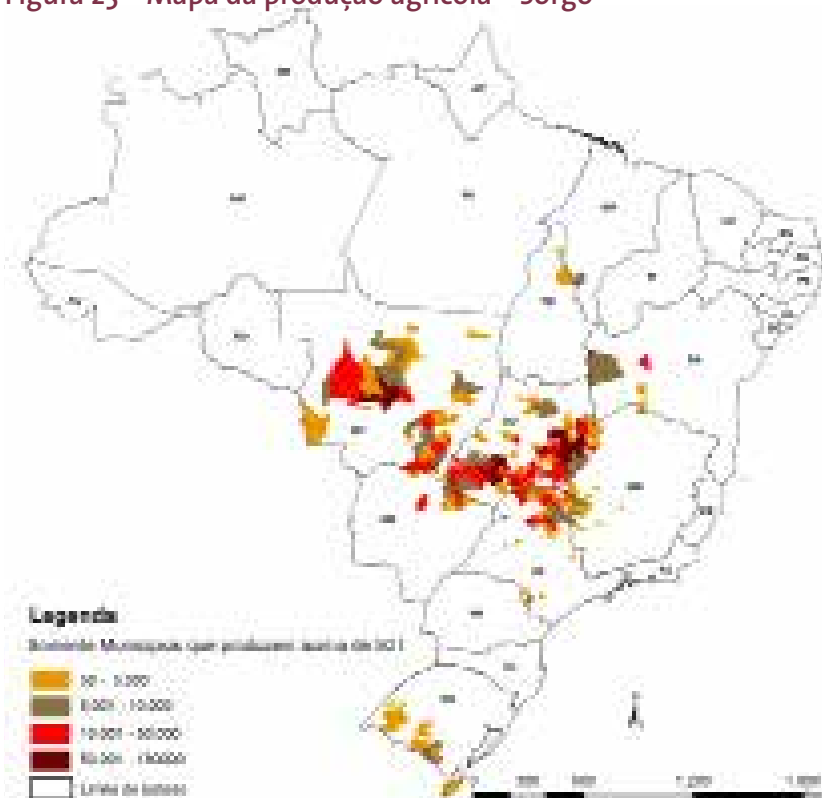
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



## 8.1.19. SORGO

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins			P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Sudeste Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto						P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
  Favorável
  Média restrição - falta de chuva

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



**Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORTE</b>	<b>29,4</b>	<b>29,4</b>	<b>-</b>	<b>1.889</b>	<b>1.801</b>	<b>(4,7)</b>	<b>55,5</b>	<b>52,9</b>	<b>(4,7)</b>
TO	29,4	29,4	-	1.889	1.801	(4,7)	55,5	52,9	(4,7)
<b>NORDESTE</b>	<b>113,2</b>	<b>114,8</b>	<b>1,4</b>	<b>1.180</b>	<b>1.111</b>	<b>(5,9)</b>	<b>133,5</b>	<b>127,5</b>	<b>(4,5)</b>
PI	11,4	11,4	-	2.044	2.041	(0,1)	23,3	23,3	-
CE	0,7	0,7	-	1.915	1.767	(7,7)	1,3	1,2	(7,7)
RN	1,3	1,3	-	1.244	849	(31,8)	1,6	1,1	(31,3)
PB	1,3	1,3	-	1.600	918	(42,6)	2,1	1,2	(42,9)
BA	98,5	100,1	1,6	1.068	1.006	(5,8)	105,2	100,7	(4,3)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>283,3</b>	<b>283,3</b>	<b>-</b>	<b>3.373</b>	<b>3.351</b>	<b>(0,7)</b>	<b>955,6</b>	<b>949,3</b>	<b>(0,7)</b>
MT	38,5	38,5	-	2.353	2.460	4,5	90,6	94,7	4,5
MS	7,7	7,7	-	3.650	3.285	(10,0)	28,1	25,3	(10,0)
GO	230,1	230,1	-	3.500	3.464	(1,0)	805,4	797,1	(1,0)
DF	7,0	7,0	-	4.500	4.594	2,1	31,5	32,2	2,2
<b>SUDESTE</b>	<b>193,6</b>	<b>193,6</b>	<b>-</b>	<b>3.581</b>	<b>3.354</b>	<b>(6,3)</b>	<b>693,2</b>	<b>649,4</b>	<b>(6,3)</b>
MG	183,1	183,1	-	3.588	3.348	(6,7)	657,0	613,0	(6,7)
SP	10,5	10,5	-	3.452	3.463	0,3	36,2	36,4	0,6
<b>SUL</b>	<b>9,0</b>	<b>9,5</b>	<b>5,6</b>	<b>3.000</b>	<b>2.777</b>	<b>(7,4)</b>	<b>27,0</b>	<b>26,4</b>	<b>(2,2)</b>
RS	9,0	9,5	5,0	3.000	2.777	(7,4)	27,0	26,4	(2,2)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>142,6</b>	<b>144,2</b>	<b>1,1</b>	<b>1.326</b>	<b>1.251</b>	<b>(5,6)</b>	<b>189,0</b>	<b>180,4</b>	<b>(4,6)</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>485,9</b>	<b>486,4</b>	<b>0,1</b>	<b>3.449</b>	<b>3.341</b>	<b>(3,1)</b>	<b>1.675,8</b>	<b>1.625,1</b>	<b>(3,0)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>628,5</b>	<b>630,6</b>	<b>0,3</b>	<b>2.967</b>	<b>2.863</b>	<b>(3,5)</b>	<b>1.864,8</b>	<b>1.805,5</b>	<b>(3,2)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

## 8.2 CULTURAS DE INVERNO

Em maio, a intenção total de semeadura das culturas de inverno pelos produtores ainda não estava completamente definida, havendo pouca procura por sementes e/ou linhas de crédito para o custeio. No Rio Grande do Sul, a semeadura tinha evoluído pouco, visto que nas últimas semanas o excesso de chuvas era um empecilho para o plantio, tendo sido plantado em torno de 10% a 20% da área de aveia, mais da metade de canola e muito pouco de trigo e cevada. No Paraná, as chuvas atrapalharam o plantio e geraram perdas pontuais relacionadas à erosão e alagamentos, mas de forma geral, ajudaram o trigo já implantado.

Em junho, a intenção de semeadura pelos produtores ainda não estava completamente definida. Naquela ocasião, no Rio Grande do Sul, as lavouras se encontram em fase de implantação, tendo evoluído consideravelmente a partir do início do segundo decêndio de junho, quando cessou o período de grande intensidade pluviométrica.

Em julho, a semeadura estava praticamente finalizada nos principais estados produtores. Após atraso no plantio, em consequência do excesso de chuvas nas principais regiões produtoras, muitas áreas deixaram de ser cultivadas. Devido ao déficit hídrico enfrenta-

do naqueles dias, na Região Sul do país, a situação era de alerta e permanecia a estimativa de que a produtividade teria redução em relação à safra passada. Os relatos de geada também trouxeram reflexos negativos, principalmente no trigo plantado na região oeste do Paraná, onde a maior parte das lavouras estava em fase suscetível, floração e enchimento de grãos.

Em agosto, no Rio Grande do Sul, a maioria das lavouras se encontravam no final do período vegetativo e início do reprodutivo, desenvolvendo-se de maneira irregular em razão das condições meteorológicas ocorridas desde o período de estabelecimento das culturas. No Paraná, após um período de estiagem que durou aproximadamente 60 dias, voltaram a ocorrer chuvas em agosto. A estiagem afetou de forma mais severa as lavouras que já se encontravam em estádios mais avançados de desenvolvimento. Nas regiões onde o plantio é mais tardio, as principais consequências foram redução do perfilhamento e desuniformidade dessas lavouras, bem como a impossibilidade ou dificuldade de aplicação de adubação de cobertura (nitrogenada) no momento mais oportuno. Contudo, o retorno das chuvas beneficiou as lavouras, principalmente o trigo e a cevada.



Em setembro, no Rio Grande do Sul, as lavouras se encontravam no estágio de floração e enchimento de grãos, com algumas mais adiantadas, como aveia e canola, entrando na fase final do enchimento de grãos e início da colheita. No Paraná, as lavouras ainda sofrem com as consequências do período de estiagem (as geadas tiveram menor impacto), tendo como efeito a expectativa de significativa redução da produtividade, a qual vem se confirmando nas lavouras já colhidas. Por outro lado, a qualidade dos grãos já colhidos era considerada boa devido ao período seco. Outro efeito da estiagem é o encurtamento do ciclo das culturas de inverno, antecipando, assim, a colheita. Em São Paulo, as culturas já se encontram em fase final de colheita.

Em outubro, a redução sofreu nova redução em relação ao estimado no levantamento anterior, principal-

### 8.2.1. AVEIA

#### 8.2.1.1. MATO GROSSO DO SUL

Em maio, a semeadura da aveia estava praticamente concretizada, a qual é uma das culturas de inverno no estado que vem se expandindo, tanto comercialmente quanto para outros fins, como cobertura de solo e ração animal. Atualmente, por conta de o cereal atrair poucas doenças e pragas e pelas condições climáticas favoráveis à cultura, muitos produtores relatam sobre a maior rentabilidade da aveia em relação a outras culturas de inverno, além do custo de produção ser inferior. As culturas de inverno, na região sul do estado, são praticamente consorciadas entre os cultivos do trigo, aveia e nabo forrageiro, visto que muitas dessas áreas de aveia estão sendo trabalhadas com propósitos maiores de comercialização e também enfatizando a suma importância que essas culturas apresentam tanto para rotação de culturas como cobertura de solo.

A maioria das lavouras são plantadas com o objetivo de realizar cobertura do solo, com o intuito de melhorar as condições físicas e químicas do perfil, pois o cereal tem pouco mercado no estado e a produção é enviada para o interior de São Paulo e para fabricação de ração. Porém, a depender das condições de mercado na ocasião da maturação dos grãos, os produtores optam por colher o cereal para comercialização e alguns agricultores também fecham contratos com indústrias que atuam na fabricação de aveia sob forma de flocos e farinhas. Nesse sentido, praticamente toda a comercialização é feita nos municípios de Ponta Porã e Dourados, os quais estão próximos aos campos de cultivo. Na cultura plantada com o propósito de produção de grãos são utilizados bons aportes tecnológicos e, nesses casos, espera-se uma boa

mente devido à produtividade menor na Região Sul do país, bastante afetada pelas condições climáticas. No Rio Grande do Sul, quando as culturas se encontravam prontas para serem colhidas, ou até mesmo já tinha sido iniciada a colheita, uma série de chuvas com ocorrência de granizo e vendavais provocou uma perda em produtividade das culturas e danos irreparáveis na qualidade de grãos. Com isso, muitas culturas tiveram a maior parte dos seus grãos colhidos e destinados à alimentação animal, com valor muito reduzido em virtude da baixa qualidade. No Paraná, sobretudo o trigo e a cevada, que têm maior área plantada, foram bastante prejudicadas pela falta de chuvas.

Em novembro, a colheita havia sido encerrada em quase todos os estados e as estimativas divulgadas em dezembro, já estavam próximas das estimativas finais.

produtividade, apesar do uso na maioria das áreas de sementes salvas de safras passadas.

Em junho, a aveia estava sendo favorecida pelas boas condições climáticas. Havia muita variabilidade nos estágios de desenvolvimento das lavouras devido às diferentes épocas de plantio e à instabilidade climática das regiões produtoras. Como o cereal não figura dentre as grandes culturas, o mercado permanecia estagnado, apresentado uma baixa liquidez e pouca demanda.

O estresse hídrico, ocasionado pelo grande número de dias sem chuvas em agosto, afetou o crescimento e desenvolvimento das plantas em algumas áreas, além da ocorrência de seca dos perfilhos. Após a estiagem, teve início uma semana de chuvas na maioria das regiões produtoras, quando a cultura estava na fase de maturação dos grãos, provocando perdas qualitativas, pois reduziu o peso hectolitro (PH) para 39 a 41 quilos, visto que o peso hectolitro ideal para a cultura seria em torno de 46 quilos. Apesar das intempéries climáticas dessa safra, a severidade da seca da safra anterior foi maior. Além disso, como a área destinada para a comercialização de grãos na safra atual foi maior, pois houve acréscimo de área na região centro-sul do estado, produtores utilizaram um melhor aporte tecnológico e melhores controles fitossanitários em relação à safra passada.

Em setembro, a colheita da aveia estava ocorrendo, com expectativa de ser concluída em outubro e, por fatores climáticos de geadas seguidas de um clima seco, condicionaram a baixa produção de carboidra-



tos e peso nos grãos em alguns municípios. Além da produção de palhada para a cobertura do solo para a prática do plantio direto, o cereal também é utilizado para grãos, consumo animal e sementes para a próxima safra.

Em outubro, a colheita do cereal se encerrou com alguns problemas causados por intempéries climáticas, ocorridas nas fases de desenvolvimento da planta e enchimento de grãos, ocasionando influência na produtividade e qualidade do grão. Em decorrência dessas mudanças climáticas, a aveia, em alguns municípios, não atingiu o peso ideal para co-

### 8.2.1.2. PARANÁ

Em maio, o plantio já atingia 52% no estado. O aumento de área em relação ao ano anterior se deveu ao desestímulo dos produtores com a cultura do trigo. As chuvas bem distribuídas estavam beneficiando as lavouras.

Em junho, o plantio já atingia 88% da área estimada e o clima continuava a beneficiar a cultura. Em julho, o plantio atingiu 94% da área estimada. Nesse mês houve uma forte estiagem que afetou parte das lavouras. No entanto, a maior parte das lavouras estava em boas condições, e as que se encontravam em condições regulares era devido à ocorrência de geada e estiagem.

Em agosto, o plantio já havia sido concluído. Por ser plantada mais cedo, a aveia foi mais atingida pelas adversidades climáticas em relação às outras culturas de inverno. A colheita era esperada de setembro a novembro.

### 8.2.1.3. RIO GRANDE DO SUL

Apesar de ser uma cultura de menor risco que o trigo, as dificuldades na comercialização impedem avanço na área da aveia uma vez que o produto possui baixa liquidez no mercado. A estimativa em maior era de que a área fosse semelhante à safra anterior.

Em junho, boa parte das lavouras haviam sido implantadas antes do início do período chuvoso. No entanto, a semeadura foi paralisada, retornando somente após a melhora das condições climáticas. O excesso de chuvas e falta de luminosidade prejudicaram o adequado estabelecimento da cultura, com plantas apresentando dificuldades de crescimento.

Em julho, as lavouras estavam encaminhando para o início do período reprodutivo. Como as demais culturas, a aveia também sofria com a falta de chuva e 70%

comercialização, sendo assim, o grão que apresentou um PH abaixo do padrão serviu de alimento para animais de pasto e a cultura apresentou um papel de suma importância no sistema de rotação de culturas e cobertura do solo. Parte da aveia produzida apresentou um PH entre 46 e 48, características ideais para as indústrias, sendo comercializada com as empresas locais, tais como: indústrias de cereais e farinheiras. Na safra 2017 foi plantada uma área de aproximadamente 29 mil hectares do cereal para grãos, apresentando uma produtividade média em torno de 1.550 kg/ha e produção de 45 mil toneladas.

Em setembro, aproximadamente 55% das lavouras se encontravam colhidas. Apesar da perda de produtividade, novamente por falta de chuva em setembro, a qualidade do grão colhido era considerada boa. A colheita dessa cultura encerrar-se-ia em novembro.

Em outubro, a colheita avançou para mais de 80% da área. As produtividades continuavam em declínio devido à estiagem ocorrida em setembro. Algumas lavouras também sofreram efeitos de geadas. A qualidade do produto colhido continuava boa.

Em novembro, a colheita foi finalizada. Verificou-se que a produtividade obtida foi de 2.058 kg/ha, redução de 17,9% em comparação com a da safra passada, produzindo 129,9 mil toneladas em 63,1 mil hectares. A falta de chuvas e ocorrências de geadas em fases importantes da cultura tiveram como reflexo queda no rendimento, porém o produto colhido apresentou boa qualidade. Cerca de 58% da produção já se encontrava comercializada.

das lavouras apresentavam padrão irregular, estande desuniforme e folhas amareladas por conta da falta de umidade do solo. Além do déficit hídrico, daquele momento em diante, a ocorrência de geadas poderia afetar mais significativamente a produtividade das lavouras.

Em agosto, o estande estava desuniforme e a baixa densidade de plantas também assolavam a cultura. As lavouras estão em fase de enchimento de grãos (35%), floração (45%) e, as mais tardias, em estágio vegetativo (20%). As precipitações, após longo período de estiagem, contribuíram para a incidência de doenças e pragas como, por exemplo, ferrugem e pulgão, fazendo com que as lavouras se apresentem, em sua maioria, em condições regulares (65%).



Em setembro, constatou-se que o período de estabelecimento da cultura foi muito prejudicado pelas intempéries climáticas, resultando em lavouras com desuniformidade e baixa população de plantas. Além disso, a cultura foi bastante afetada pelas geadas, já que elas ocorreram quando a maioria das lavouras se encontravam em floração. Atualmente, a maior parte das lavouras apresentam-se em fase de enchimento de grãos e boa parte em maturação ou floração. Nas regiões mais quentes, as lavouras se encaminhavam para o final da fase de maturação, visto que nos próximos dias seria iniciada a colheita das primeiras áreas.

Em outubro, a colheita da aveia se encontrava adiantada, com mais de 50% da área colhida e 40% em maturação. Assim como as demais culturas de inverno, a colheita foi prejudicada, dessa vez pelo excesso de chuvas e tempestades. Além de reduzir a produtividade e qualidade, as tempestades provocaram acamamento de lavouras prontas para serem colhidas, aumentando as perdas já existentes.

Em novembro, a colheita estava praticamente finalizada, com 98% colhida, restando apenas algumas lavouras nas regiões de Vacaria e Lagoa Vermelha. Devido aos estresses sofridos durante o desenvolvimento, as perdas de produtividade e qualidade dos grãos foram grandes. Com exceção das regiões em que o cultivo ocorreu mais tarde, sul e serra, onde parte da produção possuía condições razoáveis de aproveitamento, nas demais os grãos se apresentavam escuros, com altos índices de acidez e foram destinados majoritariamente ao consumo animal.

Em dezembro, com a colheita encerrada, foi confirmada a redução de 30,4% na produção do estado em relação à safra passada e 38,8% na produtividade, que ficou em 1.849 kg/ha. O estado produziu 458,9 mil toneladas em 248,2 mil hectares. Assim como as demais culturas de inverno, pequena parte do produto colhido apresentou qualidade adequada para o consumo humano. No caso da aveia, cerca de 30%.

**Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Aveia**



Fonte: Conab/IBGE.



## Quadro 12 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

<span style="background-color: #ffff00; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Baixa restrição - falta de chuvas	<span style="background-color: #90ee90; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Favorável	<span style="background-color: #f0e68c; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Média restrição - falta de chuva	<span style="background-color: #add8e6; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Baixa restrição - excesso de chuva
<span style="background-color: #808080; border: 1px solid black; display: inline-block; width: 15px; height: 10px;"></span> Restrição por falta de chuva e geadas			

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

### Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>15,0</b>	<b>29,0</b>	<b>93,3</b>	<b>1.500</b>	<b>1.552</b>	<b>3,5</b>	<b>22,5</b>	<b>45,0</b>	<b>100,0</b>
MS	15,0	29,0	93,3	1.500	1.550	3,3	22,5	45,0	100,0
<b>SUL</b>	<b>276,5</b>	<b>311,3</b>	<b>12,6</b>	<b>2.912</b>	<b>1.891</b>	<b>(35,1)</b>	<b>805,3</b>	<b>588,8</b>	<b>(26,9)</b>
PR	58,2	63,1	8,5	2.508	2.058	(17,9)	146,0	129,9	(11,0)
RS	218,3	248,2	13,7	3.020	1.849	(38,8)	659,3	458,9	(30,4)
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>291,5</b>	<b>340,3</b>	<b>16,7</b>	<b>2.840</b>	<b>1.862</b>	<b>(34,4)</b>	<b>827,8</b>	<b>633,8</b>	<b>(23,4)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>291,5</b>	<b>340,3</b>	<b>16,7</b>	<b>2.840</b>	<b>1.862</b>	<b>(34,4)</b>	<b>827,8</b>	<b>633,8</b>	<b>(23,4)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

## 8.2.2. CANOLA

### 8.2.2.1. PARANÁ

O plantio teve início em abril, tendo em vista que, em maio, 71% da área estimada estão semeadas. Quando comparado à safra anterior, a estimativa era de redução de área, porque são poucos os produtores que se dedicam à cultura e quando um produtor deixa de plantar, a área é significativamente reduzida. As lavouras já existentes se encontravam em germinação e suas condições eram consideradas boas.

Em junho, o plantio já estava finalizado. As lavouras se encontram, em sua maioria, nas fases de desenvolvimento vegetativo e floração, e suas condições continuavam consideradas boas. Em julho a cultura foi afetada por estiagem e geadas em estádios críticos de seu desenvolvimento, devido ao plantio ser realizado

mais cedo em relação às outras culturas de inverno.

Em setembro, constatou-se que as geadas ocorridas no ano foram suficientes para abortar floradas da canola, o que resultou em perda de produtividade. Aproximadamente 45% das lavouras se encontravam colhidas. A maior parte das lavouras estava no estágio de maturação e a conclusão da colheita estava prevista para outubro.

Em outubro, a colheita foi finalizada e o rendimento obtido ficou em 1.286 kg/ha, redução de 13% em relação à safra anterior. Como a produção não é muito significativa (cerca de 6,2 mil toneladas) a comercialização já estava, na ocasião, praticamente encerrada.



### 8.2.2.2.RIO GRANDE DO SUL

Em maio, a estimativa era de que a canola tivesse um leve aumento de área no estado, mas estava atrelada à realização de contratos de comercialização com a indústria. Boa parte da área foi semeada nesse mês, porém, devido às intensas chuvas e à baixa incidência de radiação solar logo no início do cultivo, alguns produtores deixaram de investir na cultura.

Em junho, havia muitos relatos de lavouras com problemas de estabelecimento da cultura, além de produtores que as abandonaram, pois o atraso no período de semeadura poderia resultar no atraso da colheita e, conseqüentemente, da semeadura da soja, que é mais atraente financeiramente.

Em julho, o clima seco impediu o manejo adequado do nitrogênio em cobertura, prejudicando o desenvolvimento das plantas e a floração. As plantas apresentavam porte inferior ao normal, com aspecto amarelado nas folhas basais. Atualmente, as áreas se encontram em desenvolvimento vegetativo (73%) e início de florescimento (27%), sendo essa a fase crítica à ocorrência de novas geadas e/ou excesso ou déficit hídrico.

Em agosto, as lavouras se encontram em enchimento de grãos (45%) e em floração (50%). A ocorrência de estiagem no período vegetativo e geadas no reprodutivo causaram impactos importantes nas lavouras, com desuniformidade no estande e baixa densidade de plantas. Já havia relatos de produtores solicitando o Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro).

Em setembro foi constatado que a canola foi uma das

culturas mais afetadas pelo clima em 2017, uma vez que boa parte das lavouras estavam em emergência quando ocorreu o excesso de chuvas em maio e junho, o que causou grande desuniformidade nas lavouras, necessitando ressemeadura em boa parte das áreas. Além disso, a canola foi muito afetada pelas geadas.

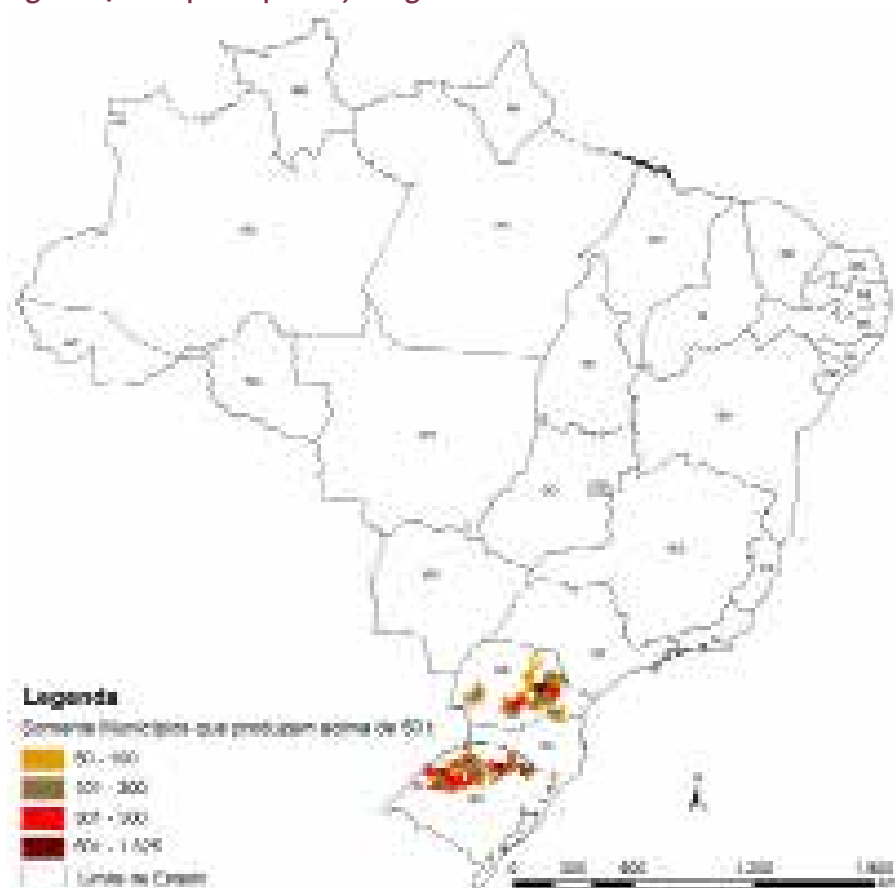
Em outubro, a canola, que já vinha sendo a cultura mais afetada pelo clima nessa safra, teve mais um severo dano na colheita. Quando as lavouras estavam prontas para serem colhidas ocorreram intensas chuvas e tempestades, que vieram a causar debulhamento de grãos, reduzindo a produtividade que, até então, ainda poderia ser satisfatória, apesar de todos os problemas no desenvolvimento. Há relatos de produtores que abandonaram as lavouras, perdendo 100% de todo investimento e de muitos que solicitaram Proagro.

Em novembro, constatou-se que muitas das lavouras colhidas sequer cobrem os desembolsos realizados pelos produtores na sua condução. Dentre as culturas do período hibernal, a canola foi a que apresentou as maiores perdas em produtividade dentre todas as cultivadas no estado em razão das condições adversas durante todo o ciclo produtivo.

Em dezembro, com a finalização da colheita, o rendimento médio ficou em apenas 799 kg/ha, uma redução de mais de 47% em relação à safra anterior. A produção foi de 34,6 mil toneladas em 43,3 mil hectares. Apesar das perdas verificadas, o pequeno volume colhido ao menos apresentou boa qualidade para a indústria de óleos.



Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUL</b>	<b>47,5</b>	<b>48,1</b>	<b>1,3</b>	<b>1.514</b>	<b>848</b>	<b>(44,0)</b>	<b>71,9</b>	<b>40,8</b>	<b>(43,3)</b>
PR	6,3	4,8	(23,5)	1.479	1.286	(13,0)	9,3	6,2	(33,3)
RS	41,2	43,3	5,1	1.520	799	(47,4)	62,6	34,6	(44,7)
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>47,5</b>	<b>48,1</b>	<b>1,3</b>	<b>1.514</b>	<b>848</b>	<b>(44,0)</b>	<b>71,9</b>	<b>40,8</b>	<b>(43,3)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>47,5</b>	<b>48,1</b>	<b>1,3</b>	<b>1.514</b>	<b>848</b>	<b>(44,0)</b>	<b>71,9</b>	<b>40,8</b>	<b>(43,3)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

### 8.2.3. CENTEIO

#### 8.2.3.1. PARANÁ

Em maio, cerca de 30% das lavouras de centeio já estavam semeadas. No Paraná são poucos municípios que plantam centeio e muitas vezes é consorciado com outras gramíneas de inverno, como opção de manejo em substituição ao trigo. Houve um incremento na área plantada, quando comparada à safra anterior, porque na safra 2016 houve falta de sementes.

Em julho, apesar da estiagem, não se identificou per-

das de produtividade. O plantio foi concluído nesse mês e a previsão de colheita estava esperada para outubro e novembro. Em agosto, as lavouras ainda se encontravam em desenvolvimento vegetativo. Naquele momento, as perdas de produtividade atribuídas à estiagem começaram a ser contabilizadas.

Em setembro, a maior parte das lavouras eram consideradas em condições ruins ou regulares. As lavouras



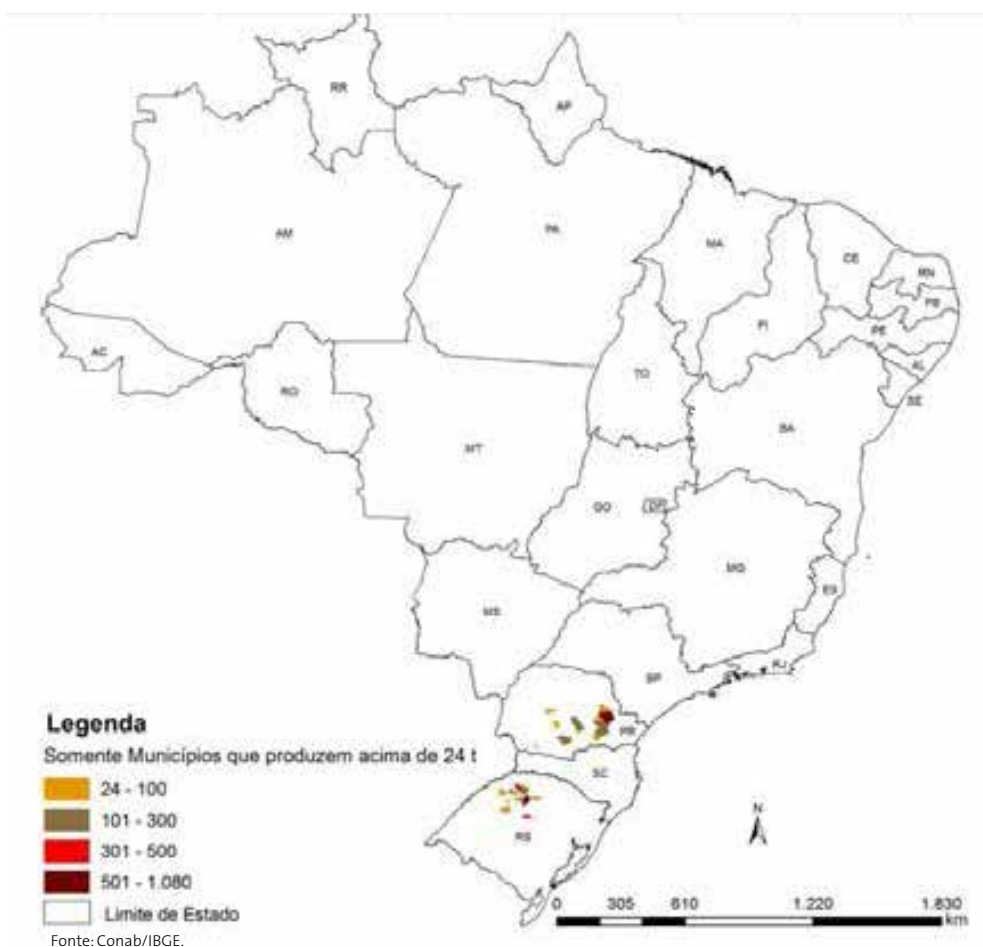
ras se encontravam nos estádios de floração e frutificação. Assim como as demais culturas de inverno, o centeio apresentava redução na produtividade. A diminuição no potencial produtivo decorreu das más condições das lavouras, que sofreram estresse hídrico em fase crítica de floração e enchimento de grãos.

Em outubro, constatou-se que a colheita atrasou e, portanto, só iria iniciar em novembro e ser concluída em dezembro. No Paraná são poucos os municípios que plantam centeio e por isso acaba se tornando uma cultura de pouca expressão econômica no es-

tado. As lavouras se encontravam em frutificação e maturação e, majoritariamente, classificadas como regulares e ruins.

Em novembro, a colheita estava praticamente encerrada, chegando a 97% da área. Em dezembro, com a finalização da colheita, a produtividade alcançada foi de 1.678 kg/ha, redução de 30,1% em relação à safra passada e de 21% em relação às expectativas iniciais, reflexo da longa estiagem em julho e setembro. O estado produziu 3,5 mil toneladas em 2,1 mil hectares.

**Figura 28 - Mapa da produção agrícola - Centeio**



**Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUL</b>	<b>2,5</b>	<b>3,6</b>	<b>44,0</b>	<b>2.600</b>	<b>1.722</b>	<b>(33,8)</b>	<b>6,5</b>	<b>6,2</b>	<b>(4,6)</b>
PR	1,0	2,1	110,0	2.402	1.678	(30,1)	2,4	3,5	45,8
RS	1,5	1,5	-	2.700	1.826	(32,4)	4,1	2,7	(34,1)
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>2,5</b>	<b>3,6</b>	<b>44,0</b>	<b>2.600</b>	<b>1.722</b>	<b>(33,8)</b>	<b>6,5</b>	<b>6,2</b>	<b>(4,6)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>2,5</b>	<b>3,6</b>	<b>44,0</b>	<b>2.600</b>	<b>1.722</b>	<b>(33,8)</b>	<b>6,5</b>	<b>6,2</b>	<b>(4,6)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



## 8.2.4. CEVADA

### 8.2.4.1. PARANÁ

Em maio, a semeadura ainda não havia iniciado. O plantio do cereal no estado é tipicamente realizado com fomento das maltarias que fornecem todos os insumos e garantem a compra do produto a preços pré-definidos em contratos. A expectativa de aumento de área na ocasião decorria devido aos baixos preços do trigo, fomento das maltarias e pelo ótimo desempenho da cultura na safra passada.

Em junho, o plantio estava 67% efetivado. As lavouras estão em fase de germinação e desenvolvimento vegetativo. Em julho, o plantio foi concluído. Em agosto, as lavouras se encontravam, a maior parte, em desenvolvimento vegetativo. Permanecia a expectativa de produtividade menor do que a safra anterior. Essa redução era estimada porque no ano passado a produtividade foi excepcional.

Em setembro, a previsão é que a colheita ocorreria a partir de outubro. A maior parte das lavouras se encontravam nos estádios de floração e frutificação. Assim como as demais culturas de inverno, a cevada apresentava redução na produtividade. Nesse caso, a diminuição no potencial produtivo decorria das más condições das lavouras, que sofreram estresse hídrico em fase crítica de floração e enchimento de grãos.

grãos brotado ou por grãos miúdos. A produção foi de 165,7 mil toneladas.

### 8.2.4.2. SANTA CATARINA

Em maio, observa-se um aumento na intenção de plantio a fim de que a colheita do cereal não venha a interferir no plantio da safra de verão, principalmente a soja. Em Santa Catarina a cevada é cultivada para atender as demandas contratuais com as cervejarias/maltarias, com área localizada em municípios do Oeste, fomentados por cooperativa local. As sementes foram fornecidas pelas empresas de fomento, as quais garantem a compra de todo o produto com preço a ser fixado em contrato firmado entre as partes.

Em junho, a área se encontrava preparada para plantio, o qual iniciou quando as condições climáticas permitiram. Em julho as baixas precipitações interferiram no desenvolvimento das lavouras e nos tratos culturais, principalmente em relação à aplicação de adubação de cobertura. As últimas lavouras semeadas apresentaram desuniformidade em relação à germinação devido ao baixo índice de umidade do solo. As fases da cultura se concentravam em germinação (30%) e desenvolvimento vegetativo (70%).

Em outubro, apesar da colheita ser incipiente, os dados coletados já confirmavam a redução na produtividade. Apesar da estimativa da produtividade menor, os grãos apresentavam boa qualidade, apesar de estarem miúdos. O maior revés que pode acometer aos produtores que ainda não colheram é a persistência das precipitações, impedindo a colheita.

Em novembro, a colheita estava praticamente finalizada, com cerca de 97% da área colhida. No momento, a redução de produtividade decorria das geadas, estiagem em setembro e chuvas intensas em outubro e novembro. O clima também prejudicou a qualidade do grão. A cevada, para ser considerada cervejeira, tem que ter abaixo de 11% de grãos germinados, que seria a condição considerada como boa para a qualidade do grão.

Em dezembro, com a colheita concluída, nos 50,2 mil hectares do estado, o rendimento foi ajustado com novas informações, mais uma vez, para baixo. A produtividade média obtida foi de 3.301 kg/ha. A quebra é de aproximadamente 29,5% quando comparado à safra anterior e 11,7% em relação às previsões iniciais. A falta de chuvas nos estádios de floração e frutificação foi a protagonista desta quebra de safra. A qualidade ficou aquém do esperado. Boa parte da produção não apresenta qualidade para malte, ou por alto índice de

Em agosto, assim como acontecia com a cultura do trigo, as condições climáticas melhoraram. Com precipitações em torno de 100 mm, distribuídas ao longo de agosto, as lavouras vêm apresentando bom desenvolvimento, resultado da melhoria do clima e do retorno dos tratos culturais, principalmente a adubação de cobertura, a qual havia sido prejudicada, em parte, pelas baixas precipitações de julho. A cultura se encontrava em desenvolvimento vegetativo (100%) e sua qualidade sanitária e fisiológica era considerada boa.

Em setembro, as condições climáticas pioraram devido à estiagem de aproximadamente 40 dias. Algumas doenças, como o oídio, favorecido pela estiagem, somaram-se ao evento climático e afetaram a cultura negativamente. A cultura se encontrava em fase de granação e alguns fatores de produção, como perfilhamento e tamanho da espiga, já haviam sido afetados pelo clima negativo incidente sobre a cultura.

Em outubro foi constatado que as más condições climáticas na fase de florescimento prejudicaram a etapa posterior (reprodutiva). A fase atual era de gra-



nação/maturação, visto que sua colheita estava programada para meados de novembro.

Em novembro, com o início da colheita, obteve-se informações mais precisas sobre a influência do clima sobre a produtividade e qualidade da cultura. Com aproximadamente 85% das lavouras já colhidas, não só a produtividade sofreu queda nessa safra, mas também a qualidade do produto colhido até agora vem apresentando resultados negativos. Estima-se que apenas 40% dos grãos enquadraram-se como de boa qualidade, podendo ser aproveitados para 64,6% menor do que a safra anterior e 46,5% menor do que a expectativa inicial.

### 8.2.4.3. RIO GRANDE DO SUL

Assim como nos demais estados produtores, no Rio Grande do Sul a indústria cervejeira detém o monopólio da cevada. Em junho, com cerca de 90% da área semeada, a estimativa é de aumento de área em relação à safra anterior. Entre os motivos do aumento, o estímulo da indústria cervejeira continua sendo atrativo para o produtor, assegurando bom preço de comercialização.

Em julho, a cevada seguia com uma situação semelhante às demais culturas de inverno, em fase de desenvolvimento vegetativo e com problemas de estabelecimento, perfilhamento e crescimento.

Em agosto, cerca de 55% das lavouras estavam em estágio de desenvolvimento vegetativo e 45% já no reprodutivo. As condições das lavouras ainda estavam boas, porém, em alguns municípios, o alerta está ligado devido à estiagem, geadas e doenças. A utilização de cultivar suscetível à oídio tem aumentado a ocorrência da doença, mas sem danos significativos.

Em setembro, cerca de dois terços das lavouras se encontravam na fase de enchimento de grãos e um terço em floração. As condições de desenvolvimento da cevada são muito semelhantes às verificadas para o trigo. Apesar dos problemas enfrentados no início do estabelecimento da cultura, os produtores seguem realizando os tratamentos culturais, como aplicação de defensivos e adubação de cobertura. Assim como o trigo, a cevada apresenta desuniformidade, com baixa população e estatura de plantas e alguma incidência de doenças. Cerca de 40 a 50% das lavouras apresentam

condições regulares de desenvolvimento.

Em dezembro constatou-se que a qualidade do produto ficou prejudicada com os fatores climáticos, o que impactou nos preços pagos ao produtor, já que grande parte do produto não se enquadrou nos requisitos necessários ao aproveitamento pela indústria de malte. A produção foi de 2 mil toneladas em uma área de 1,2 mil hectares. A produtividade, de 1.700 kg/ha, foi

condições regulares de desenvolvimento.

Em outubro, a colheita da cevada havia alcançado 50% da área semeada. Nas regiões de Soledade e Cruz Alta, as mais adiantadas na colheita, Passo Fundo, Erechim e Não-Me-Toque, a qualidade do grão não está atingindo classificações mínimas requeridas pela indústria cervejeira. Problemas iniciais na implantação (devido às chuvas), germinação desuniforme, estiagem e geadas ao longo do cultivo e, como se não bastasse, as chuvas na colheita (outubro) contribuíram para o fracasso das lavouras. Nos municípios de Vacaria, Lagoa Vermelha e Caxias do Sul, onde historicamente o cultivo é mais atrasado, as lavouras estão em sua maioria em enchimento de grãos. Além da baixa produtividade, uma pequena parte do produto colhido foi utilizada na indústria cervejeira, sendo a maioria destinado à alimentação animal.

Em novembro, a colheita da cevada tinha atingido 95% da área, restando apenas algumas áreas na Serra que estavam em maturação. Assim como as demais culturas de inverno, as condições meteorológicas durante o desenvolvimento comprometeram tanto a produtividade quanto a qualidade dos grãos. Por outro lado, a cevada foi a cultura que manteve a maior produtividade média, se comparada às demais, embora menor que o verificado na safra passada.

Em dezembro, com a colheita finalizada, a produção foi estimada em 114,3 mil toneladas em 57 mil hectares. A produtividade, de 2006 kg/ha, teve redução de 38,7% em relação à safra anterior e de 12,7% em relação à expectativa inicial. A qualidade do produto nessa safra foi muito ruim, com apenas 27% atingindo as exigências da indústria cervejeira. O restante foi destinado ao consumo animal.



Figura 29 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUL</b>	<b>95,6</b>	<b>108,4</b>	<b>13,4</b>	<b>3.920</b>	<b>2.602</b>	<b>(33,6)</b>	<b>374,8</b>	<b>282,1</b>	<b>(24,7)</b>
PR	42,5	50,2	18,0	4.682	3.301	(29,5)	199,0	165,7	(16,7)
SC	1,3	1,2	(7,7)	4.800	1.700	(64,6)	6,2	2,0	(67,7)
RS	51,8	57,0	10,0	3.274	2.006	(38,7)	169,6	114,3	(32,6)
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>95,6</b>	<b>108,4</b>	<b>13,4</b>	<b>3.920</b>	<b>2.602</b>	<b>(33,6)</b>	<b>374,8</b>	<b>282,1</b>	<b>(24,7)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>95,6</b>	<b>108,4</b>	<b>13,4</b>	<b>3.920</b>	<b>2.602</b>	<b>(33,6)</b>	<b>374,8</b>	<b>282,1</b>	<b>(24,7)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018



## 8.2.5. TRIGO

### 8.2.5.1. BAHIA

Em maio, iniciou-se o cultivo de inverno do trigo no manejo irrigado. As plantas estavam na fase inicial de crescimento vegetativo, apresentando bom desenvolvimento e boas condições de sanidade. A colheita estava estimada para ocorrer em agosto. Os plantios se concentraram no extremo-oeste do estado, irrigado com pivô central, com plantio direto e convencional.

Todo o desenvolvimento da cultura ocorreu normalmente. Nos últimos anos foram testadas diversas va-

### 8.2.5.2. GOIÁS

No estado, as áreas de trigo estão situadas na região leste do estado em altitudes superiores a 800 metros, nos municípios de Cristalina, Luziânia e Água Fria de Goiás. O trigo plantado em Goiás é praticamente todo

### 8.2.5.3. MATO GROSSO DO SUL

Em maio, praticamente toda a área de trigo já estava semeada no estado e se encontrava em pleno desenvolvimento vegetativo (perfilhamento). Como as condições climáticas estavam favoráveis, os produtores seguiam com os manejos e monitoramento constante. A única preocupação dos produtores era uma mudança repentina nas condições climáticas, principalmente em fases de emborrachamento e florescimento, fases mais sensíveis a mudanças climáticas. No entanto, a planta ainda se encontrava praticamente toda em desenvolvimento e o cereal se mostra tolerante a intempéries nesse estágio. Alguns produtores tradicionais expandiram suas áreas com recursos próprios e menores investimentos.

Em junho, as lavouras se encontravam, principalmente, no estágio final de perfilhamento e início de alongamento. O clima continuava favorável ao crescimento e desenvolvimento da cultura, pois as precipitações estavam frequentes em todos os municípios produtores do estado. Em algumas lavouras havia problemas de clorose foliar em decorrência da lixiviação de bases e perdas de Nitrogênio devido às frequentes chuvas durante o outono. Com o início do inverno e a tendência de estiagem para as próximas semanas, os produtores iniciariam aplicações preventivas, tanto para doenças, quanto para pragas, as quais não apresentaram problemas significativos.

Em julho, as lavouras se encontravam, principalmente, nos estágios de frutificação e perfilhamento. O clima não estava favorável ao crescimento e desenvolvimento da cultura, pois houve um veranico de mais de

riedades e as lavouras têm atingido produtividades de até 7.500 kg/ha. Em relação a doenças, quando cultivado em sucessão à cultura do milho, apresentam sintomas de brusone e giberela, causadas por fungos. A principal dificuldade para a implantação da cultura é a falta de uma unidade de processamento do grão (moinho) na região. Atualmente a produção é beneficiada em moinhos no Distrito Federal e em Goiás. Em setembro, com a colheita finalizada, a produção de trigo foi de 30 mil toneladas em 5 mil hectares.

irrigado, através de sistema de pivô central. A produtividade média de 5.330 kg/ha foi 2,9% superior à safra passada. Grande parte da colheita, de 58,6 mil toneladas, ficou na indústria de processamento do estado.

40 dias em todo o estado e a geada ocorrida em julho afetou muito as lavouras do cereal. Além disso, havia relatos de brusone e oídio em muitos campos de produção do cereal.

Em agosto se iniciou a colheita do trigo e alguns problemas surgiram em virtude do clima, afetando a produtividade. O percentual da área colhida era de aproximadamente 43% e os dados confirmaram que muitas dessas áreas foram afetadas pela geada ocorrida em julho. A tendência era de perda da qualidade do trigo em relação à safra passada. Os produtores da região sul do estado citavam o triguilho como principal problema na qualidade, além do PH abaixo do normal em algumas dessas áreas. A sequência de bons preços animou os produtores, porém, com a intensificação da colheita no estado e o trigo proveniente das demais regiões produtoras do país, deixaram os produtores em alerta com relação à redução dos preços. Alguns problemas em relação a doenças foram identificados, caso da brusone, que mesmo com aplicações preventivas, os dias com falta de luminosidade favoreceram o desenvolvimento do fungo. A produtividade esperada já era menor, em comparação à safra anterior, devido à geada que afetou as lavouras. Os danos quantitativos e qualitativos seriam melhores avaliados apenas no próximo levantamento, quando a colheita estaria finalizada.

Em setembro, com praticamente todo o trigo em final de colheita, restavam poucos municípios. Como a maioria dos produtores adotaram recursos próprios para o plantio, além do restrito pacote tecnológico,



a produtividade do cereal ficou abaixo do esperado. Houve poucas adubações nitrogenadas e aplicações de fungicidas no decorrer da safra, ocasionando um PH abaixo do normal, em média de 72 kg/hL (o peso em hectolitro normal deve estar numa faixa entre 76 a 78 kg/hL), caracterizando a cultura, em muitas lavouras, como trigoilho. Alguns produtores acabam estocando os grãos colhidos para fins não comerciais e destinando para ração animal, enquanto o produto de melhor qualidade é comercializado com farinheiras e cooperativas locais.

Em outubro, o trigo estava totalmente colhido. A produtividade do cereal ficou abaixo do esperado, dado aos problemas climáticos e ao pouco aporte tecnoló-

#### 8.2.5.4. DISTRITO FEDERAL

Em maio, o plantio já estava praticamente finalizado, ocorrendo dentro do calendário previsto (20% em fevereiro e 80% em março), ultrapassando o bom estágio de desenvolvimento vegetativo. A colheita era prevista para meados de julho.

Os produtores estavam otimistas em relação ao crescimento de área antes do início da safra, porém, no período de semeadura as culturas concorrentes, como feijão e milho, apresentaram cotações recordes no mercado. Associado a isso, a falta de umidade para implantação das lavouras fez com que o trigo de sequeiro sofresse drástica redução de área. No trigo irrigado, muitos produtores desistiram de plantar pela falta de água para irrigação, destinando os recursos escassos para culturas mais rentáveis, como milho destinado à produção de semente.

#### 8.2.5.5. MINAS GERAIS

Em maio se verificou que houve uma movimentação de área de irrigado para sequeiro por ocasião da realização da intenção de plantio. Os custos da energia elétrica, bem como a restrição de uso de recursos hídricos, motivaram essa decisão. As expectativas eram boas quando se trata de clima, visto que as chuvas de maio, somadas às baixas temperaturas, contribuíram para o bom desenvolvimento da cultura. Por outro lado, havia uma preocupação, especialmente no Triângulo Mineiro, com a presença de brusone. A princípio não foram estimadas grandes perdas por causa da referida doença, entretanto, não se podia subestimá-la, visto o poder devastador dessa. O plantio já havia sido praticamente concluído. Corretores da região do Triângulo, assim como do sul do estado, relataram escassez de semente de trigo para venda, fato que pode comprometer a finalização do plantio.

gico. A seca e geada afetou muito a produção, do ponto de vista quantitativo e qualitativo. Em decorrência disso, houve problemas com grãos chochos e trigoilho. Como a cultura não havia sido totalmente colhida até o início do período chuvoso, ainda ocorreram problemas pontuais de germinação do grão na espiguetta. Dada à baixa produção estadual, menor do que 30% do consumido internamente, houve muita importação de outros estados produtores e de países vizinhos, como a Argentina. Em uma área plantada de aproximadamente 20 mil hectares e produtividade de aproximadamente 1.950 kg/ha, a produção, estimada em 39 mil toneladas, teve variação negativa de 5,8%, em comparação com a safra anterior.

Junho e julho transcorreram sem problemas para a cultura implantada. Em agosto o trigo estava em fase de maturação e a colheita se iniciou. O tricultor da região central do Brasil tem como vantagem o trigo do cerrado, que é o primeiro a ser colhido no país, o que favorece a sua comercialização. Além dos preços atrativos de mercado favorecer também o período de escassez do produto, por ser a entressafra da produção nacional.

Em setembro, a colheita já estava encerrada. A área plantada foi de 0,9 mil hectares. A produtividade média obtida foi de 6.000 kg/ha, resultando em uma produção de 5,4 mil toneladas. A maior parte do trigo cultivado é com irrigação e a crise hídrica fez com que muitos produtores desistissem de plantar.

Em junho se observou que parte da área que inicialmente seria destinada à produção de trigo foi remanejada para o milho ou deixada em pousio. O rendimento do trigo irrigado era condizente com a tecnologia empregada e as condições pluviométricas propiciaram redução de custo de irrigação na região. Entretanto, o sequeiro já apresentava redução devido à presença de Brusone, conforme previsto no levantamento anterior. No Triângulo Mineiro a cultura se encontrava em ponto de maturação, devendo ser colhida nas semanas que se seguiam. Já na região sul do estado, a maior parte da cultura se encontrava em fase de alongação dos colmos. De modo geral, a cultura se desenvolvia bem, como resposta ao clima que está favorável.

Em julho, as lavouras de trigo se encontravam em estádios de granação e, principalmente, maturação no



sul do estado. No Triângulo Mineiro aproximadamente 70% já se encontrava colhido e o restante em ponto de colheita. Houve redução na produtividade devido ao baixo desenvolvimento da cultura em alguns municípios do Sul de Minas e pelo ataque de brusone no Triângulo Mineiro, especialmente nas áreas de baixa tecnologia. Apesar da doença, os grãos colhidos nas áreas tecnificadas eram de boa qualidade, visto que o controle foi realizado de maneira adequada. Havia, na ocasião, relatos de falta de semente para comercialização na região.

Em agosto, o plantio de trigo em Minas Gerais atingiu um recorde de área plantada, somando os sistemas de cultivo de sequeiro e irrigado. O constante crescimento da área nos últimos anos se deve, entre outros, ao fato da cultura constituir uma boa alternativa de aproveitamento do solo no período de inverno, devido às baixas temperaturas registradas nessa época.

#### 8.2.5.6. SÃO PAULO

Na maior parte da região, ao sudoeste desse estado, como o Vale do Paranapanema, o trigo plantado em março até maio sofreu os riscos dos efeitos negativos das estiagens no início do ciclo e de geadas no seu final. A deficiência hídrica, ainda nos períodos de plantio e de espigamento, torna-se um fator de maior risco aos produtores e, conseqüentemente, um limitante a uma maior produção desse cereal naquela região. Os produtores estão bastante desmotivados com essa cultura em face dos baixos preços de mercado. Alguns produtores migraram as áreas para o cultivo de milho segunda safra.

Em junho, o trigo apresentava estimativa de redução na área plantada em relação à safra anterior, fato que se deve basicamente aos preços praticados em nível de produtor. Na safra anterior foram obtidas excelentes produtividades e, naquele momento, o produtor não conseguiu comercializar seu trigo em preços satisfatórios. Além disso, o trigo tem alto custo de produção, pois são lavouras mais suscetíveis às doenças e que demandam mais tratamentos fitossanitários.

Em julho, as lavouras de trigo seguiam em bom estado. As condições climáticas para o cereal de inverno estavam favoráveis. A onda de frio que atingiu o estado recentemente só trouxe benefício para a cultura, pois não houve incidência de geadas. A maioria das la-

ca do ano, muitas vezes restritivas para o plantio de outras culturas. Contudo, além das perdas relevantes no Triângulo Mineiro, houve redução de rendimento também no sul do estado por causa de problemas climáticos na fase de granação da cultura. A colheita já estava praticamente finalizada no Triângulo Mineiro, enquanto no sul do estado, a maior parte estava programada para finalizar até outubro.

Em setembro, a colheita do trigo estava praticamente encerrada, mas os números finais vieram em outubro, com a colheita finalizada, confirmando um recorde de 84,6 mil hectares plantados, somando os sistemas de cultivo de sequeiro e irrigado. Apesar de alguns percalços, o clima, bastante satisfatório, permitiu um aumento de 3% na produtividade em relação à safra anterior, atingindo 2.678 kg/ha. A produção foi de 226,6 mil toneladas.

vouras se encontravam em fase de desenvolvimento e enchimento de grãos. Nessa ocasião foi constatado um aumento da área de trigo, pois a cultura substituiu as áreas que até então seriam destinadas ao milho segunda safra devido à melhora na remuneração do trigo.

Em agosto, as lavouras começaram a ser colhidas e os grãos apresentam boa qualidade. As chuvas, que começaram a cair na região, acelerou o processo de colheita para evitar possível comprometimento da qualidade dos grãos. As cooperativas apontavam para o receio do produtor com a possível sequência de chuva, pois o trigo que foi plantado mais precocemente precisava ser retirado do campo para não correr riscos de danos com a umidade elevada.

Em setembro, os grãos colhidos apresentavam boa qualidade. As condições climáticas para o trigo continuavam favoráveis. A colheita estava em fase final, pois nessas áreas iniciaria o plantio de milho e soja primeira safra.

Em outubro, a colheita foi intensa e as lavouras foram totalmente colhidas, apresentando grãos de boa qualidade. A média de produtividade foi estimada em 3.333 kg/ha. O estado produziu 266,3 mil toneladas em 79,9 mil hectares.



### 8.2.5.7. PARANÁ

Em maio, a área plantada já atingia 65% e a estimativa já apontava redução, quando comparada à safra anterior. Essa redução era resultado dos baixos preços vigentes do cereal. As lavouras estavam em boas condições, decorrência do clima favorável até o momento. As chuvas ocorridas em maio atrapalharam o plantio e geraram perdas pontuais relacionadas à erosão e alagamentos, mas de forma geral, ajudaram o trigo já implantado.

Em junho, o plantio já ultrapassava 90% da área. O início da safra foi mais chuvoso que o habitual e as áreas semeadas mais cedo, que atualmente estariam em floração, foram as que mais sofreram com incidência de doenças, haja visto que os produtores não conseguiram realizar os tratamentos fitossanitários necessários preventivamente. Existiam relatos de Mancha Foliar, Giberela, Brusone e Oídio, as quais foram controladas com uso de fungicidas. Com isso, a maioria das lavouras continuam em condições favoráveis e com boa estimativa de produtividade.

Em julho, o plantio foi concluído. Nessa ocasião, a maior preocupação para a cultura era com o clima, que comprometia significativamente toda a safra. As geadas ocorridas em julho atingiram as lavouras que estavam em estágio de floração, frutificação (fases críticas) e parte das áreas em desenvolvimento vegetativo. Porém, os números de perda pela geada ainda não eram conclusivos e necessitariam de mais uma avaliação. Também era muito visível o efeito da estiagem, onde as lavouras estavam pouco desenvolvidas. Havia relatos sobre a incidência de oídio, fato que tem ocorrido devido à combinação de clima seco e baixas temperaturas, aumentando assim, o número de aplicações de fungicida.

Em agosto, a colheita foi iniciada, atingindo 2% da área plantada e se estenderia até novembro. Os primeiros números de perda pela geada e estiagem co-

### 8.2.5.8. SANTA CATARINA

Em maio, a cultura ainda não havia iniciado a sua semeadura, a qual iria começar em meados de junho, início do período recomendado pelo Zoneamento Agroclimático, estendendo-se até às primeiras semanas de agosto na região Serrana. Havia a intenção, por parte dos produtores, em antecipar o plantio do trigo em algumas regiões, aumentando em junho - dependendo das condições edafoclimáticas -, para evitar que a colheita do cereal interfira no início do plantio da próxima safra de soja. Ainda assim, a maior parte do trigo seria semeada em julho (56%), segundo a perspectiva. A semente utilizada foi, em maior parte,

meçaram a ser contabilizados, apesar de serem conclusivos apenas com o avanço da colheita.

Em setembro, aproximadamente 23% da área se encontravam colhidas. A colheita estava um pouco adiantada, comparada a safras anteriores, devido ao encurtamento do ciclo da cultura, provocada pela estiagem e pelas altas temperaturas nesse mês. O rendimento obtido já estava abaixo do esperado. A qualidade do produto colhido até o momento, por sua vez, era boa.

Em outubro era possível contabilizar uma perda de 33,9% na produção desse grão em relação à safra passada, ou seja, mais de 1 milhão de toneladas a menos de trigo disponível no mercado. Vale ressaltar que, mesmo com a perda na produtividade do trigo, a qualidade do grão, até então, não foi prejudicada demasiadamente. Na ocasião ocorriam chuvas intensas, o que gerava preocupação quanto à qualidade do grão das lavouras ainda por colher, as quais estavam em maturação e, em menor percentual, em frutificação. A comercialização dessa commodity ocorre regularmente, com aproximadamente 36% da safra já vendida.

Em novembro, a colheita da safra de trigo já estava praticamente encerrada, atingindo aproximadamente 99% da área. A comercialização dessa commodity ocorria regularmente, com aproximadamente 53,3% da safra já vendida.

Em dezembro, a colheita estava concluída nos 961,5 mil hectares do estado. O rendimento está sendo ajustado com novas informações, mais uma vez, para baixo. A estimativa se consolidou em 2.308 kg/ha, 26,5% menor que a safra 2016 e 18,6% menor do que as expectativas iniciais. Apesar da queda na produtividade obtida, a qualidade ficou dentro do padrão, devido ao tempo seco durante a colheita, sendo relatadas apenas pequenas parcelas de triguilho.

adquirida junto às empresas locais, principalmente por agricultores que fizeram uso do crédito de custeio, buscado junto às instituições financeiras oficiais. Apesar das informações iniciais ainda serem inconclusivas na ocasião, já que muitos produtores haviam acabado a pouco tempo a colheita da safra de verão, os primeiros resultados mostram um recuo na intenção de plantio da próxima safra. Essa tendência evidenciava o resultado insatisfatório apresentado pelo produto na última safra que, apesar dos altos rendimentos, teve seus preços deprimidos no momento da comercialização, reduzindo a rentabilidade do produtor.



A semeadura do trigo teve início em meados de junho, ocorrendo de acordo com as condições climáticas no decorrer do período, marcadas por chuvas e dias nublados, o que, de certa forma, frustrou um pouco a intenção de muitos agricultores em implantar a cultura mais cedo a fim de que a colheita dessa não interferisse no plantio da safra de verão, como a soja. Assim, em torno de 24% da área havia sido semeada. A ampla maioria das lavouras já implantadas se encontravam em fase de germinação/emergência (70%). As condições delas eram consideradas boas, pois as últimas chuvas ocorreram em volumes adequados, ao contrário das ocorridas no início de junho, quando altos volumes precipitaram por um longo período.

Em julho, as condições climáticas não estavam ocorrendo de forma favoráveis às lavouras. Depois do excesso de chuva em junho, que atrapalhou o início do plantio em algumas regiões, a estiagem, que dura desde o final daquele mês e que avançou nos primeiros dias de agosto, já causava problemas nas lavouras de todas as regiões. Nas áreas implantadas há mais tempo, onde a cultura se encontrava em desenvolvimento vegetativo e perfilhamento, a falta de umidade no solo não dava condições para a aplicação de fertilizantes nitrogenados em cobertura, o que poderia afetar o potencial produtivo de muitas lavouras. Nas lavouras semeadas há poucos dias, a baixa umidade do solo não dava condições ideais para a germinação e, quando esta acontece, não é raro sua desuniformidade. Ainda, após a chuva de fraca intensidade ocorrida no início da segunda quinzena de julho, uma forte massa polar derrubou as temperaturas, favorecendo a ocorrência de geadas por vários dias consecutivos, o que afetou a qualidade de algumas lavouras de trigo, apesar de a cultura ser considerada resistente a essas condições. As lavouras se encontravam totalmente semeadas e estão distribuídas nos estádios de germinação (39%), desenvolvimento vegetativo (37%) e perfilhamento (24%), e sua qualidade pode ser definida como boas (53%), regulares (45%) e ruins (2%).

Em agosto, após a estiagem observada em julho, as chuvas voltaram a ocorrer, normalizando as condições das lavouras de trigo de Santa Catarina. As precipitações voltaram a tempo e permitiram que a grande maioria das lavouras recebessem a primeira adubação de cobertura dentro do período recomendado, o que possibilitou a recuperação de parte do potencial produtivo, com a emissão de novos perfilhos. Ainda assim, as lavouras implantadas mais cedo, cujo estádio de perfilhamento coincidiu com a estiagem, apresentavam redução de seu potencial, haja vista que o número de perfilhos ficou aquém do considerado normal. Ademais, apesar de em menor número, outras lavouras implantadas alguns dias antes do início da estiagem apresentaram problemas de germinação, resultando

em baixo estande e desenvolvimento desuniforme. De modo geral, as lavouras eram consideradas boas, tanto em termos sanitários quanto fisiológicos. O índice de doenças era considerado baixo, resultado do clima ameno e chuvas bem distribuídas nos últimos dias. Diversos são os estádios da cultura, distribuídos entre desenvolvimento vegetativo (2%), perfilhamento (70%), alongamento (25%) e floração (3%).

Apesar de mostrarem melhorias em seu potencial, as lavouras de trigo foram novamente afetadas pela estiagem em setembro, que atingiu praticamente todas as regiões desde o final do mês, a qual coincidiu com as fases mais sensíveis da cultura, floração e granação, as quais representam mais de 90% do estádio atual (61% floração e 30% granação). Com a oscilação do clima, algumas práticas culturais foram afetadas, como a aplicação de adubação de cobertura em época correta.

Em outubro, as lavouras de trigo se encontravam em fase final de desenvolvimento. Na região oeste e meio-oeste, a colheita iniciou em meados de outubro, alcançando em torno de 10% da área total. Nas demais regiões, a operação teve seu início em final de outubro e iria se prolongar até final de novembro e início de dezembro, haja vista que ainda havia lavouras na fase final de formação de grãos, resultado do plantio tardio, influenciado pelo clima instável no final do outono e início de inverno. A instabilidade climática, observada nessa safra, caracterizada por excesso de chuva no início do plantio, estiagem nas fases de floração/granação e chuvas durante a maturação, seriam os fatores principais da queda da produtividade e qualidade do produto. As chuvas ocorridas nos últimos dias de outubro, principalmente na região oeste e meio-oeste, reduziram o PH dos grãos, os quais perderam, além do peso, parte do preço pago ao produtor, pois reduz sua tipificação, enquadrando o produto em categoria inferior. Nas regiões do planalto norte e sul, onde o cultivo estava mais atrasado, as condições atuais se encontravam melhores, o que manteria a qualidade do produto dentro de padrões aceitáveis de comercialização.

Em novembro, com aproximadamente 83% das lavouras já colhidas, a safra de trigo entrava na reta final, com expectativa de se encerrar no começo de dezembro. O resultado obtido até o momento refletia as más condições climáticas atuantes durante boa parte do ciclo da cultura. Mais de 90% das lavouras estavam enquadradas entre regulares e ruins e, por isso, dificilmente teríamos incremento na produtividade, estimada naquele momento. Em termos de qualidade dos grãos, aproximadamente 40% eram considerados bons, 41% regulares e 19% ruins. O PH varia desde 71 a mais de 80, refletindo as oscilações climáticas e tec-



nológicas empregadas durante o desenvolvimento da lavoura.

Em meados de dezembro, as últimas lavouras de trigo foram colhidas. A safra que se encerrava trouxe resultados aquém do esperado em muitas regiões. Fatores de produção, como estande, perfilhamento, número e tamanho de grãos, ficaram abaixo do recomendado, resultando em perdas expressivas em muitas lavouras. As produtividades observadas mostraram diferenças de mais de 50% entre uma região e outra, variando de 1.400 kg/ha a 3.400 kg/ha. A qualidade do produto também deixou a desejar. Em média, 58% dos grãos foram considerados bons, 37% regulares e 5% ruins. O PH, um dos índices usados para classificação e formação de preços, variou desde 72 a mais de 80,

### 8.2.5.9. RIO GRANDE DO SUL

Em maio, o trigo já apresentava tendência de redução na área do estado, muito em razão do baixo preço recebido pelo produto na safra 2016. Em algumas regiões, porém, essa redução poderia chegar a 30-40%, principalmente naquelas em que havia prevalência de grandes produtores. Em regiões com presença maior de pequenos e médios produtores, a tendência é de menor redução ou mesmo a manutenção da área, já que esses produtores têm a necessidade de manter alguma fonte de renda no inverno e, mesmo que a produtividade seja baixa e apenas cubra o custo de produção, haverá benefícios à cultura seguinte, nesse caso a soja. Além disso, produtores familiares têm a possibilidade de acesso ao bônus da PGPAF, o que se torna atrativo caso haja redução do preço no momento da colheita.

Em junho, a semeadura alcançava aproximadamente 60% da área total e estava evoluindo rapidamente, com algumas regiões já apresentando 80% da área semeada. Inicialmente, em algumas regiões, a expectativa era que a redução pudesse ser ainda maior, muito em razão das dificuldades climáticas no início da época de semeadura. Posteriormente, com a melhora dessas condições e a adequada evolução da semeadura, alguns produtores que inicialmente não cultivariam o cereal ou o fariam em área menor, sentiram-se mais motivados, evitando uma redução maior.

Em julho, a semeadura do trigo se encontrava praticamente finalizada, restando apenas cerca de 5% a ser plantada. Em praticamente todas as regiões do estado a cultura se encontrava em estágio de desenvolvimento vegetativo. Já se podia constatar que as condições meteorológicas, observadas desde a semeadura, não iriam proporcionar produtividades semelhantes às verificadas na safra 2016, visto à dificuldade de semeadura devido ao excesso de chuvas e a posterior

dependendo da região produtora e da época em que as lavouras foram implantadas. Na grande maioria, o produto foi enquadrado como comercial, devendo ser aproveitado pelas indústrias de panificação e confeitaria. O produtor vem comercializando sua produção conforme a necessidade e para fechar contratos contraídos anteriormente. Os que firmaram contrato com as empresas para fornecimento de produto para fim específico (confeitaria) estão recebendo valores próximos a R\$ 36,00 por saca de 60 quilos, desde que o produto esteja dentro do tipo exigido pela empresa. Os demais têm recebido desde R\$ 29,00 a R\$ 33,00 a saca, de acordo com a qualidade dos grãos. O estado produziu 141,8 mil toneladas em 53,9 mil hectares. A produtividade média, de 2.630 kg/ha, foi 30,8% inferior à safra 2016 e 11% inferior à estimativa inicial.

estiagem no período de estabelecimento da cultura, reduzindo o crescimento das plantas e impedindo a adubação nitrogenada de cobertura. Na região noroeste do estado o estande desuniforme, pouco perfilhamento e baixa umidade do solo estavam comprometendo as lavouras, que já se encontram 55% boas e 45% regulares. Já em outras regiões, caso chovesse em breve e com auxílio da adubação nitrogenada, ainda seria possível reverter perdas iniciais. Outro fator que provavelmente levaria a uma redução da produtividade do trigo é a baixa tecnologia empregada na implantação da cultura, influenciado pelo baixo preço recebido pelos produtores na safra anterior, que até o momento segue pouco atrativo. Com isso, os produtores reduziram investimento, principalmente em adubação.

Em agosto, a volta das chuvas melhorou o aspecto das lavouras de trigo. Porém, ainda apresentavam estande desuniforme e porte pequeno, comparados à última safra, devido ao retardo no manejo de nitrogênio e a estiagem ocorrida no início do período sazonal. Em Vacaria, a ocorrência de cinco geadas consecutivas prejudicou o desenvolvimento da cultura. O retorno das chuvas, 150 mm nos últimos dez dias de agosto, foi importante para as lavouras, possibilitando aos agricultores realizarem os tratos culturais adequados com o intuito de amenizar os danos da estiagem do período anterior. De maneira geral, as lavouras estão em transição da fase vegetativa (60%) para fase reprodutiva (40%).

Em setembro, as lavouras de trigo se encontravam, em sua maioria, na fase de enchimento de grãos (65%) e floração (20%), com o restante dividido entre maturação e desenvolvimento vegetativo. As regiões localizadas a oeste do estado, mais quentes, encontravam-se mais adiantadas, com grande parte das lavouras



nos estádios de enchimento de grãos e maturação, enquanto que as mais a leste e a sul predominava o estádio de floração. As condições de desenvolvimento no momento eram adequadas devido às chuvas ocorridas recentemente, mas que não reverteu os danos causados pelo excesso de chuva e posterior estiagem durante o início do desenvolvimento da cultura. Em razão das adversidades climáticas, as lavouras frequentemente apresentavam desuniformidade, baixa população e baixa estatura de plantas. Embora fossem realizados os tratamentos culturais recomendados, como aplicação de ureia e defensivos, o potencial produtivo foi muito reduzido. Em alguns lugares foi relatada a solicitação de Proagro por produtores, com severas perdas em suas lavouras, principalmente devido à geada na floração. Ocorreu, principalmente nas regiões mais quentes, forte pressão de doenças, como ferrugem e manchas e, até mesmo, de bacterioses causadas por *Pseudomonas* e *Xanthomonas*.

Em outubro, as lavouras de trigo se encaminhavam para 25% da área colhida, com expectativa de avançar rapidamente nos próximos dias, caso não houvesse excesso de precipitação. Os restantes, por volta de 70%, estavam em maturação e pequena parte, menos de 5%, em final de florescimento nas regiões mais ao sul do estado. Nas regiões das Missões e Alto Uruguai grande parte das lavouras já estavam colhidas, em torno de 60%. As regiões de Santo Ângelo, Ijuí e Cruz Alta estavam com 40% colhidas. Mais ao centro do estado, Sarandi, Não-Me-Toque e Soledade 20%, e sendo iniciada na Serra e Nordeste. As regiões central e campanha tinham próximo de 50% colhidas e a região sul ainda não havia iniciado o processo. O excesso de chuva e as tempestades verificadas durante outubro trouxeram uma série de problemas para a cultura, em especial nas regiões onde ela estava mais avançada, pronta para ser colhida. Nesses locais, a parte que foi colhida antes das chuvas apresentou boa produtividade, superior a 2.000 kg/ha e PH adequado, mínimo 78, porém, após as intensas chuvas e tempestades, a produtividade passou para aproximadamente 1.500 kg/ha e o PH reduziu para níveis entre 70 e 74, o que reduz significativamente a sua qualidade para panificação, sendo destinado majoritariamente para a alimentação animal. Nas regiões mais ao centro e nordeste do estado, onde as lavouras ainda não se encontravam em ponto de colheita, as perdas não foram

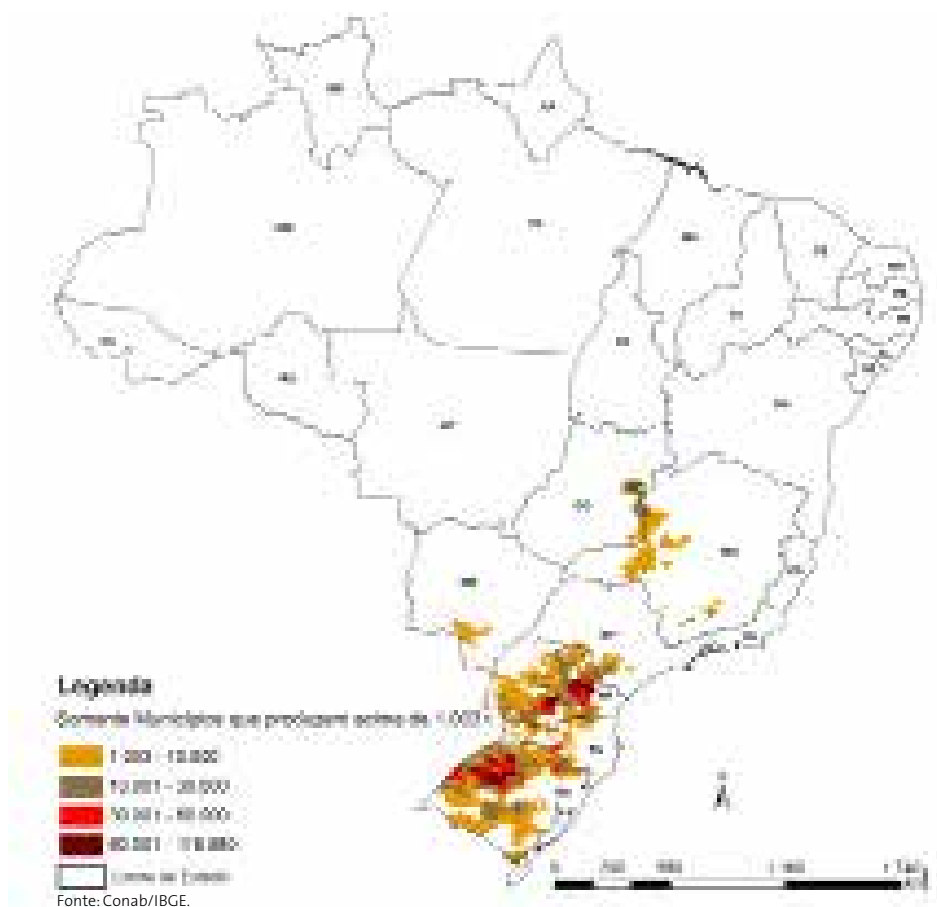
tão severas, mas, mesmo assim, já se esperava uma redução na produtividade, além da maior incidência de doenças fúngicas em razão da umidade. Por fim, em outubro ocorreram geadas tardias que causaram danos nas lavouras em floração.

Em novembro, a colheita atingiu 85%, restando apenas as áreas mais frias, como os Campos de Cima da Serra, que estavam iniciando as operações. As condições meteorológicas adversas durante todo o ciclo da cultura fizeram com que a produtividade e qualidade do trigo fossem severamente comprometidas, visto que apenas cerca de 15% do produto colhido apresentava boa qualidade para o consumo humano. As lavouras das regiões Sul, Campos de Cima da Serra e parte da Serra apresentaram qualidade superior às demais, com boa parte atingindo classificação adequada para panificação, porém, como essas regiões não são tão representativas no estado, a qualidade geral foi muito baixa. Nas regiões mais importantes para a cultura, como Noroeste e Central, quase a totalidade dos grãos colhidos apresentava PH menor que 76 e muitas vezes era enquadrado como triguilho como, por exemplo, em Santo Ângelo, onde 90% do trigo estava com PH em torno de 65.

Em dezembro, a colheita foi encerrada em todo o estado, com confirmação da redução de 48,9% na produção total em relação à safra passada. A produtividade reduziu 43,2% em relação à safra passada e 21,9% em relação às estimativas iniciais, ficando em 1.826 kg/ha. A qualidade dos grãos colhidos foi muito comprometida em virtude das condições meteorológicas ocorridas no período da colheita em boa parte do estado. Pouco menos de 30% do total colhido apresentou alta qualidade para a panificação, 25% qualidade regular e cerca de 45% apresentou qualidade ruim, sendo destinado apenas ao consumo animal. Em razão do período em que ocorreram as chuvas, as lavouras colhidas mais cedo foram as mais afetadas, sendo elas localizadas mais a oeste do estado. Nas regiões da Serra, Campos de Cima da Serra e Sul, por serem mais tardias no cultivo do trigo, a produtividade e qualidade não foram tão afetadas, embora sua representatividade também seja menor. O estado teve uma área de produção de trigo de 699,2 mil hectares, redução de 10% frente à safra 2016.



Figura 30 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Quadro 13 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases\* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safrá 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Oeste Catarinense						P	G/DV	F/FR	FR	M/C	C	
	Norte Catarinense						P	G/DV	F/FR	F/FR	M/C	C	
RS	Serrana						P	G/DV	F/FR	F/FR	M/C	C	
	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas    
  Favorável    
  Média restrição - falta de chuva    
  Baixa restrição - excesso de chuva  
 Restrição por falta de chuva e geadas

\* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

\*\* - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



**Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>NORDESTE</b>	<b>3,0</b>	<b>5,0</b>	<b>66,7</b>	<b>6.000</b>	<b>6.000</b>	<b>-</b>	<b>18,0</b>	<b>30,0</b>	<b>66,7</b>
BA	3,0	5,0	66,7	6.000	6.000	-	18,0	30,0	66,7
<b>CENTRO-OESTE</b>	<b>32,9</b>	<b>31,9</b>	<b>(3,0)</b>	<b>3.657</b>	<b>3.229</b>	<b>(11,7)</b>	<b>120,3</b>	<b>103,0</b>	<b>(14,4)</b>
MS	17,8	20,0	12,2	2.328	1.950	(16,2)	41,4	39,0	(5,8)
GO	14,3	11,0	(23,1)	5.182	5.330	2,9	74,1	58,6	(20,9)
DF	0,8	0,9	12,5	6.000	6.000	-	4,8	5,4	12,5
<b>SUDESTE</b>	<b>161,1</b>	<b>164,5</b>	<b>2,1</b>	<b>2.852</b>	<b>2.996</b>	<b>5,0</b>	<b>459,4</b>	<b>492,9</b>	<b>7,3</b>
MG	84,3	84,6	0,4	2.599	2.678	3,0	219,1	226,6	3,4
SP	76,8	79,9	4,0	3.129	3.333	6,5	240,3	266,3	10,8
<b>SUL</b>	<b>1.921,4</b>	<b>1.714,6</b>	<b>(10,8)</b>	<b>3.190</b>	<b>2.122</b>	<b>(33,5)</b>	<b>6.129,1</b>	<b>3.637,6</b>	<b>(40,7)</b>
PR	1.086,4	961,5	(11,5)	3.140	2.308	(26,5)	3.411,3	2.219,1	(34,9)
SC	58,1	53,9	(7,2)	3.800	2.630	(30,8)	220,8	141,8	(35,8)
RS	776,9	699,2	(10,0)	3.214	1.826	(43,2)	2.497,0	1.276,7	(48,9)
<b>NORTE/NORDESTE</b>	<b>3,0</b>	<b>5,0</b>	<b>66,7</b>	<b>6.000</b>	<b>6.000</b>	<b>-</b>	<b>18,0</b>	<b>30,0</b>	<b>66,7</b>
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>2.115,4</b>	<b>1.911,0</b>	<b>(9,7)</b>	<b>3.171</b>	<b>2.215</b>	<b>(30,1)</b>	<b>6.708,8</b>	<b>4.233,5</b>	<b>(36,9)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>2.118,4</b>	<b>1.916,0</b>	<b>(9,6)</b>	<b>3.175</b>	<b>2.225</b>	<b>(29,9)</b>	<b>6.726,8</b>	<b>4.263,5</b>	<b>(36,6)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018

## 8.2.6. TRITICALE

### 8.2.6.1. SÃO PAULO

No estado, os grãos de triticales são utilizados principalmente para a alimentação animal e, em menor quantidade, na alimentação humana. Todavia, devido ao baixo interesse na triticultura nacional e consequente queda dos preços do trigo em grão, o triticales passou a ser demandado para ração animal, em substituição ao milho devido ao menor custo de produção. Além do uso na ração animal, que varia em face das oscilações do preço do milho, há também a demanda por alimentação humana, onde é misturado ao trigo.

O triticales é cultivado juntamente com as lavouras de trigo, mas ainda assim em áreas menores. Os tratamentos culturais necessários são similares aos do trigo, principalmente no que diz respeito à adubação da área é realizado o plantio. Além disso, possui maior resistência a pragas e doenças, principalmente as causadas por fungos, como a ferrugem. Também apresenta maior resistência aos fatores climáticos, uma vez que assim,

nesse momento, mais uma opção para o produtor. Na utilização como alimentação humana, o triticales apresenta algumas desvantagens se comparadas ao trigo. É um produto de qualidade inferior ao trigo, razão pela qual, seu rendimento na produção de farinha acaba sendo inferior àquela cultura. Outra desvantagem apresentada é pela coloração mais escura da farinha, razão que a faz ser pouco utilizada na indústria de panificação. No que diz respeito ao sabor, os produtos como pães, biscoitos e massas, feitas a partir da farinha de triticales, apresentam um paladar similar ou até melhor, se comparados com os mesmos produtos feitos com farinha de trigo.

Em novembro, a cultura já tinha sido totalmente colhida. A cultura apresentou estabilidade na área e na produtividade, estimadas em 7,5 mil hectares e 2.779 kg/ha, respectivamente. A produção foi de 20,8 mil toneladas.

### 8.2.6.2. PARANÁ

Em maio, da área estimada a ser plantada na safra, 32% já se encontrava concluída. A estimativa de redução de área foi devido, além da pequena expressão econômica do cereal, à pouca disponibilidade de sementes.

Em junho, cerca de 67% já estava concluída. Em julho o plantio atingiu 91% da área estimada. A previsão de queda na produtividade tinha relação com a ocorrência de geadas e estiagem.



Em agosto, o plantio estava praticamente concluído. As lavouras estavam predominantemente em desenvolvimento vegetativo e pequena parcela em floração e frutificação. A expectativa era que a colheita ocorria no período de setembro a novembro.

Em setembro, o plantio havia sido concluído, mas a colheita ainda não tinha iniciado, o que deveria ocorrer a partir de outubro. As lavouras estavam, em sua maior parte, nos estádios de floração e frutificação. Em outubro, com aproximadamente 40% da área já colhida, a previsão de quebra na produtividade estava se confirmando. As más condições das lavouras, que

sofreram estresse hídrico em fase crítica de floração e enchimento de grãos, comprometeram mais ainda o potencial produtivo.

Em novembro, a colheita já estava praticamente concluída, chegando a aproximadamente 92% da área. Aproximadamente 42% da produção havia sido comercializada pelos produtores. Em dezembro, com o término da colheita, a produção foi estimada em 22,3 mil toneladas em 9,8 mil hectares. A produtividade, de 2.277 kg/ha, sofreu redução de 26,5% em relação à safra passada e 9,4% em relação à estimativa inicial.

**Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Triticale**



**Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale**

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
<b>SUDESTE</b>	<b>7,5</b>	<b>7,5</b>	<b>-</b>	<b>2.853</b>	<b>2.773</b>	<b>(2,8)</b>	<b>21,4</b>	<b>20,8</b>	<b>(2,8)</b>
SP	7,5	7,5	-	2.856	2.779	(2,7)	21,4	20,8	(2,8)
<b>SUL</b>	<b>16,0</b>	<b>15,5</b>	<b>(3,1)</b>	<b>2.919</b>	<b>2.110</b>	<b>(27,7)</b>	<b>46,7</b>	<b>32,7</b>	<b>(30,0)</b>
PR	9,7	9,8	1,0	3.097	2.277	(26,5)	30,0	22,3	(25,7)
SC	0,6	-	(100,0)	2.243	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
RS	5,7	5,7	-	2.700	1.826	(32,4)	15,4	10,4	(32,5)
<b>CENTRO-SUL</b>	<b>23,5</b>	<b>23,0</b>	<b>(2,1)</b>	<b>2.898</b>	<b>2.326</b>	<b>(19,7)</b>	<b>68,1</b>	<b>53,5</b>	<b>(21,4)</b>
<b>BRASIL</b>	<b>23,5</b>	<b>23,0</b>	<b>(2,1)</b>	<b>2.898</b>	<b>2.326</b>	<b>(19,7)</b>	<b>68,1</b>	<b>53,5</b>	<b>(21,4)</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018





## 9. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja, da safra 2017/18, estimada com base nos dados de estimativas da produção quarto levantamento e nos preços recebidos pelos produtores em dezembro de 2017, totalizou R\$ 173,13 bilhões. Esse número é 19,3% inferior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 214,50 bilhões.



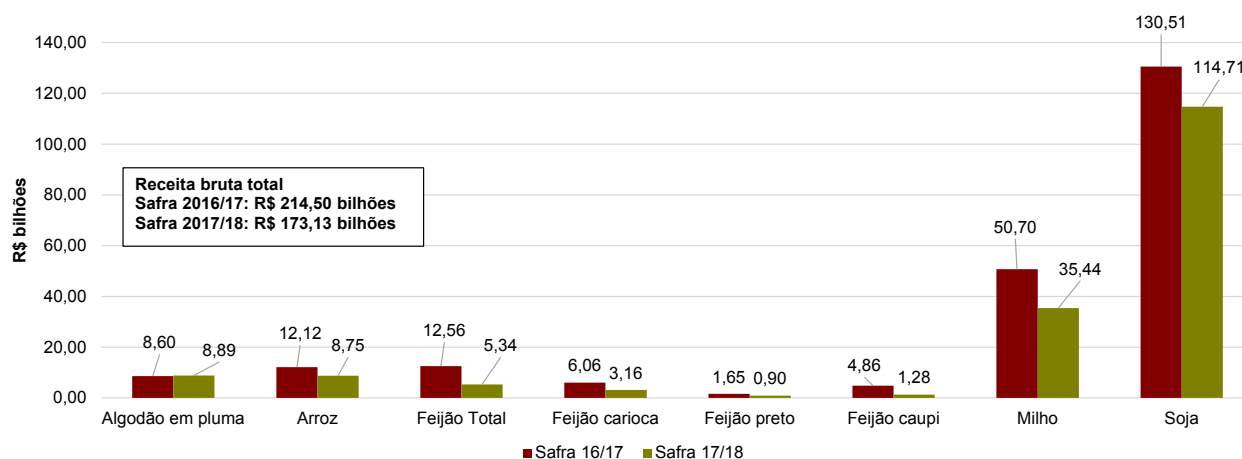
**Tabela 44 – Receita bruta da produção agrícola – Produtos selecionados**

PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões		
	Safra 16/17	Safra 17/18	Variação	Unid.	12/2016	12/2017	Variação	12/2016	12/2017	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	1,53	1,70	11,4%	15	84,36	78,28	-7,2%	8,60	8,89	3,3%
Arroz	12,33	11,62	-5,7%	60	59,00	45,16	-23,5%	12,12	8,75	-27,8%
Feijão Total	3,40	3,31	-2,7%	60	221,71	96,86	-56,3%	12,56	5,34	-57,5%
Feijão carioca	2,18	2,12	-2,5%	60	166,84	89,29	-46,5%	6,06	3,16	-47,8%
Feijão preto	0,51	0,52	3,4%	60	194,49	103,01	-47,0%	1,65	0,90	-45,2%
Feijão caupi	0,71	0,66	-7,6%	60	408,66	116,38	-71,5%	4,86	1,28	-73,7%
Milho	97,84	92,35	-5,6%	60	31,09	23,03	-25,9%	50,70	35,44	-30,1%
Soja	114,08	110,44	-3,2%	60	68,65	62,32	-9,2%	130,51	114,71	-12,1%
<b>TOTAL</b>	-	-	-	-	-	-	-	<b>214,50</b>	<b>173,13</b>	<b>-19,3%</b>

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em janeiro/2018.

**Gráfico 29 – Receita bruta dos produtores rurais– produtos selecionados – Safras 2016/17 e 2017/18**



Fonte: Conab

Nota: Algodão em pluma, Arroz, Feijão, Milho e Soja - Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de dezembro/2016 e dezembro/2017

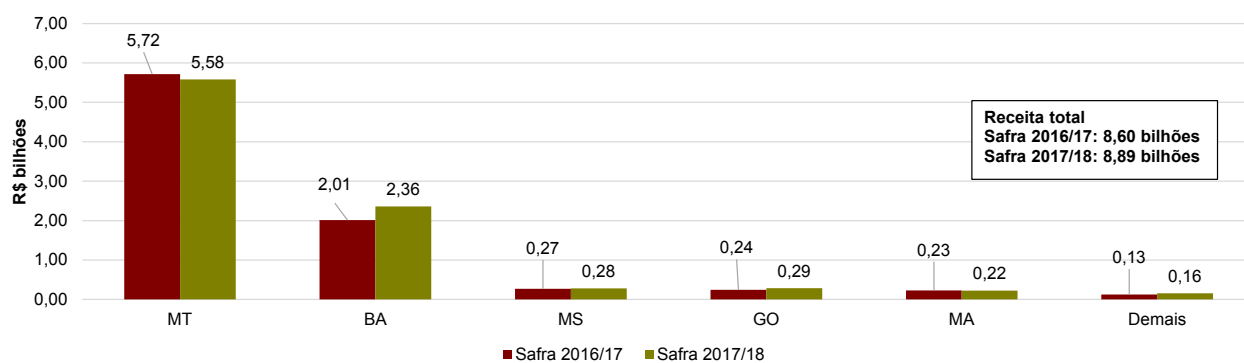
## 9.1. ALGODÃO

A produção do algodão apresenta, segundo o quarto levantamento, um aumento de 11,9% no escopo nacional. Por outro lado, o preço médio nacional para a fibra apresentou uma queda de 7,2%. Essas duas grandezas culminam no valor da receita bruta dos produtores, que apresenta um valor de R\$ 8,89 bilhões para a safra em questão, um aumento de 3,3% em relação à safra anterior, ou seja, o aumento da produção apresentou maior impacto na receita bruta do que a queda relativa dos preços.

As Unidades da Federação com maior produção da fibra supracitada são o Mato Grosso e a Bahia, com 63% e 25%, respectivamente. O valor da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foi de 5,6 bilhões e para a Bahia o valor foi de 2,4 bilhões. É importante ressaltar o grande avanço na produção na Bahia, a qual passou de 346 mil toneladas para 430 mil, um aumento de 24%.



Gráfico 30 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – Dezembro/2016 a dezembro/2017



Fonte: Conab

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18- a preços de dezembro/2016 e dezembro/2017

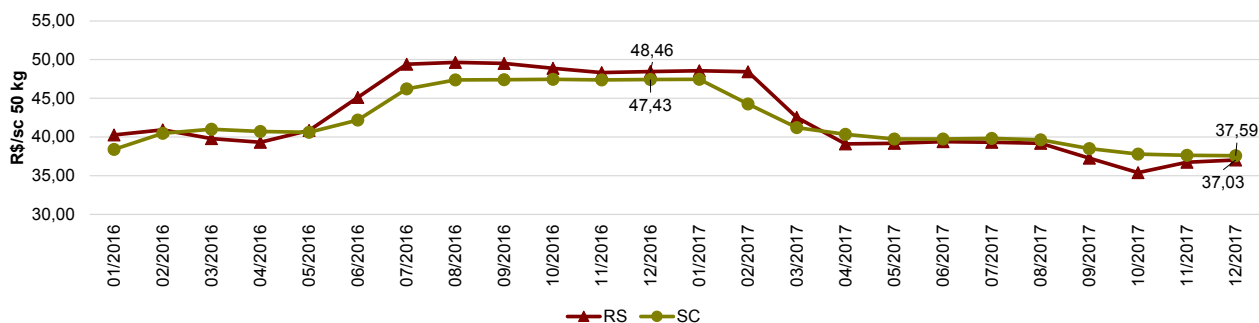
## 9.2. ARROZ

O cereal tem sua produção fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, fator que indica forte participação dos estados produtores do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. Nas referidas Unidades da Federação supracitadas, observam-se diminuições

nas produções de 5%.

Além disso, diminuições relevantes nos preços médios praticados também foram observadas, quando comparados os valores de dezembro de 2016 e dezembro de 2017.

Gráfico 31 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores

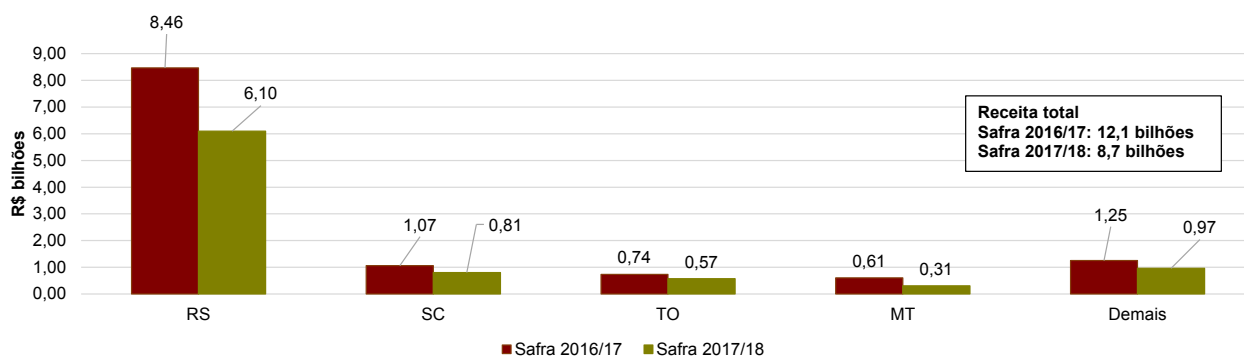


Fonte: Conab

Esses dois fenômenos culminaram na diminuição da estimativa da receita bruta para os produtores de ar-

roz, quando comparada com o mesmo período do ano anterior, o decréscimo foi de 27,8%.

Gráfico 32 – Receita bruta dos produtores rurais – Arroz em casca – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18- a preços de dezembro/2016 e dezembro/2017

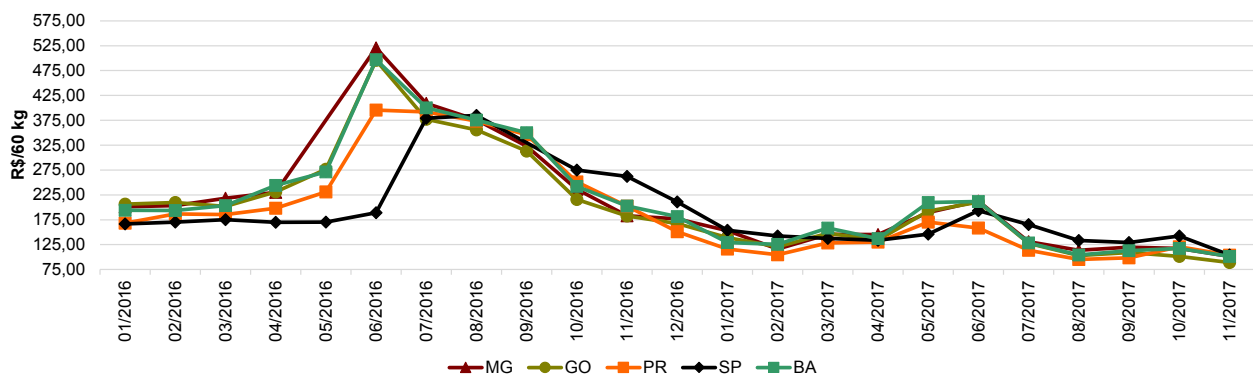


### 9.3. FEIJÃO-CARIOCA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo 3 distintas safras, que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-carioca, observa-se decréscimo na produção em distintos estados produtores, na safra em análise, contudo os maiores estados produtores, Minas Ge-

rais e Paraná, não apresentam queda (manutenção ou crescimento suave). Além disso, há uma tendência de queda nos preços praticados com o produtor ao compararmos os valores de dezembro de 2016 e dezembro de 2017.

Gráfico 33 – Feijão-carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores

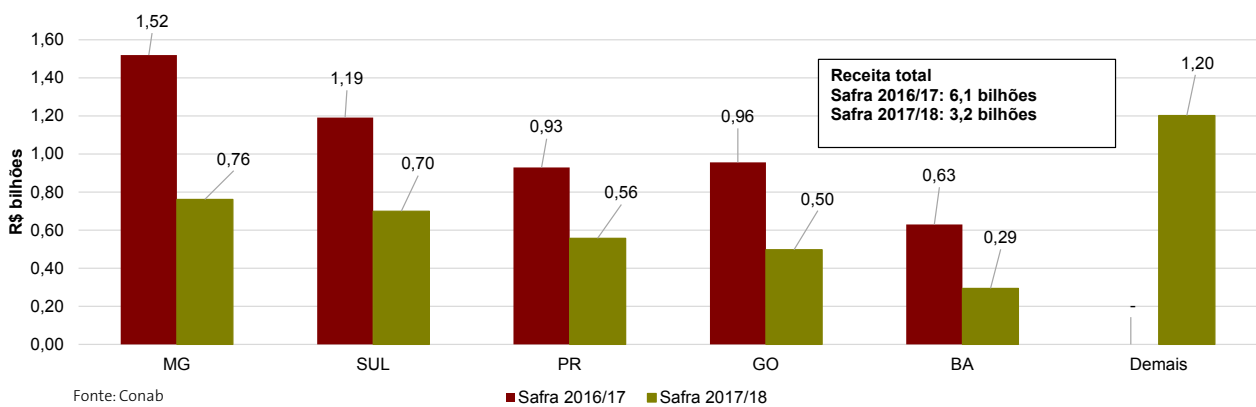


Fonte: Conab

Essa forte diminuição nos preços acarretou em forte queda na estimativa da receita bruta total para o feijão-carioca, apresentando valor de 3,2 bilhões para

2017/18, 47,8% menor do que o observado na safra anterior, de 6 bilhões em 2016/17.

Gráfico 34 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão carioca – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de dezembro/2016 e dezembro/2017

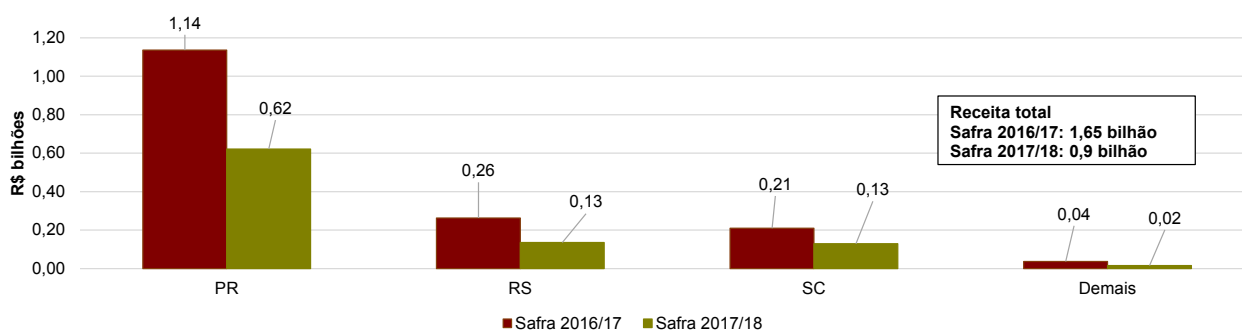
### 9.4. FEIJÃO-COMUM PRETO

A cultura de feijão-comum preto, fortemente concentrada na Região Sul, apresenta comportamento distinto ao feijão-carioca, ou seja, crescimento sutil na sua produção e queda considerável nos preços recebidos pelo produtor. Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 94% da produção do feijão-comum preto. O Paraná apresenta crescimento de 2,2% na produção, todavia, encontra-se decréscimo de 46,4% nos preços recebidos, situação semelhante

ocorre com Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A partir desse cenário de suave crescimento na produção e forte queda nos preços praticados a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2017/18, foi de 0,9 bilhões de reais. Esse valor é 45,2% menor que o observado na safra 2016/17 de 1,65 bilhão.

**Gráfico 35 – Receita bruta dos produtores rurais– Feijão comum-preto – Safras 2016/17 e 2017/18**



Fonte: Conab

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18- a preços de dezembro/2016 e dezembro/2017

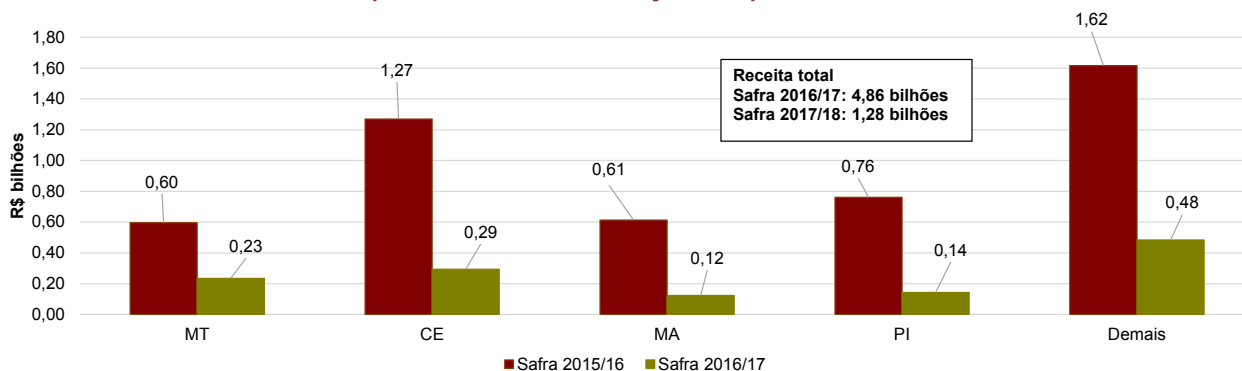
## 9.5. FEIJÃO-CAUPI

O feijão-caupi se encontra em maior produção na Região Norte/Nordeste do que na Região Centro-Sul. De forma semelhante às demais variedades do feijão, observa-se decréscimo na produção nacional de 7,6% e forte diminuição nos preços médios nacionalmente.

produtor do feijão-caupi, também é observado um pequeno aumento na produção e forte decréscimo nos preços, 2% e 61%, respectivamente. Isso posto, a receita bruta total do feijão-caupi para a safra 2017/18, está estimada em 1,3 bilhão de reais, 70% menor que o estimado para a safra 2016/17(4,8 bilhões).

Nesse cenário, com a presença do Mato Grosso, maior

**Gráfico 36 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão-caupi – Safras 2016/17 e 2017/18**



Fonte: Conab

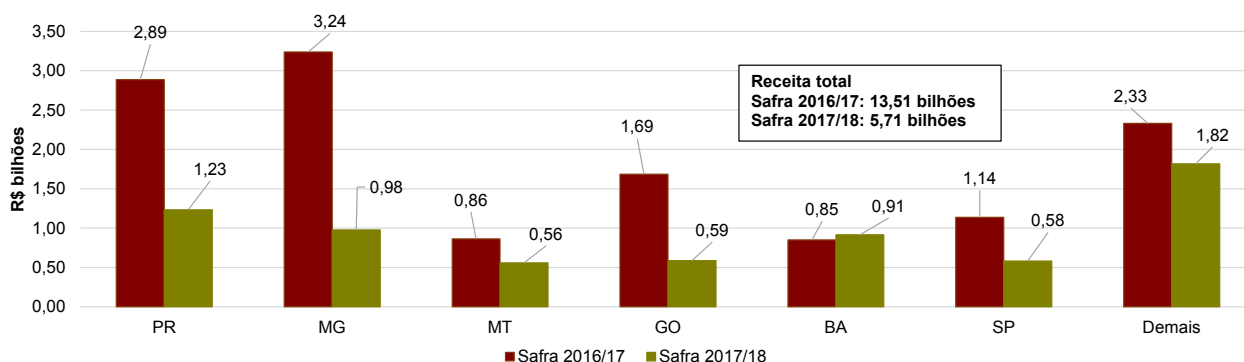
Nota: Safras 2016/17 e 2017/18- a preços de dezembro/2016 e dezembro/2017

## 9.6. FEIJÃO TOTAL (CARIOCA, PRETO E CAUPI)

Consolidando os valores estimados, para a receita bruta do feijão-carioca, do preto e do caupi, obteve-se

a receita bruta do total de feijão de R\$ 12,56 bilhões na temporada 2016/17 e R\$ 5,34 bilhões em 2017/18.

**Gráfico 37 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão total – Safras 2016/17 e 2017/18**



Fonte: Conab

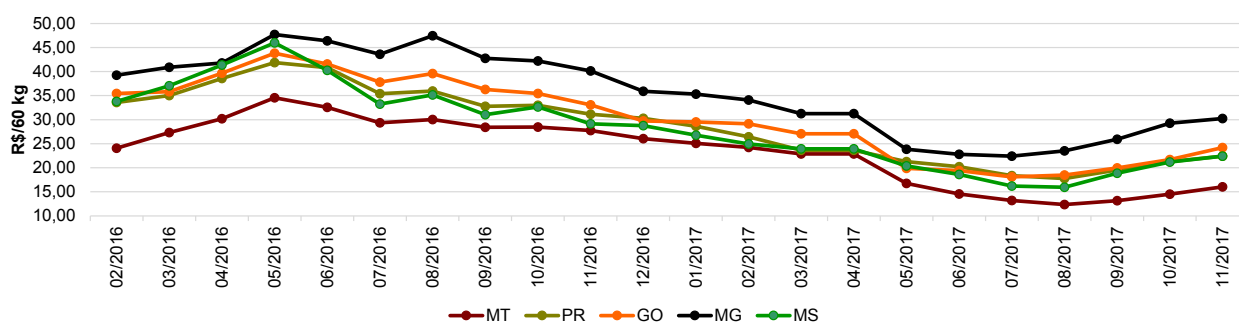
Nota: Safras 2016/17 e 2017/18- a preços de dezembro/2016 e dezembro/2017

## 9.7. MILHO

O cereal apresenta duas safras e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todos as Unidades da Federação. Os dois maiores estados produtores são o Mato Grosso e o Paraná, com 30% e 17% da produção nacional, respectivamente.

Os preços internos aparentam retomada para os próximos períodos. Entretanto, na comparação de dezembro de 2016 e dezembro de 2017, os preços recebidos pelos produtores apresentam queda média de 25%.

**Gráfico 38 – Milho – preços nominais recebidos pelos produtores**

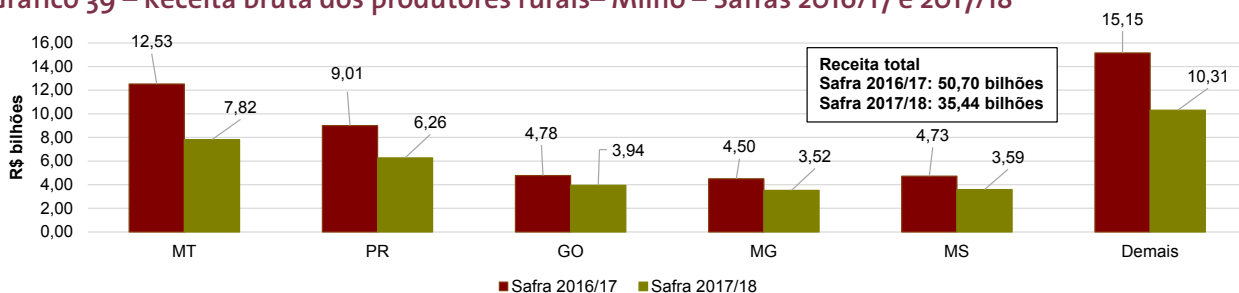


Fonte: Conab

A produção nacional apresentou tendência de diminuição na produção, inclusive nos maiores estados produtores, além disso, a queda observada nos preços praticados foi mais impactante no cálculo da receita

bruta. A estimativa da receita bruta total para o milho foi de 35,4 bilhões de reais para a safra 2017/18. Já para a safra de 2016/17, observa-se a estimativa de 50,7 bilhões, ou seja, uma queda no valor da receita de 30%.

**Gráfico 39 – Receita bruta dos produtores rurais– Milho – Safras 2016/17 e 2017/18**



Fonte: Conab

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18- a preços de dezembro/2016 e dezembro/2017

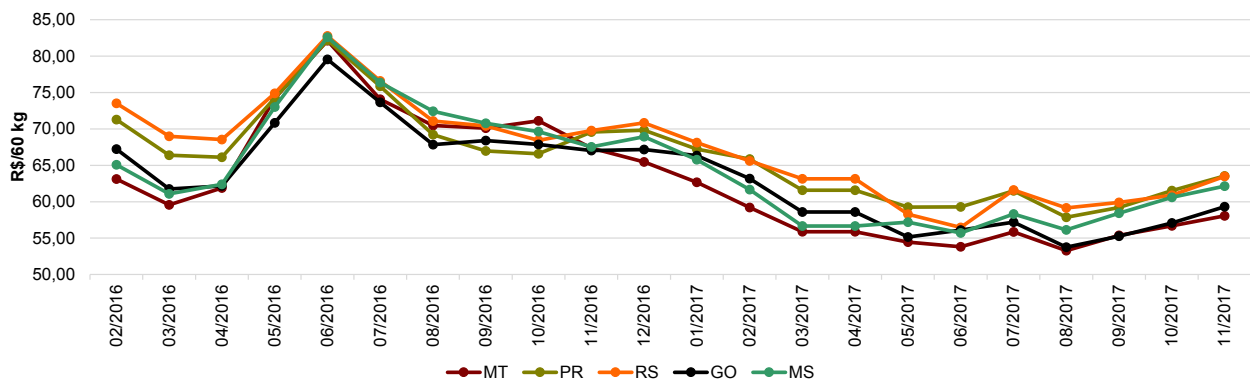
## 9.8. SOJA

Após sucessivas safras com aumentos na produção de soja, observa-se, na projeção para a safra 2017/18 uma pequena diminuição na produção. A produção da safra 2016/17 foi calculada em 114 milhões de toneladas, já para a safra 2017/18 existe a projeção de 110 milhões de toneladas, um decréscimo de 3,2%. As unidades da Federação, caracterizadas como grandes produtoras,

como Mato Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, também experimentam projeções de queda de 1,3%; 6,7% e 6,7%, respectivamente.

Além disso, os preços da oleaginosa sofreram decréscimos em todos os 16 estados produtores, com queda média de 9% nos preços recebidos pelos produtores.

Gráfico 40 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab

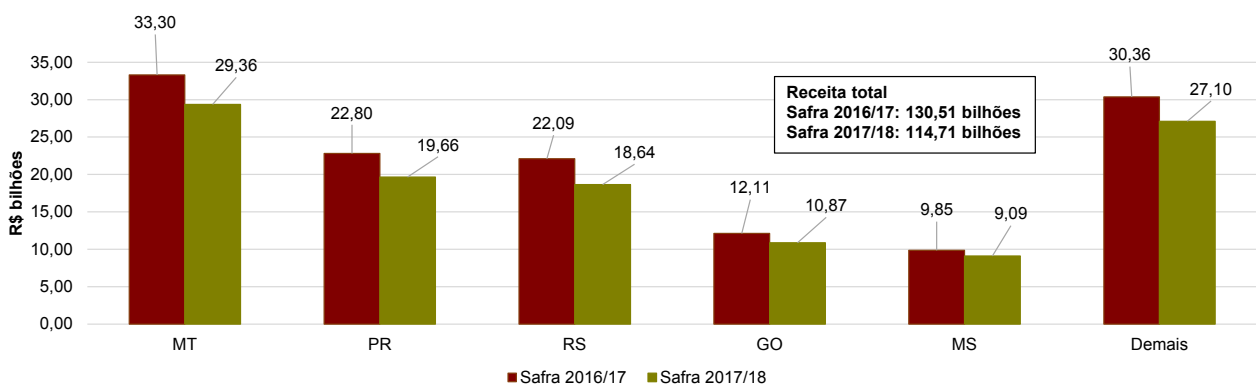
Isso posto, o movimento de decréscimo na produção em paralelo com a queda nos preços recebidos pelo produtor culminou em uma queda na estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2017/2018. De forma particular, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de 29,36 bilhões de reais para a temporada 2017/18. Já para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em 33,3 bilhões, com decréscimo relativo de 12%.

serva-se aumento apenas na receita bruta estimada para o Maranhão, com valor de 3,02 bilhões de reais (2,8%). Já para os demais estados observam os seguintes valores: 2,97 bilhões em Tocantins; 1,83 bilhão no Piauí e 4,9 bilhões de reais na Bahia, o que representa queda de 11%; 27% e 19%, respectivamente.

Diferente do observado em momentos anteriores, nas Unidades da Federação, que formam o Matopiba, ob-

Portanto, a estimativa total para a receita bruta da soja, na safra 2017/18, foi de 114,7 bilhões de reais, frente à estimativa de 130,5 bilhões da safra anterior, um decréscimo de 12%.

Gráfico 41 – Receita bruta dos produtores rurais– Soja – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab

Nota: Safras 2016/17 e 2017/18 - a preços de dezembro/2016 e dezembro/2017



## 10. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

### 10.1. ALGODÃO

#### 10.1.1. PANORAMA MUNDIAL

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac) em seu relatório semanal de 26 de dezembro de 2017, a estimativa da produção mundial de pluma, na safra 2016/17, é de 22,99 milhões de toneladas e se projeta para a safra 2017/18 uma produção de 25,43 milhões de toneladas. Esse resultado significaria um aumento de 10,61% na produção. Comparando-se à projeção para a safra 2017/18, com o total produzido na safra 2015/16, que foi de 21,483 milhões de toneladas de pluma, o aumento seria de 18,37%.

Ainda de acordo com o Icac, o consumo mundial estimado é de 24,52 milhões de toneladas em 2016/17, já para a safra 2017/18, a previsão é que o consumo fique em 25,22 milhões de toneladas. Em se confirmando as previsões expostas acima, a produção mundial voltaria a ser maior que o consumo em 2017/18, depois de permanecer dois anos-safras inferior.

#### 10.1.1.1. PANORAMA NACIONAL

De acordo com o quarto levantamento, a produção de algodão, estimada para a safra 2017/18, é de 1.703,4 mil toneladas de pluma, esse volume é 11,4% superior ao que foi produzido na safra anterior, que foi de 1.529,5

mil toneladas. Apesar do aumento estimado para a produtividade ser de apenas 0,4%, a companhia estima um aumento de 11,9% na área.

A expectativa para a safra 2017/18 é que o clima apresente normalidade novamente. Diante disso, e do fato

dos preços continuarem remuneradores, o produtor sentiu confiança em aumentar a área destinada ao algodão.

## 10.2. ARROZ

Em novembro, o Brasil exportou 95,3 mil toneladas de arroz base casca e importou 65,1 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$491,57 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, mantiveram-se em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em novembro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 51,9 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$ 376,33 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados do Sudeste. Sobre a Argentina e o Uruguai, o produto importado vem sendo direcionado principalmente para São Paulo e Rio Grande do Sul. Para o final da comercialização da safra 2016/17, a previsão é de uma importação de mil toneladas e exportação de 800 mil toneladas.

Acerca do consumo, esse é estimado em torno de 11,5 milhões de toneladas para a safra 2016/17 em virtude

do cenário econômico brasileiro. Para a safra 2016/17, projeta-se um consumo superior por volta de 12 milhões de toneladas, volume semelhante à média identificada antes do período de recessão brasileira. Sobre a produção nacional, a safra de arroz 2017/18 deverá ser 5,7% inferior em relação à safra 2016/17, atingindo 11,6 milhões toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão do atraso de parte das áreas no Rio Grande do Sul e à menor capitalização dos produtores, que deverão reduzir a quantidade de insumos nas lavouras. Sobre a balança comercial, a expectativa é de equilíbrio na próxima safra, como reflexo de um possível arrefecimento dos preços internos mais competitivos em virtude de uma esperada desvalorização da moeda nacional no ano de 2018.

Com base no cenário descrito no quadro de suprimento, espera-se uma amena redução dos estoques de passagem, sendo previsto um estoque final de 1.458,6 mil toneladas para a safra 2016/17 (fevereiro de 2018) e de 1.080,6 mil toneladas para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019).

## 10.3. FEIJÃO

### Feijão-comum cores

O mercado atacadista de São Paulo encerra dezembro com um expressivo volume de sobras devido à fraca demanda. Muitos compradores adquiriram o mínimo necessário de mercadorias para honrar seus compromissos devido às dificuldades que estão encontrando no repasse de preços para o setor varejista. A origem do produto colocado à venda foi, na sua totalidade, do interior do próprio estado.

O mercado permanece calmo desde meados de novembro e nem mesmo a oferta mais restrita foi suficiente para uma melhoria dos preços, pelo contrário, eles recuaram. Os corretores esperavam um mercado mais equilibrado, no entanto, sentem-se, antecipadamente, os reflexos de dezembro, quando as vendas normalmente são mais fracas por causa das festas de final de ano e férias escolares.

Com relação à primeira safra da temporada 2017/18, no Paraná, cerca de 10% da área foram colhidas e as lavouras atravessam os seguintes estágios: 20% em

desenvolvimento vegetativo, 20% em floração, 30% em frutificação e 30% em maturação. Já em São Paulo a safra está concluída, e em razão do baixo interesse de compras, a oferta está saturando o mercado. Consequentemente, não se espera em curto prazo uma recuperação dos preços praticados atualmente, a não ser por uma frustração da safra ou uma retomada da demanda.

Ainda, como boa parte dos empacotadores, que não têm maiores compromissos com o setor varejista (não tem contratos), deve entrar em férias coletivas, e, provavelmente, não vão formar estoques, correndo o risco de os preços recuarem, também contribuindo para a expressiva queda na demanda.

Contudo, a safra em curso apresenta um volume de produção inferior ao registrado em 2016/17 e, caso ocorra qualquer problema climático, o quadro de suprimento ficará bastante apertado, podendo contribuir para uma recuperação dos preços ao produtor.



## Feijão-comum preto

No mercado atacadista de São Paulo, os preços apresentaram uma expressiva desvalorização devido ao aumento da oferta e fraca demanda. As mercadorias importadas têm influído negativamente nas cotações do produto, ao produtor, e o consumo segue retraído nas principais praças de consumo do país.

O estoque remanescente de posse dos produtores e a

### Suprimento

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história em razão do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas.

No trabalho em curso, optou-se por um consumo de 3,3 milhões de toneladas, ou seja, 100 mil toneladas abaixo do registrado na temporada anterior.

Dessa forma, prevê-se o seguinte cenário: compu-

oferta oriunda da nova safra, no Paraná, ainda que pequena, estão sendo suficientes para garantir o abastecimento com folga, passando certa tranquilidade para que os comerciantes programem suas aquisições. Com isso, o ritmo de vendas segue fraco e as cotações em queda, com poucas perspectivas de melhora em virtude da intensificação da colheita da primeira safra no Sul do país.

tando as três safras, a estimativa da Conab chega em uma produção média de 3.296,9 mil toneladas, o que representa uma variação negativa de 3% em relação à temporada 2016/17.

Partindo-se do estoque inicial de 260,5 mil toneladas, o consumo de 3,3 milhões de toneladas, as importações em 120 mil toneladas e as exportações de 125 mil toneladas, resultarão em um estoque de passagem na ordem de 252,4 mil toneladas, o que corresponde cerca de um mês de consumo.

## 10.4. MILHO

### 10.4.1. MERCADO INTERNACIONAL

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) divulgou no dia 12 de dezembro de 2017 o quadro de oferta e demanda mundial. Quase não houve mudanças no quadro de oferta e demanda mundial divulgado, comparado ao de novembro de 2017. A oferta mundial continua muito alta e os estoques de passagem foram elevados para 227,34 milhões de toneladas, ou seja, um novo recorde histórico. O Usda estima que a produção mundial de milho deva ultrapassar 1 bilhão de toneladas e, mesmo com um consumo também acima de 1 bilhão, os estoques finais devem ficar gerando uma relação estoque/consumo bastante confortável, de 19,11%.

O maior produtor mundial de milho, os Estados Unidos, tem elevado o consumo doméstico do milho para produção de etanol, o que fez com que o Usda reduzisse os estoques de passagem americano da safra 2017/18 para 61,92 milhões de toneladas, gerando assim, um percentual de estoque/uso de 16,83%.

Os preços na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) continuam em baixa, mas em dezembro ficou praticamente constante, o principal fator para esses preços em baixa são a ampla oferta do milho no mundo e nem mesmo o aumento do consumo nos Estados Unidos tem conseguido oferecer suporte aos preços.

## 10.5. SOJA

### 10.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

Sem grandes novidades no quadro de oferta e demanda mundial, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda), o fato mais relevante foi a redução das exportações americanas de soja em grãos em aproximadamente 1,11% em relação ao divulgado no relatório do Usda de novembro. Devido a esta redução, os estoques de passagem americanos fecharam em dezembro de 2017 em mais de 12,12 milhões de toneladas.

Apesar de um alto estoque de passagem, os preços internacionais se mantiveram praticamente constantes em dezembro, cotado em média ao valor de US\$ 9,71/bu (US\$ 356,83/t). Mesmo assim, menores que os preços médios estimados em novembro, de US\$ 984,18/bu (US\$ 361,60/t).

Caso não haja nenhuma surpresa no mercado internacional e principalmente climática, os preços em 2018 devem continuar oscilando entre US\$ 9,50/bu e US\$



10,00/bu, como ocorrido em 2017. Os Estados Unidos devem manter a área ou ter um leve aumento na safra 2018/19 em relação à safra 2017/18, pois os preços baixos no mercado internacional do milho continuam dando espaço para que a soja seja mais rentável.

As exportações e as vendas para exportações americanas continuam bem abaixo do esperado para a sa-

### 10.5.2. MERCADO NACIONAL

Diante de um clima bastante propício ao desenvolvimento da lavoura nos principais estados produtores de soja, a safra brasileira de grãos foi estimada em 110,437 milhões de toneladas, mas há possibilidade de que, caso não haja nenhum problema climático nos estágios mais críticos da lavoura, como floração e enchimento de grãos, a produtividade pode ser melhor que a estimada no momento.

Assim, levando em consideração o número preliminar de produção, as exportações foram calculadas em apenas 65 milhões de toneladas, com um aumento estimado de 1 milhão de toneladas em relação ao levantamento passado. Mas, provavelmente, não será esse valor, pois a demanda internacional por soja em grãos está cada vez mais aquecida e não deve diminuir em 2018. Assim como as exportações, a demanda interna de soja em grãos para 2018 deve ser maior que o valor de 41,5 milhões de toneladas, estimada para o

### 10.6. TRIGO

O mercado tritícola se manteve arrefecido ao longo de dezembro, com moinhos trabalhando com capacidade ociosa e disputando o trigo de melhor qualidade, sobretudo aquele colhido na safra anterior, o que fez com que as cotações dos grãos se valorizassem no período. O preço médio pago ao produtor pela saca de 60 quilos do trigo pão, PH 78, foi de R\$ 34,49 no Paraná e R\$ 29,76 no Rio Grande do Sul, representando altas de 2,01% e 0,36%, respectivamente, em relação a novembro.

Apesar da menor demanda pelos derivados, os preços das farinhas voltaram a acompanhar as cotações do grão, fato que não se observou de maneira regular ao longo de 2017. Em dezembro, a saca de 50 quilos da farinha de trigo especial foi comercializada no atacado paranaense por um preço médio de R\$ 81,25, valor 5% superior ao de novembro. Ainda assim, as cotações se mantiveram em patamares inferiores aos registrados ao final do ano de 2016. Tal conjuntura contribuiu para a redução das margens de comercialização nos moinhos e para o favorecimento do consumidor final, que passou a encontrar produtos a preços mais atrativos

fra atual e caso os americanos continuem a segurar as exportações devido aos baixos preços, isso deve impactar nos preços internacionais. E principalmente, caso os americanos resolvam “se desfazer da safra velha”, para início da safra nova, aumentando suas exportações, isso poderá ocorrer exatamente no período de maior exportação brasileira, que são em março, abril e maio de 2018.

ano de 2017, ficando provavelmente em torno de 43,5 a 44 milhões de toneladas, hoje estimadas em 43 milhões de toneladas.

Os estoques de passagem da safra 2016/17 tiveram uma forte redução devido a altas exportações ocorridas em dezembro de 2017, as exportações brasileiras de soja fecharam dezembro estimada em 2,35 milhões de toneladas, o maior valor exportado em dezembro, historicamente, e 300% maior que a média dos últimos cinco anos.

O Brasil soma um total de 68,15 milhões de toneladas de soja em grãos exportados, 32% a mais que em 2016. Dessa forma, as exportações de soja em grãos, no ano de 2017, somaram mais de US\$ 25,71 bilhões, somados ao valor exportado de óleo de soja e farelo de soja, o complexo soja exportou o valor aproximado de US\$ 32 bilhões.

no atacado e varejo.

Conforme levantamento realizado pela Conab em dezembro, a produção de trigo, estimada para a safra 2017/18, foi de 4.263,5 mil toneladas, o que representa uma redução de 36,6% em relação à produção recorde ocorrida na safra anterior, quando o Brasil colheu 6.726,8 mil toneladas. Na comparação com o levantamento realizado em novembro e divulgado no início de dezembro, houve apenas um pequeno ajuste na produtividade no estado de Santa Catarina, modificando de forma pouco significativa o último valor divulgado.

Considerando a redução da quantidade e qualidade da produção brasileira, o volume de trigo importado em dezembro correspondeu a 420,8 mil toneladas, quantidade 41% inferior à registrada no mesmo período do ano anterior. No mês, o cereal foi importado de quatro países, sendo a Argentina o principal fornecedor, com 86,36% do total, enquanto que o Canadá participou com 11,53%, o Paraguai com 1,24% e a França com 0,88%. Os principais destinos do trigo estran-



geiro foram os estados de São Paulo (19,66%), Ceará (14,98%) e Rio Grande do Sul (14,45%) que, juntos, foram responsáveis por aproximadamente metade das importações realizadas. Nesse mesmo período foram exportadas 40,8 mil toneladas de trigo em grãos a partir do Rio Grande do Sul, tendo como único destino o Vietnã, a um valor médio de US\$ 173,63 por tonelada.

Apesar das expectativas acerca da retomada do crescimento econômico do país, a menor demanda pelos

derivados ensejará um processamento de cerca de 11 milhões de toneladas para a safra 2017/18, sendo reservadas aproximadamente 288 mil toneladas para semente, o que totalizará um consumo na ordem de 11,3 milhões de toneladas. Apesar dos altos estoques, é prevista uma importação de 7,2 milhões de toneladas para fazer frente ao consumo nacional. Por fim, espera-se que sejam exportadas 600 mil toneladas de trigo nessa temporada, valor próximo ao registrado na safra 2016/17.

**Tabela 45 – Suprimento e uso de trigo em grão no Brasil - agosto-julho**

SAFRA	ESTOQUE INICIAL (01 DE AGOSTO)	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	EXPORTAÇÃO	CONSUMO INTERNO			ESTOQUE FINAL (31 JUN)
						MOAGEM INDUSTRIAL	SEMENTES (1)	TOTAL	
2012/13	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	1.683,9	9.850,0	284,3	10.134,3	1.527,6
2013/14	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	47,4	11.050,0	331,5	11.381,5	2.268,9
2014/15	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.300,0	413,7	10.713,7	1.174,6
2015/16	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.000,0	367,3	10.367,3	809,3
2016/17	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	576,8	11.200,0	317,7	11.517,7	2.530,1
2017/18 (1)	2.530,1	4.263,5	7.200,0	13.993,6	600,0	11.000,0	287,6	11.287,6	2.106,0

Fonte: Conab.

Nota: (1) Estimativa



**Tabela 46 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas**

PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	40,0	1.770,8	690,0	685,0	395,8
	2017/18	395,8	1.703,4	10,0	2.109,2	720,0	950,0	439,2
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.000,0	13.758,6	11.500,0	800,0	1.458,6
	2017/18	1.458,6	11.622,0	1.000,0	14.080,6	12.000,0	1.000,0	1.080,6
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	150,0	3.735,5	3.350,0	125,0	260,5
	2017/18	260,5	3.307,3	120,0	3.687,8	3.300,0	125,0	262,8
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.639,8	18.883,2	6.949,9
	2016/17	6.949,9	97.842,8	800,0	105.592,7	56.165,3	30.500,0	18.927,4
	2017/18	18.927,4	92.347,7	400,0	111.675,1	58.500,0	30.000,0	23.175,1
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.587,8	1.476,2
	2016/17	1.476,2	114.075,3	300,0	115.851,5	45.781,0	68.154,5	1.916,0
	2017/18	1.916,0	110.437,9	400,0	112.753,9	47.281,0	65.000,0	472,9
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	31.955,0	1,0	33.800,8	17.000,0	14.500,0	2.300,8
	2017/18	2.300,8	33.110,0	1,0	35.411,8	17.500,0	15.000,0	2.911,8
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.092,5	40,0	8.701,5	6.800,0	1.400,0	501,5
	2017/18	501,5	8.385,0	40,0	8.926,5	6.800,0	1.500,0	626,5
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.263,5	7.200,0	13.993,6	11.287,6	600,0	2.106,0

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em dezembro 2017/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.





---

Distribuição:  
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)  
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)  
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)  
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)  
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF  
(61) 3312-6277  
<http://www.conab.gov.br> / [geasa@conab.gov.br](mailto:geasa@conab.gov.br)





MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA, PECUÁRIA  
E ABASTECIMENTO

